

TEREZA CRISTINA BRITO DE CARVALHO

Contabilidade e Uberização? A percepção dos profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis acerca das transformações no mercado de trabalho

Rio de Janeiro

2023

TEREZA CRISTINA BRITO DE CARVALHO

Contabilidade e Uberização? A percepção dos profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis acerca das transformações no mercado de trabalho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Almeida de Carvalho Silva

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

C331c Carvalho, Tereza Cristina Brito de.

Contabilidade e Uberização? A percepção dos profissionais de contabilidade
atuantes em escritórios contábeis acerca das transformações no mercado de
trabalho /

Tereza Cristina Brito de Carvalho. – 2023.

103 f.

Orientador: Marcelo Almeida de Carvalho Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Administração e Ciências Contábeis, Programa de Pós-Graduação em Ciências
Contábeis, 2023.

Bibliografia: f. 90 – 101.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Bruna Amarante Oliveira CRB 7 –
6602 Biblioteca Eugênio Gudín/CCJE/UFRJ

TEREZA CRISTINA BRITO DE CARVALHO

**CONTABILIDADE E UBERIZAÇÃO? A PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE
CONTABILIDADE ATUANTES EM ESCRITÓRIOS CONTÁBEIS ACERCA DAS
TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Aprovada em _____

(Prof. Marcelo Almeida de Carvalho Silva, Doutor em Administração, UFRJ)

(Profa. Monica Zaidan Gomes, Doutora em Administração, UFRJ)

(Prof. Filipe Augusto Silveira de Souza, Doutor em Administração, FGV EAESP)

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, expresso gratidão à minha família por todo amor e suporte recebido ao longo de toda a minha formação acadêmica, desde a educação infantil à conclusão do mestrado. À minha irmã Gabi, à minha irmã Carol, aos meus pais, Cida e Alcides, aos meus tios, Nivaldo, Cristina e Lina), aos meus avós João e Luzinete. A elas que não estão mais aqui, minha tia Diomar, minha sogrinha Júlia e a minha florzinha Flora (*in memoriam*). Em especial ao meu marido e parceiro de vida, Rafael, e claro, ao nosso Jhonny, por todo amor, compreensão e incentivos, que foram primordiais durante essa jornada. Você e o Jhonny deixam os meus dias mais coloridos.

Ao meu orientador Marcelo Almeida, por tamanha generosidade, apoio e empatia. Sua expertise e incentivos foram fundamentais ao longo desses anos. Obrigada por me fazer acreditar em meu potencial, agradeço com orgulho por ter sido sua orientanda.

Aos membros da minha banca, Monica Zaidan Gomes e Filipe Augusto de Souza, por dedicarem seu tempo e expertise na avaliação desta pesquisa. Suas contribuições foram de grande relevância para o aprimoramento dessa dissertação.

Aos professores do mestrado Natan & Fortuné, Marcelo Álvaro, Yara, Claudia, Fernanda, Marcia, Ana Carolina, Marcelo Almeida e Monica Zaidan, pela contribuição para a minha evolução profissional e acadêmica. À professora Claudia, pelos preciosos conhecimentos transmitidos durante o estágio docência. À secretária Aline, que atua como mola propulsora do programa, auxiliando a todos discentes e docentes.

Aos colegas da turma de 2019, como foi dito no nosso primeiro dia de aula somos a melhor turma de mestrado da UFRJ de todos os tempos. Em especial aos meus amigos que tornaram os meus dias no Palácio Universitário do *campus* da Praia Vermelha ainda mais bonitos e alegres: a minha querida dupla Mônica, Jânio, Ana Paula, Juliana, Anninha, Milene, Sheila e Anderson. Vou levar vocês para sempre comigo.

Aos professores que atuaram como incentivadores plantando em mim a sementinha do mestrado: Clarissa da Silva Oliveira, Artur Corval, Janaina Machado e Euler Siqueira. Mais do que professores e colegas de trabalho, vocês são inspirações para mim.

A todos que, à sua maneira, contribuíram para a concretização deste trabalho, os entrevistados, meus colegas de trabalho, meus chefes, e outros que possam não ter sido nominados, o meu sincero agradecimento. Vocês fizeram parte dessa conquista e sou imensamente grata por isso.

“Se o século XX foi caracterizado pelo século do automóvel, o século XXI talvez possa ser caracterizado como o século do celular, o século do mundo digitalizado.” Ricardo Antunes (2020).

RESUMO

DE CARVALHO, Tereza Cristina Brito. Contabilidade e Uberização? A percepção dos profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

As transformações no mundo do trabalho provocaram significativas precarizações por meio do uso de tecnologias. A literatura versa sobre a expansão da uberização do trabalho, abarcando diferentes setores da economia, tipos de ocupação e níveis de qualificação. Em paralelo, os escritórios de contabilidade despontam como uma fonte relevante de empregos no setor contábil. Com isso o objetivo dessa pesquisa é compreender a percepção dos profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis diante do fenômeno da *Uberização* e seus efeitos para o mercado de trabalho contábil. Para isso foram realizadas 11 entrevistas com contadores de escritórios. Como principais achados, identificamos que, de uma maneira geral, os contadores e empresários contábeis, possuem uma percepção otimista e de não-ameaça a respeito do cenário de uberização da contabilidade. Os dados demonstram que os contadores não percebem uma possível precarização do trabalho e perda de direitos trabalhistas apontada pela literatura. Já os empresários contábeis reproduzem os discursos das empresas *Gig*, ao utilizar argumentos para defesa do modelo como desenvolvimento econômico e expansão geográfica da empregabilidade.

Palavras-chave: *Gig Economy*, Uberização, Escritórios de Contabilidade

ABSTRACT

DE CARVALHO, Tereza Cristina Brito. Accounting and Uberization? The perception of accounting professionals working in accounting firms. Rio de Janeiro, 2023. Dissertation (Master's in Accounting) - School of Administration and Accounting Sciences, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The transformations in the world of work have led to significant precarization through the use of technologies. The literature discusses the expansion of gig economy work, encompassing different sectors of the economy, types of occupations, and levels of qualification. Meanwhile, accounting firms have emerged as a significant source of employment in the accounting sector. Therefore, the objective of this research is to understand the perception of accounting professionals working in accounting firms regarding the phenomenon of gig economy and its effects on the accounting labor market. To achieve this, 11 interviews were conducted with accountants from various firms. The main findings indicate that, overall, accountants and accounting entrepreneurs have an optimistic perception and do not perceive a threat in the gig economy scenario of accounting. The data show that accountants do not perceive the potential precarization of work and the loss of labor rights as suggested in the literature. On the other hand, accounting entrepreneurs reproduce the discourse of gig economy companies, using arguments to defend the model such as economic development and geographical expansion of employability. The data also revealed the existence of a company specifically operating in the accounting sector.

Keywords: Gig Economy, Uberization, Accounting Firms

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Ocupações e a probabilidade de informatização.....	21
Tabela 2. Modos de armazenamento XML	36
Tabela 3. O Processo de Codificação na Análise Indutiva.....	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Modelos de negócios para Escritórios Contábeis	35
Quadro 2. Perfil dos Entrevistados	48
Quadro 3. Categorização dos dados	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCA - Association of Chartered Certified Accountants
AMT - Amazon Mechanical Turk
BPO - *Business Process Outsourcing*
BSC - *Balanced Scorecard*
CD – *Compact Disk*
CFC - Conselho Federal de Contabilidade
CGSN - Comitê Gestor do Simples Nacional
CT-e - Conhecimento de Transporte Eletrônico
DARF - Documento de Arrecadação de Receitas Federais
DVD – *Digital Versatile Disc*
ECD - Escrituração Contábil Digital
EFD - Escrituração Fiscal Digital
EFD ICMS IPI - Escrituração Fiscal Digital ICMS IPI
EIRELLI - Empresa Individual de Responsabilidade Limitada
ERP - Enterprise Resource Planning
GPT - GUID Partition Table
IA – Inteligência Artificial
ICMS - – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IFAC – International Federation of Accountants
IFRS - Normas Internacionais de Contabilidade
IPI - Imposto sobre Propriedade Industrial
LALUR - Livro de Apuração do Lucro Real
MDF-e - Manifesto Eletrônico de Documentos Fiscais
MEI – Microempreendedor Individual
NAF – Núcleo de Apoio Contábil Fiscal
NFC-e - Nota Fiscal de Consumidor
NF-e - Nota Fiscal Eletrônica
NFS-e - Nota Fiscal de Serviço Eletrônica
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PC – *Personal Computer*

PIB - Produto Interno Bruto

PME - Pequenas e Médias Empresas

PPP - Projeto Político Pedagógico

RFB - Receita Federal do Brasil

S/A – Sociedade Anônima

SAP – *System Analysis Program*

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEFAZ – Secretaria de Fazenda

SPED - Sistema Público de Escrituração Digital

TI – Tecnologia da Informação

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

XML - Extensible Markup Language

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Contextualização	13
1.2	Objetivos.....	16
1.2.1	Objetivo Geral	16
1.2.2	Objetivos específicos.....	16
1.3	Relevância	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1	O mercado de trabalho e a inserção de tecnologias.....	17
2.1.1	Gig Economy e a Uberização do trabalho	23
2.1.2	A Contabilidade e a inserção de tecnologias	28
2.2	Escritórios Contábeis como modelo de negócio	31
2.3	Estudos Anteriores.....	36
3	METODOLOGIA.....	41
3.1	Pressupostos Ontológicos e Epistemológicos	42
3.2	Pressupostos metodológicos	46
3.2.1	Classificação metodológica	46
3.2.2	<i>Corpus</i> de Pesquisa e Coleta dos dados	46
3.2.3	Tratamento dos dados.....	49
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	50
4.1	Tecnologias no Processo Contábil.....	51
4.1.1	Percepção sobre as tecnologias.....	63
4.2	Uberização da Contabilidade:.....	65
4.2.1	Percepção sobre a Uberização da Contabilidade.....	67

4.3. O Novo Contador	72
4.3.1 Mudanças do Papel do Contador:.....	72
4.3.2 Perfil do Novo Contador	74
4.3.3 Formação do Novo Contador	78
5 CONCLUSÕES	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Desde a Revolução Industrial, caracterizada pelo processo gradual de substituição de métodos artesanais pela mecanização dos processos fabris, as tecnologias possuem papel relevante na transformação do mundo dos negócios e na evolução da sociedade (COELHO, 2016; HOSBSBAWM, 2003).

O economista Schwab (2016) defende em sua obra que desde a virada do século XXI estamos vivendo a chamada Quarta Revolução Industrial, como desencadeamento das três revoluções anteriores, oriundas de processos de mecanização, produção em massa/eletricidade e tecnologias da informação. O que é contraposto por diversos acadêmicos e profissionais que acreditam não ser um momento de ruptura, e sim de mais uma etapa do desenvolvimento tecnológico que seria parte de uma extensão/evolução acelerada da Terceira Revolução (GORDON, 2017; BRYNJOLFSSON; MCAFEE, 2018; LEE, 2018; BALDWIN, 2019).

Schwab (2016) ao defender seu posicionamento, sustenta a sua argumentação em três justificativas: (i) que a velocidade das mudanças evolui em um ritmo exponencial, e não linear como nas anteriores; (ii) que o impacto é sistêmico, e a transformação envolve sistemas entre países e dentro deles (em empresas, indústrias e em toda a sociedade); e (iii) possui maior amplitude e profundidade, com mudanças de paradigmas nas áreas de economia, de negócios, da sociedade e dos indivíduos. O autor advoga que a revolução está modificando não apenas “o que” e “como” fazemos as coisas, mas também “quem” somos. Cabe ressaltar que o intuito deste trabalho não se debruça em discutir se há uma revolução em curso ou não, no entanto, torna-se relevante identificarmos as mudanças trazidas pelas “novas tecnologias” no *modus operandi*, e no perfil dos profissionais.

Antunes e Filgueiras (2020) vão além e defendem que a expansão da Indústria 4.0, outro conceito para denominar a Quarta Revolução Industrial, que são frequentemente utilizados como sinônimos para descrever os avanços tecnológicos na indústria, foi ainda mais acentuada pelo advento da pandemia da Covid-19. O autor destaca que tal salto tecnológico representa uma reestruturação produtiva baseada na intensificação da automação em toda a cadeia geradora de valor, de modo que a logística empresarial seja toda controlada digitalmente. Na perspectiva da força de trabalho, culminará em uma progressiva substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, através da substituição das atividades manuais por ferramentas

automatizadas e robotizadas, onde a “Internet das Coisas” representa o condutor de todo o processo fabril (ANTUNES, 2018; ANTUNES; FILGUEIRAS, 2020).

Kässi e Lehdonvirta (2018) pontuam que a nova organização empresarial torna os funcionários, como trabalhadores subordinados, cada vez menos necessários. Autores argumentam que tais avanços, em termos tecnológicos, vêm ocasionando mudanças dramáticas no mercado de trabalho, ao qual o emprego padrão é cada vez mais substituído por trabalhadores classificados como autônomos, mediado por plataformas online (TODOLI-SIGNES, 2017; KÄSSI; LEHDONVIRTA, 2018).

Este modelo permite o surgimento do trabalho conhecido como *Gig Economy*, que embora ainda que não haja um consenso na literatura, podemos compreender como um mercado de trabalho caracterizado por contratações casuais que acontecem através de plataformas digitais, dedicadas a conectar clientes diretamente com os prestadores de serviços individuais (TODOLI -SIGNES, 2017; WOODCOCK; GRAHAM, 2020).

A organização internacional do trabalho (OIT, 2021) aponta que a emergência das plataformas de trabalho digital representa uma das maiores transformações no mundo do trabalho nas últimas décadas. Todoli-Signes (2017) e Kässi e Lehdonvirta (2018) afirmam que o termo vem se tornando cada vez mais relevante à medida que os formuladores de políticas, governos, organizações do terceiro setor e o setor privado enxergam a *Gig Economy* como uma estratégia de desenvolvimento econômico capaz de levar empregos para lugares em que são necessários.

Diversos autores buscaram investigar o impacto da inserção de novas tecnologias no mercado de trabalho contábil (STANCHEVA, 2019; COELHO E COELHO, 2018; AQUINO, MAZZAFERA & LEMA, 2018; SOUZA & GASPARETTO, 2018; XAVIER, CARRARO E RODRIGUES, 2020; CARDOSO E DA COSTA, 2019; DANTAS, 2020; FRANCO *et al.*, 2021). Especificamente sobre o trabalho dos contadores, a pesquisa desenvolvida pelos professores de Oxford, Frey e Osborne (2017) indica que as atividades profissionais do contador possuem uma probabilidade de 94% de serem substituídas por sistemas de inteligência artificial. Stancheva (2019) alerta que a profissão contábil está a caminho de fazer uma grande mudança no papel que desempenha nas organizações e nas funções que desempenha atualmente.

¹ O termo internet das Coisas “*Internet of Things (IoT)*” refere-se a objetos físicos e virtuais ligados à internet, tem as suas raízes no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) quando em 1999 um grupo desenvolvia o seu trabalho na área da identificação por rádio frequência (RFID) conectada. Desde então, tem sido impulsionada pelo aparecimento e uso generalizado de sensores cada vez menores e mais baratos, assim como um avanço nos dispositivos móveis, comunicações *wireless* e tecnologias *cloud* (COELHO, 2016).

Nesse sentido, percebe-se como crescente a preocupação acerca das inovações tecnológicas e os seus impactos no mercado de trabalho contábil. Em 2019, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) instituiu a Comissão Permanente de Ciência e Tecnologia com a finalidade de acompanhar a influência da inteligência artificial na profissão contábil e propor medidas que visem atenuar os seus impactos, considerando ser possível a criação de normas específicas sobre o tema tecnologia (CFC, 2021).

Paralelamente a este fenômeno, em nível mundial, as Pequenas e Médias Empresas (PME) são responsáveis por 90% de todos os negócios e 50% do emprego (MELO *et al.*, 2023). De modo que, enquanto as grandes empresas são responsáveis pelo impulsionamento do Produto Interno Bruto (PIB), são as pequenas empresas as maiores geradoras de oportunidades de trabalho. No mercado de trabalho contábil, os escritórios de contabilidade representam a maior parcela dos ambientes de exercício profissional e tem sido a porta de entrada para a carreira profissional de muitos contabilistas (THOMÉ, 2001; SEBRAE, 2020; DOS SANTOS *et al.*, 2020).

Em pesquisa realizada através da plataforma *Web of Science*, em 25 de agosto de 2022, ao buscar o termo “*accounting office*”, foram identificados apenas 9 trabalhos nos últimos cinco anos sobre escritórios contábeis com temas diversos (MACIEL E MARTINS, 2018; ALMEIDA, VIEIRA; BENNETT, 2019; DA SILVA, CARDOSO; FLÁVIO, 2019; VON MUHLEN *et al.*, 2019; LIZOTE, VERDINELLI & NASCIMENTO, 2019; RENGEL *et al.*, 2020; DOS SANTOS *et al.*, 2020; ALVES *et al.*, 2020; SANTOS, PAES E LIMA, 2022). Observa-se que, apesar de possuírem um impacto expressivo na conjuntura econômica e social, os escritórios de contabilidade não foram plenamente estudados sob a perspectiva das transformações do mundo do trabalho.

Coutinho (2017) pondera que no setor contábil, vislumbram-se mudanças tão impactantes quanto as provocadas pela Uber no mercado de transporte privado de passageiros. Silva *et al.* (2020) já alertavam sobre a necessidade de se analisar os impactos que as novas tecnologias trouxeram para a área contábil, considerando as tecnologias emergentes, mas com pouca atuação ainda na contabilidade. Diante deste cenário, torna-se oportuna uma compreensão mais apurada de um fenômeno recente dentro de um recorte menos explorado na academia.

Com a motivação de preencher tal lacuna no âmbito acadêmico, surge a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a percepção dos empresários e profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis frente ao fenômeno da Uberização e seus efeitos para o mercado de trabalho contábil?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo tem como objetivo geral compreender a percepção dos empresários e profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis diante do fenômeno da *Uberização* e seus efeitos para o mercado de trabalho contábil.

1.2.2 Objetivos específicos

O presente estudo tem os seguintes objetivos específicos:

- Compreender o perfil do novo profissional contábil, atuante em escritórios de contabilidade, com o advento das novas tecnologias;
- Identificar a percepção do profissional contábil, atuante em escritórios de contabilidade, quanto a grade curricular do ensino superior de ciências contábeis voltada para escritórios contábeis no cenário das novas tecnologias;
- Identificar quais as principais oportunidades proporcionadas frente ao cenário da *Uberização* para profissionais atuantes no mercado de escritórios contábeis;
- Identificar quais os principais desafios proporcionados frente ao cenário de *Uberização* para profissionais atuantes no mercado de escritórios contábeis;

1.3 Relevância

Embora pesquisadores tenham estudado as mudanças no mercado de trabalho do profissional de contabilidade, identificou-se uma lacuna de estudos científicos sobre o fenômeno da *Gig Economy* dentro do mercado contábil. Essa pesquisa pretende contribuir para a literatura ao permitir trazer luz à discussão acerca da relação de trabalho *gig* a partir da lente dos profissionais contábeis atuantes em escritórios contábeis, segmento ainda não explorado em toda a sua potencialidade pelas pesquisas acadêmicas.

Com a obrigatoriedade de publicação das demonstrações contábeis para as empresas de capital aberto, e o consequente prestígio em torno da atuação dos profissionais responsáveis pela elaboração de tais informações, muitas vezes, a contabilidade praticada fora desse segmento é descrita como um mal necessário e desvalorizada pela sociedade (CFC, 2013; CANAN; SOUZA; OLIVEIRA, 2017). Podendo este trabalho contribuir para discussão acerca da valorização do profissional atuante neste segmento.

Além da possibilidade de servir de subsídio para instituições de ensino superior e órgãos de classe promoverem um alinhamento das grades curriculares com as demandas mercadológicas, visto que o segmento de escritórios de contabilidade é responsável por absorver a maior parte do mercado de profissionais de contabilidade (THOMÉ, 2001; SEBRAE, 2020; DOS SANTOS *et al.*, 2020).

Diversos autores chamam atenção para o domínio positivista nas pesquisas em contabilidade, evidenciando uma lacuna de pesquisas com cunho interpretativo e crítico a ser preenchida pelos pesquisadores da área (BAKER; BETTNER, 1997; MARTINS, 2012; LOURENÇO; SAURBRONN, 2016; LOPES E BEUREN, 2017). Espera-se que, ao desenvolver esse trabalho, seja possível contribuir para a construção do conhecimento crítico/interpretativista para a literatura contábil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O mercado de trabalho e a inserção de tecnologias

Desde a primeira revolução industrial o ambiente corporativo vem se adaptando às mudanças trazidas pelas inovações tecnológicas, provocando alterações no mercado de trabalho, nas rotinas de trabalho e até mesmo no perfil profissional (SILVA, 2018; DE JESUS, 2020). No entanto, a atual revolução, considerada a mais célere e disruptiva, é capaz de descontinuar empresas e atividades profissionais, em especial, as atividades repetitivas e sujeitas à automação (COELHO, 2016; ALMEIDA, 2020).

Schwab (2016) define revolução como uma mudança abrupta e radical, que, sob uma perspectiva histórica, ocorre quando novas formas de ver o mundo e/ou inovações tecnológicas desencadeiam profundas alterações nas estruturas sociais e em sistemas econômicos. O conceito de Quarta Revolução Industrial, que foi apresentado pela primeira vez sob a denominação de “Indústria 4.0”, em 2011 durante a Feira Industrial de Hannover, apresenta como pilares: (i) Sistemas Ciber-Físicos, (ii) Internet das Coisas, (iii). Manufatura Aditiva e Manufatura Digital, (iv) *Big Data* e *Data Analytics*, (v) Computação em Nuvem, (vi) Segurança Digital, (vii) Robótica Avançada, e por fim, (viii) Fábricas Inteligentes (MOTA; MARIANO; MONTEIRO, 2018).

Coelho (2018) complementa que as alterações provocadas pela revolução em curso, não serão sentidas apenas na indústria, mas também na sociedade, na economia, nos valores, na forma como nos relacionamos, como escolhemos os produtos e serviços, na economia partilhada, na inovação colaborativa, na manufatura aditiva, nas redes sociais, entre outras. O

The Future of Jobs Report, elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, apontou os principais avanços tecnológicos que devem influenciar positivamente o mundo corporativo: (i) internet móvel de alta velocidade, (ii) inteligência artificial, (iii) *big data analytics* e a (iv) tecnologia em nuvem (LEOPOLD *et al.*, 2018).

Como todo ciclo de automação, o atual também provoca uma reestruturação da força de trabalho, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente, em todos os setores e ocupações (FREY & OSBORNE, 2017; SALENTO, 2017). A partir de uma revisão de literatura, Tessarini e Saltorato (2018) identificaram os principais impactos proporcionados pela quarta revolução industrial para a organização do trabalho: (i) o aumento do desemprego tecnológico, e em contrapartida a criação de postos de trabalho mais qualificados; (ii) a necessidade de os trabalhadores desenvolverem uma série de competências para manter suas condições de empregabilidade; (iii) a maior interação entre o homem e a máquina; e (iv) transformações nas relações socioprofissionais.

Os autores definem desemprego tecnológico como o fenômeno em que a mão de obra humana é substituída pelo uso massivo de novas tecnologias, tornando-a obsoleta. De Jesus (2020) destaca que a introdução das inovações tecnológicas no processo produtivo visa o aumento da produtividade empresarial, por meio da redução da quantidade de mão de obra diretamente impactada por ela. Segundo Stancheva (2019), Stephen Hawking e Elon Musk despontaram como um dos principais propagadores dos riscos oferecidos pela Inteligência Artificial ao desemprego, com afirmações alarmistas, respectivamente, de que “O desenvolvimento pleno da IA pode significar o fim da raça humana” e “os humanos já começam a perder seus empregos para máquinas” (STANCHEVA, 2019, pag. 127).

Sob o ponto de vista dos economistas, os efeitos negativos previstos para esse cenário, são considerados exagerados e pessimistas, pois eles serão compensados à medida que a IA criar ou permitir novos postos de trabalho (STANCHEVA, 2019). Na mesma linha, Ghobakhloo (2020) elucida que, em contrapartida à eliminação de uma parte significativa de vagas de baixa e média qualificação, haverá uma compensação dessa perda com a criação de oportunidades na área da informática, mecatrônica, engenharia de processos e integração de sistemas. Cabe salientar que Schumpeter (1968) já discorria sobre as duas dimensões das inovações tecnológicas: por um lado, poderiam ser capazes de agravar períodos de crise, criando o desemprego tecnológico, como parte do desemprego cíclico, por outro, poderiam causar o favorecimento do emprego em momentos de crescimento econômico (SCHUMPETER, 1968).

Já Salento (2017) argumenta que a inovação tecnológica não favorece o desemprego ou desigualdades por si só, ele afirma que o que está em jogo são escolhas políticas, sociais e regulatórias feitas por governos, empresas e sociedade. O autor pondera que a atual transição não deve ser encarada sob uma perspectiva determinística e de relação de causalidade, complementando que a Indústria 4.0 pode ser lida como um programa de reindustrialização transnacional, impulsionada por coalizões de grandes corporações e governos nacionais, desenvolvidas de formas distintas a depender do contexto.

A respeito da criação dos novos postos de trabalho, Tessarini e Saltorato (2018) destacam que há consenso na literatura de que esta dar-se-á em níveis gerenciais e em áreas que exijam maior qualificação, criando a necessidade de os trabalhadores desenvolverem uma série de competências para manter suas condições de empregabilidade. Não se sabe se todos os profissionais serão capazes de desenvolver tais competências, no entanto, Garcia-Parpet & Bevilaqua (2020), classificam como importante a criação de políticas que visem preparar os trabalhadores para satisfazer as novas exigências do mercado de trabalho.

Em sua revisão de literatura, Tessarini e Saltorato (2018) identificaram as classificações a saber: competências funcionais, relativas ao desempenho técnico e profissional das tarefas; competências comportamentais, relativas às atitudes; e competências sociais, relativas à capacidade de interação com outras pessoas. Ainda segundo os autores, as transformações nas relações socioprofissionais levarão a uma expansão de trabalhadores contratados para a realização de serviços pré-determinados através de plataformas digitais, por um curto período, e em um contexto de insegurança e ausência de benefícios. Definição essa do modelo de trabalho emergente chamado de *Gig Economy*.

Antunes (2018) em sua obra “O privilégio da servidão” discorre sobre o surgimento do que ele chama de novo proletariado de serviços da era digital, classe essa que passa a compor a morfologia do trabalho da era digital. Na visão do autor, a chamada Quarta Revolução Industrial é, na realidade, a percepção do Capital para o atual quadro de crise do capitalismo. E após a automação dos setores de agropecuária e manufatura, o setor de serviços, que antes era visto como improdutivo, passa a fazer parte da reestruturação produtiva permanente.

Ao passo que o crescimento tecnológico altera a fronteira entre as tarefas executadas por seres humanos e as realizadas por robôs, o mercado de trabalho passa por severas transformações (LEOPOLD *et al.*, 2018; SCHWAB, 2016). Como desdobramento do surgimento de novas tecnologias e a transição para a Indústria 4.0, para designar o processo de transformação e atualização do setor contábil, surge o termo Contabilidade 4.0, que pode ser definido como um novo padrão de atuação contábil com o uso estratégico de tecnologias a fim

de otimizar os processos digitais, possuindo sistemas capazes de convergir e integrar com diversas ferramentas da área contábil (ASLANERTIK; YARDIMCI, 2019; FRANCO *et al.*, 2021).

Frey e Osborne (2017), quantificaram o impacto dos avanços tecnológicos no mercado de trabalho americano e, como resultado, identificaram que existem atividades profissionais mais suscetíveis a substituição por robôs. Ao modelarem a probabilidade de robotização das ocupações por meio de um processo gaussiano, e categorizarem os riscos em baixo, médio e alto, estimaram que 47% das ocupações dos EUA estariam em uma categoria de alto risco de informatização.

De forma complementar, podemos observar que se trata de um percentual superior quando comparado a outras grandes economias como Alemanha (35%), Reino Unido (30%) e Japão (21%), conforme disposto por pesquisa realizada pela PriceWaterhouseCoopers (2017) com metodologia similar.

Já a pesquisa realizada com os países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2018), com metodologia mais sofisticada, apresenta um prognóstico menos alarmante, ao estimar que 14% dos empregos nos países membros possuem uma alta probabilidade de automação (acima de 70%) e 32% dos empregos possuem probabilidade entre 50 % e 70%. A pesquisa salienta que os empregos nos países anglo-saxões e nórdicos são menos suscetíveis à automatização, quando comparados com países do Leste e Sul europeu, Japão e Chile. Outros achados da pesquisa sugerem que a IA pode afetar empregos de baixa qualificação de forma mais significativa do que em ondas anteriores de automatização, e que os mais atingidos são aqueles que estão ainda ingressando no mercado de trabalho. As autoras Nedelkoska e Quintini (2018) ponderam a importância de proporcionar requalificação e proteção social para os trabalhadores cujos empregos foram classificados como de alto risco, bem para aqueles que enfrentarão mudanças significativas na forma como realizam suas tarefas de trabalho. Shi (2020) reflete que a tecnologia de IA é como uma faca de dois gumes; por um lado promoverá o desenvolvimento no trabalho contábil, cumprindo um importante papel na melhoria da eficiência dos negócios, redução de erros, aumento de competitividade, prevenção e controle de riscos empresariais, por outro fará com que os contadores enfrentem uma crise de desemprego.

A partir da análise da pesquisa de Frey e Osborne (2017), Almeida (2020) elucida que as ocupações profissionais que demandam maior interação com pessoas, habilidades de liderança e comunicação interpessoal, possuem uma menor probabilidade de informatização, e por sua vez, ocupações com rotinas repetitivas ou que podem ser programadas e verificadas por

sistemas, possuem uma probabilidade maior. O autor conclui que as ocupações classificadas com alto risco de informatização não necessariamente que serão extintas, mas que precisam ser repensadas para que profissionais reduzam atividades repetitivas, delegando-as aos sistemas, passando a desenvolver assim competências analíticas para realizarem análises mais complexas e mais relacionadas a algum tipo de assessoramento ou prestação de serviços consultivos (ALMEIDA, 2020).

A contabilidade, como uma ciência social aplicada, influencia e é influenciada pelas modificações ocorridas na sociedade. De acordo com Hendrisken e Breda (1999) a evolução da contabilidade deu-se de modo a adequar-se às mudanças do ambiente, com as novas descobertas e processos tecnológicos. Especificamente no mercado de trabalho contábil, a pesquisa de Frey e Osborne (2017) indica alta probabilidade de as atividades serem substituídas por sistemas de inteligência artificial. De acordo com os autores, as atividades profissionais de contadores e de auditores (agrupados por escolha metodológica) possuem uma probabilidade de 94% de serem substituídas por sistemas de inteligência artificial, e outras atividades derivadas da formação contábil, tais como analista de orçamento (94%), profissionais da área de custo (57%) e preparadores de impostos (99%), conforme exemplificados na Tabela 1.

Tabela 1: Ocupações e a probabilidade de informatização

Profissões/Ocupações	Probabilidade (%)
Gerente de Recursos Humanos	0,55
Gerente de vendas	1,3
Gerentes financeiros	6,9
Analistas financeiros	23
Especialistas financeiros e outros	33
Profissionais da área de custos	57
Consultor de finanças pessoais	58
Contadores e auditores	94
Analistas de crédito	98
Preparadores de impostos	99

Fonte: Adaptado de Frey e Osborne (2017)

Almeida (2020) por sua vez, pondera os percentuais altos recebidos por contadores e auditores, pois devido à alta exigência de capacitação em avaliação (etapa de mensuração de ativos, passivos, receitas, dívidas em geral etc.), trazida pelas IFRS, o autor acredita que a automação da profissão contábil não ocorrerá de maneira tão fácil.

No que diz respeito às mudanças qualitativas da força de trabalho, Salento (2017) destaca que, ao passo que as atividades produtivas se tornam mais complexas e sujeitas a

mudanças abruptas, a especialização do trabalho se torna menos importante do que as competências polivalentes e a capacidade de adaptação. Este ponto de vista é corroborado por Stancheva (2019) ao afirmar que uma alternativa para mitigar os efeitos nocivos da IA para a profissão contábil, no que se refere ao aumento da taxa de desemprego da profissão, está ligada à capacidade de os contadores desenvolverem um novo conjunto de competências, ligadas às funções gerenciais da empresa.

Na mesma linha, o relatório da “*Association of Chartered Certified Accountants*” ressalta que as competências exigidas dos contadores poderão sofrer mudanças, como consequência das alterações ocorridas na prática contábil em função da disseminação das tecnologias digitais e o seu impacto nos negócios (ACCA, 2016). Sob uma perspectiva otimista, Almeida (2020) argumenta que a automatização dos processos de trabalho propiciará, ao profissional contábil e ao auditor, terem uma maior disponibilidade de tempo para uma atividade consultiva, tais como: análise dos números e de procedimentos para elaboração de relatórios gerenciais, controles internos, preparação das demonstrações financeiras e notas explicativas entre outras atividades de assessoramento. Alinhado-se com estudo de Franco *et al.* (2021) que aponta, na percepção de contadores, que o maior impacto causado pela evolução tecnológica no ambiente contábil, se dará em termos de agilidade e ganho de tempo.

Do novo contador será exigido falar a linguagem dos negócios, e para isso, será requerido conhecimento local e internacional de tendências emergentes de negócios, conhecimento em tecnologia, consciência multicultural, domínio de idiomas e habilidade em oratória (ACCA, 2016). Cardoso e Da Costa (2019) detectaram uma tendência de transformação do profissional contábil para um perfil mais analítico, de forma a reforçar o paradigma contábil de fornecimento de informações úteis e tempestivas para a tomada de decisão.

Silva (2018) destaca que o perfil do profissional contábil vem sofrendo modificações, a fim de se adaptar às novas tecnologias utilizadas no ambiente empresarial e para acompanhar as constantes mudanças no mercado de trabalho. Sobre o perfil do profissional da contabilidade na era digital, o autor define que “é aquele que adere facilmente às tecnologias de maneira orientada e possui uma visão holística, visto que as informações fiscais e contábeis necessitam ter consistência, pois estão dispostas aos órgãos fiscalizadores em tempo real” (SILVA, 2018). O autor complementa que as alterações no cenário de atuação e no perfil do profissional contábil ocorrerão de forma profunda, fazendo com que este busque atualização constantemente, o que vai de encontro com os achados de Xavier, Carraro e Rodrigues (2020), que constataram que a maior parte dos profissionais buscam se adequar às novas exigências da profissão.

Marangon *et. al* (2017) ponderam que o atual cenário da contabilidade digital, em que os sistemas realizam a integração de dados entre os setores e a importação eletrônica dos dados de documentos fiscais, tem trazido a necessidade de um perfil de contador moderno, que segundo os autores, são aqueles capazes de se adaptarem às novas tecnologias, que buscam ampliar suas competências, possuem entendimento de todo o negócio e que se aproximem do processo decisório.

Nota-se que o progresso tecnológico atual, com o advento da automação dos processos internos das organizações, tem provocado mudanças não apenas no mercado de trabalho contábil, mas também conduz a figura do contador para a ponta do processo produtivo com a responsabilidade da análise conclusiva dos dados, visto que a estrutura base das informações imputadas procede de sistemas desenvolvidos por departamentos de tecnologia da informação (CARDOSO; COSTA, 2019).

2.1.1 Gig Economy e a Uberização do trabalho

Acredita-se que o fenômeno da *Gig Economy* vem transformando o mercado de trabalho (TODOLI-SIGNES, 2017; KÄSSI; LEHDONVIRTA, 2018; ANWA; GRAHAM, 2021). De jornalistas à motoristas de taxi, entregadores e desempregados, todos estão cientes das mudanças em termos de emprego, profissões, economias e vida diária (WOODCOCK; GRAHAM, 2020).

Woodcock e Graham (2000) elucidam que a origem do termo *Gig* refere-se a arranjos de curto prazo típicos de um evento musical. Contratações, que em essência não há garantia de regularidade, podendo haver a chance de uma apresentação repetida em função de um bom desempenho. Em termos de remuneração, podem ser pagos a uma taxa fixa, uma parte do preço do ingresso ou pagamento em espécie, com a possibilidade de algumas bebidas gratuitas. A partir da definição apresentada, nota-se um paralelo existente, pois as tarefas que sustentam a *Gig Economy* são tipicamente de um mercado de trabalho *ad hoc*, curto prazo, *freelance* ou não permanente, e a obtenção de mais acesso a elas depende de um bom desempenho e reputação (GLEIM; JOHNSON; LAWSON, 2019; WOODCOCK; GRAHAM, 2020).

Gleim *et al.* (2019) destacam que mesmo antes do surgimento de plataformas tecnológicas as pessoas já buscavam formas de complementar a renda e ter horários de trabalho flexíveis. Para Antunes (2020), o conceito de venda direta praticado por empresas como Avon (1986), Tupperware (1946) e Mary Kay (1960), constituiu-se em uma das primeiras práticas de

burlas da legislação social do trabalho, conquistadas pela classe trabalhadora durante a primeira Revolução Industrial.

De acordo com Woodcock e Graham (2000) o que o termo *Gig Economy* captura é uma transformação econômica na qual o trabalho em muitos setores está se tornando temporário, instável e remendado, com trabalhadores assumindo mais empregos simultaneamente (WOODCOCK; GRAHAM, 2020). Tal modelo, responsável por trazer mudanças profundas no mercado de trabalho, pode ser definido como um modelo de negócios caracterizado por contratações casuais que acontecem através de plataformas digitais, dedicadas a conectar clientes diretamente com os prestadores de serviços individuais (TODOLI -SIGNES, 2017; WOODCOCK; GRAHAM, 2020).

Empresas da *Gig Economy* dedicam seus negócios à construção de uma plataforma *online* (*web*, aplicativos etc.) em que os clientes podem encontrar trabalhadores para a realização de uma tarefa, o que é considerado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das maiores transformações no mundo do trabalho nas últimas décadas (TODOLI -SIGNES, 2017; BERG *et al.*, 2018). Dessa forma o mercado de trabalho caminha cada vez mais em direção a uma orientação para a execução de tarefas do que para empregos. Essa decomposição do trabalho em tarefas permite a transformação dos serviços em *commodity*, vendida sob demanda para aqueles que buscam extrair um serviço a baixo custo, o que alguns autores afirmam ser um retorno ao trabalho desqualificado, tal como proposto pelo Taylorismo (ANTUNES, 2018; GARCIA-PARPET; BEVILAQUA, 2020).

De uma forma geral, os apoiadores dessa nova forma de contratação sustentam a sua defesa em torno de argumentos como flexibilidade, autonomia, ganhos em eficiência individual, maior equilíbrio entre vida privada e trabalho (GARCIA-PARPET; BEVILAQUA, 2020). Os formuladores de políticas, governos, organizações do terceiro setor e setor privado, têm enxergado a *Gig Economy* como uma estratégia de desenvolvimento econômico capaz de levar empregos para lugares em que são necessários (TODOLI-SIGNES, 2017; KÄSSI; LEHDONVIRTA, 2018). Considerando a escassez de determinadas competências e a baixa taxa de natalidade em muitos países, a alavancagem de “trabalhos alternativos” é vista como uma estratégia de negócios promissora (DELOITTE, 2019).

Já as empresas argumentam que o trabalho *Gig*, tem beneficiado os trabalhadores por proporcionar maior equilíbrio entre vida profissional e pessoal, sem estarem submetidos às regras típicas de trabalho, de modo que trabalhem com autonomia quando e como quiserem (ZWICK, 2017; GLEIM; JOHNSON; LAWSON, 2019). O que tem atraído trabalhadores da Geração Z, que podem preferir o trabalho no formato *Gig* ao trabalho em tempo integral e em

um ambiente de escritório tradicional, e como consequência as empresas estão tentando responder a essa mudança de apetite (IFAC; 2018). Filgueiras e Antunes (2019) alertam que a negação do que realmente são, tem sido a principal razão para o sucesso das plataformas e aplicativos, e que o discurso de maior autonomia, na verdade, seria um eufemismo para burlar o assalariamento e efetivar a transferência de riscos.

Filho (2021) trouxe luz ao debate trazido por tal flexibilização das relações laborais, ao qual o autor descreve como uma tentativa de eximir de qualquer vínculo formal com aqueles que executam a tarefa. Se de um lado, há defensores de que o modelo é, na verdade, uma oportunidade de inserção do trabalhador em um novo nicho de trabalho, diante de um cenário de desemprego crescente; pelo outro lado a romantização acerca do conceito de empreendedor, vem atuando como embuste para a precarização do trabalho (FILHO, 2021).

As empresas da *Gig Economy* afirmam trazer o romance do empreendedorismo às massas, ao permitir que trabalhadores monetizem suas casas, recursos, tempo e habilidades (RAVENELLE, 2017). Antunes (2020), na tentativa de desconstruir a falácia do empreendedorismo, defende que tal discurso encobre práticas pretéritas de exploração do trabalho, em que na verdade, os trabalhadores não são empreendedores, e sim trabalhadores precarizados. No entanto, como achado do seu estudo, Ravenelle (2017) elucida que a maioria dos trabalhadores, ao invés de abraçar tal retórica do empreendedorismo, se descrevem como simplesmente em busca por dinheiro adicional.

Diversos são os autores que destacam as desvantagens do novo tipo de relação trabalhista, sublinhando a precarização do trabalho, o salário reduzido à tarefa e a perda dos direitos sociais (BERG *et al.*, 2018; TESSARINI; SALTORATO, 2018; FILGUEIRAS; ANTUNES, 2019; ANTUNES, 2020; WOODCOCK; GRAHAM, 2020; GLEIM, 2019; GARCIA-PARPET; BEVILAQUA, 2020). Nesse novo contexto, há um fortalecimento da força de trabalho como uma mercadoria, onde o encontro da oferta e da demanda é mediado por uma plataforma digital, e os sistemas de *feedback*, ranqueamento e classificação servem para fins de controle e monitoramento dos trabalhadores (GANDINI, 2018). Wood *et al.* (2019) argumentam que a *Gig Economy* usa as plataformas digitais como meio para contornar muitas das responsabilidades legais e custos com um empregado. Através do processo de mercantilização, os trabalhadores são normativamente desligados da proteção social, ficando vulneráveis aos caprichos do mercado de trabalho devido à ausência de direitos trabalhistas (WOOD *et al.*, 2019).

Diversos autores empregaram esforços na tentativa de pavimentar um caminho para a adequada definição desse modelo emergente (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021), com

a criação de termos tais como *crowdsourcing* (HOWE, 2006), *crowdwork* e *work on demand* (DE STEFANO, 2016), *uberização* (RICCIARDI, 2016; ABÍLIO, 2017) e *plataformização* (GROHMANN, 2020), nos levando a inferir que a definição e circunscrição podem ainda estar aberta dentro da literatura.

O termo cunhado por Howe em 2006, e posteriormente título de seu livro *Crowdsourcing*, é composto pelas palavras *multidão* e *terceirização* (HOWE, 2006). Já segundo a categorização dualista proposta por De Stefano (2016), em que divide a *Gig Economy* em duas formas de trabalho, (i) o *crowdwork* refere-se à tipologia laboral em que as tarefas são virtuais e realizadas através de plataformas, de forma que tais plataformas permitam conectar empresas e trabalhadores em uma base global. É o caso da *Amazon Mechanical Turk* (AMT), um *marketplace* que promete facilitar o processo de terceirização das empresas, ao possibilitar a contratação de pessoas para completar tarefas chamadas *Human Intelligence Tasks* (HITs), em que computadores não são capazes de executar tão eficientemente. Com o slogan “*Make money in your spare time. Get paid for completing simple tasks*” os trabalhadores são convidados a desempenharem tarefas, como por exemplo, identificação de objetos em uma foto ou vídeo, com a remuneração em torno de 10 centavos por imagem, em que os pagamentos podem ser realizados em dólar americano ou em cartão presente na Amazon.com.

O relatório *Digital labour platforms and the future of work: Towards decent work in the online world* da OIT, traz luz à percepção dos trabalhadores da AMT sobre os benefícios e desvantagens dessa forma de trabalho emergente (BERG *et al.*, 2018). Os dados coletados indicam que os trabalhadores de países em desenvolvimento percebem um tratamento diferenciado quando comparado com os trabalhadores das economias desenvolvidas em termos de tarefas, remuneração e pagamento. Na percepção de tais trabalhadores, há uma exclusão da oferta de tarefas menos simplistas, com o pagamento podendo ocorrer por meio de vales-presente e não em dinheiro, como ocorre nos países desenvolvidos. A remuneração que é considerada “muito baixa e injusta”, segundo os entrevistados, é realizada majoritariamente com cartões-presente, e quando o pagamento é realizado em dinheiro, o valor recebido é ainda menor do que o descrito na plataforma, devido a cobrança de taxas de transferência de dinheiro, como o *Paypal* (BERG *et al.*, 2018).

De uma maneira geral, para a grande maioria dos trabalhadores os baixos níveis de remuneração despontam como a principal preocupação e motivo de insatisfação. Em relação aos motivos da escolha são citados a falta de oportunidade de emprego, a preferência por trabalhar de casa e o ganho de renda adicional para a família.

Ainda utilizando a categorização proposta por De Stefano (2016), o (ii) *work on demand*, por sua vez, é uma forma de trabalho em que a execução das atividades dos trabalhos considerados tradicionais, tais como: transporte, limpeza e outros, é realizada por meio de aplicativos gerenciados por empresas que intervêm ao estabelecer padrões mínimos de qualidade de serviço e na seleção/gestão dos trabalhadores, a exemplo da Uber.

Para Abílio, Amorim e Grohmann, (2021) o termo uberização é definido como um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho com a consolidação do trabalho sob demanda, e plataformização como dependência de plataformas digitais para executar atividades de trabalho. Dessa forma, os autores concluem que o termo uberização pode ser considerado um processo mais amplo, para além das plataformas digitais, inclusive historicamente, no que cerne a informalização e consolidação do trabalhador sob demanda.

Nesse contexto, Antunes (2018) destaca a expansão do que se passou a chamar como uberização do trabalho, que em suas palavras, diz respeito ao processo de precarização da força de trabalho em amplitude global, criando um novo proletariado de serviços que padece das vicissitudes da chamada escravidão digital, que segundo o autor se tornou um *leitmotiv*² no mundo empresarial. Podendo ser uma tendência em curso que pode ser generalizável pelas relações de trabalho, abarcando diferentes setores da economia, tipos de ocupação e níveis de qualificação, em âmbito global (ABÍLIO, 2021).

A pesquisa intitulada *Global Human Capital Trends* (DELOITTE, 2019) sugere uma ruptura no paradigma acerca dos trabalhos *gigs* como um trabalho alternativo, considerado apenas como suplementar ao trabalho de tempo integral. De modo que o “trabalho alternativo”, atualmente, tenha se tornado o *mainstream*. O que é corroborado pelos dados do relatório *Gig economy in the U.S. - Statistics & Facts (2021)*, em que aponta uma projeção de que em 2027 haja mais trabalhadores *giggers* do que não *giggers* no mercado de trabalho americano. Já a *International Federation of Accountants* (IFAC) alerta para que outras áreas, além do setor de transporte, estão começando a ver um crescimento de trabalhadores *gig*, tais como: contabilidade, finanças, TI, jurídico e serviços de consultoria (IFAC, 2021).

Dentro do contexto brasileiro, surgiram diversos aplicativos em um movimento similar ao da empresa norte-americana, o que Ricciard (2016) define como uberização à brasileira. Alguns autores, tal como Ricciardi (2016), extrapolam o conceito de uberização, e atribuem

² Ideia, fórmula que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante (Oxford Languages, 2021).

dentro do campo contábil, o exemplo da Contabilizei, uma empresa que oferece serviços de contabilidade on-line. Coutinho (2017) ao analisar o setor de escritórios contábeis de Portugal, afirma que o setor vislumbra mudanças tão impactantes quanto as que a Uber trouxe para o mercado de transportes particulares de passageiros, e opina que o setor parece adormecido para a ameaça.

2.1.2 A Contabilidade e a inserção de tecnologias

Sabe-se que o surgimento da contabilidade deu-se a partir da necessidade do homem em acompanhar e controlar a evolução do seu patrimônio, e com o desenvolvimento social da humanidade, propiciou-se um cenário para a evolução dos registros de sua riqueza (SILVA, 2018). A contabilidade, cuja finalidade é o controle do patrimônio, é considerada uma ciência social, pois as variações patrimoniais são capazes de afetar o ambiente ao qual se está inserida, podendo influenciar e ser influenciada. Sob o ponto de vista do desenvolvimento tecnológico, o processo de escrituração contábil e fiscal sofreu severos reflexos, sendo forçado a empreender um verdadeiro esforço para acompanhá-lo.

Silva (2012) descreve o processo de escrituração contábil e fiscal, da seguinte forma:

Escrituração contábil é o ato de registrar as movimentações ocorridas no patrimônio da empresa com base em normas contábeis, é realizada por meio de livros classificados de acordo com a sua natureza, sendo estes obrigatórios, especiais, fiscais e facultativos.

A escrituração fiscal é o registro de apurações de tributos em livros, fichas ou formulários, de acordo com a exigência legal a que as empresas estão obrigadas, e de suas operações. (SILVA, 2012; p. 55)

Os livros utilizados para a escrituração contábil, são os livros “Diário” e “Razão”, que registram os fatos de modo a contemplar os elementos patrimoniais e de resultado, classificando-os em contas analíticas e sintéticas (SILVA, 2018). Já os livros utilizados para escrituração fiscal são os seguintes: Livro Registro de Entradas e ou Serviços – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) e Imposto sobre Propriedade Industrial (IPI); Livro Registro de Saídas de Mercadoria e ou Serviços – ICMS e IPI; Livro de Apuração do ICMS; Livro de Apuração do IPI; Livro Registro de Inventário de Estoque de Mercadorias; Livro Controle de Crédito de ICMS do Ativo Permanente (CIAP); e Livro de Apuração do Lucro Real (LALUR) (SILVA, 2012).

Preliminarmente à era da escrituração mecanizada e do uso de sistemas computadorizados, os processos contábeis eram desenvolvidos de forma manual. Cosenza e Rocchi (2014) relatam que, inicialmente, a escrita manual era efetuada por meio de uma “pena”

que tinha que ser molhada no tinteiro, posteriormente evoluindo para o uso de canetas esferográficas, assim considerada uma tecnologia emergente à época.

O método de escrituração prensada, ou por decalque, criado pelo alemão W. Bach em 1904, consistiu em efetuar o lançamento original no Diário, e com o uso de folhas de carbono, promover lançamentos simultâneos em contas singulares (COSENZA; ROCCHI, 2014). Sendo alterado mais tarde em 1916, pelo suíço Alfons Ruf, iniciando pelo lançamento do livro Razão (COSENZA; ROCCHI, 2014).

Edward e Walker (2009) classificam os efeitos das inovações tecnológicas nos processos de registros contábeis em duas eras. Por volta de 1870, deu-se início à Era da escrituração mecanizada, ao qual como principais inovações introduzidas neste período figuram máquinas de escrever, calculadoras, máquinas de contabilidade, sistemas de contabilidade de folhas soltas e tabulações.

Ainda na Era Mecanizada, Nardon Filho e Rogowski (2010) destacam o processo de escrituração dos livros diários a partir do sistema de cópia por gelatinas, em que cada lançamento era feito com o uso de carbonos copiativos, que ao final do período eram passados por um rolo gelatinoso e, em seguida, inseridos no livro definitivo e registrados, ainda em branco, na junta comercial com seu termo de abertura e encerramento.

Cosenza e Rocchi (2014) destacam a autoria do sistema, ao qual foi criado pelos brasileiros Silvino Barbosa e Edmundo Mário Cavallari, e descrevem como um processo contábil desenvolvido para a automação dos registros contábeis empregando máquinas de escrever, que teve seu uso difundido no país até o desenvolvimento da informática na área contábil. Os autores complementam que esta foi uma técnica recomendada para empresas de pequeno e médio porte, que não dispunham de recursos financeiros para investir nos equipamentos tradicionais e na mão de obra especializada da área contábil.

No início dos anos 1950, iniciou-se a era da escrituração informatizada, que nos anos seguintes, com a introdução dos *softwares*, os computadores despontaram como um elemento essencial do processo contábil (EDWARD; WALKER, 2009).

Na década de 80, com o lançamento da tecnologia dos PCs, o tempo despendido na execução dos processos contábeis foi reduzido drasticamente (NARDON FILHO, 2010). Cópias deixaram de ser um problema, e documentos em papel que ocupavam imensos volumes, passaram a ser arquivados em disquetes, que em seguida foram substituídos por CDs, DVDs ou *pen drives* (NARDON FILHO, 2010).

No que se refere a sistemas de informações, Silva (2018) esclarece que pode ser tanto manual como computadorizado, e em meio a um cenário empresarial competitivo, os sistemas

(NARDON FILHO, 2010) de informações computadorizados destacaram-se como importante ferramenta na geração de informações que correspondam às necessidades das organizações. O autor complementa afirmando que despontam como uma importante ferramenta no auxílio dos gestores para suas tomadas de decisões, pois proporcionam acesso rápido as informações contábeis das empresas e seus negócios.

Na década de 90, a tecnologia da informação causou alterações na contabilidade no Brasil com a implantação dos *Enterprise Resource Planning* (ERP) nas empresas e foi a precursora para o início de uma revolução tecnológica para a integração das informações contábeis (SILVA, 2018). Os ERPs são sistemas de informação integrados que abrangem toda a organização e são capazes de gerenciar todos os recursos, informações e funções de uma empresa a partir de armazenamentos de dados compartilhados, fornecendo acesso a dados operacionais em tempo real, de modo a apoiar a tomada de decisão por parte dos gestores (KALLUNKI *et al.*, 2011; APPELBAUM *et al.*, 2017).

Scholtz, Mahmud e Ramayah (2016) definem ERP como um pacote de *software* que permite a integração perfeita de todas as informações da empresa, incluindo informações pertencentes a várias unidades de negócios em uma organização, como finanças, contabilidade, manufatura e recursos humanos. Os processos automatizados proporcionados pelos sistemas integrados de gestão (ERP), apoiam a contabilidade em cumprir a sua função, que é gerar informações tempestivas e de qualidade, sejam fiscais, gerenciais e/ou econômicas/financeiras, possibilitando aos contadores dispor mais tempo para análise e interpretação das informações fiscais e contábeis (SILVA, 2018).

Silva (2018) complementa que um sistema integrado de gestão possui características e diferentes possibilidades de utilização, como exemplo, gerar informações contábeis e fiscais em formatos digitais de arquivos XML, para fins de validação, comunicação e interoperabilidade entre os sistemas de informação contábeis.

De acordo com Santos (2019) outra mudança trazida com o advento de novas tecnologias foi a forma como as informações são apresentadas ao governo. Os autores destacam que tal alteração “objetivou a modernização da maneira de apresentação das obrigações acessórias (Livros contábeis, livros fiscais, e notas fiscais) informadas pelos contribuintes às administrações tributárias e aos órgãos fiscalizadores e, conjuntamente, ensejou quebra do sigilo econômico”.

Com o advento do SPED, o Governo passou a exigir que as empresas deixem de utilizar os tradicionais livros contábeis e fiscais impressos e sigam o formato eletrônico, de modo que

toda a documentação deve ser transmitida pela página eletrônica da Receita Federal (ALVES *et al.*, 2020). De acordo com Szuster *et al.* (2013, p. 55) o SPED:

Consiste na modernização da sistemática atual do cumprimento das obrigações acessórias, transmitidas pelos contribuintes às administrações tributárias e aos órgãos fiscalizadores, utilizando-se da certificação digital para fins de assinatura dos documentos eletrônicos, garantindo assim a validade jurídica dos mesmos apenas na sua forma digital.” (SZUSTER, 2013, p.55)

O certificado digital é mais uma tecnologia incorporada aos processos de escrituração, defendido por Silva (2018) como um documento eletrônico que contém dados criptografados para validar informações através da assinatura digital, identificando a pessoa física ou jurídica, a empresa emissora do CD, o prazo da validade e a chave pública. Nesse sentido, a promulgação da Medida Provisória nº2.200/2001 recepcionou, pelo ordenamento jurídico brasileiro, a utilização de documentos eletrônicos produzidos a partir de processo de certificação disponibilizado pelo ICP-Brasil (NARDON FILHO, 2010).

O SPED é dividido em 12 módulos a saber: Emissão de Nota Fiscal Eletrônica (NF-e), Nota Fiscal de Consumidor (NFC-e), Nota Fiscal de Serviço Eletrônica (NFS-e), Conhecimento de Transporte Eletrônico (CT-e), Escrituração Contábil Digital (ECD), Escrituração Fiscal Digital (EFD), Escrituração Fiscal Digital ICMS IPI (EFD ICMS IPI), Escrituração Fiscal Digital das Contribuições (EFD Contribuições), Manifesto Eletrônico de Documentos Fiscais (MDF-e), E-Social, e-Financeira e EFD Reinf.

Como explicitado, a tecnologia passou a ser uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da contabilidade, com grande relevância para a área, de forma que os profissionais que não consigam acompanhar o processo de inovação tecnológica, perderão oportunidades de atualização no novo mercado de trabalho (SILVA *et al.*, 2020).

2.2 Escritórios Contábeis como modelo de negócio

Empreender no setor contábil tem sido o projeto de muitos profissionais e estudantes. O fato é que escritórios contábeis tem sido a porta de entrada para a carreira profissional de muitos contabilistas, e correspondem a maior parcela dos ambientes de exercício profissional da classe (THOMÉ, 2001; SEBRAE, 2020; DOS SANTOS *et al.*, 2020). O Conselho Federal de Contabilidade, por meio da Resolução CFC Nº 825, de 30 de junho de 1998, institucionaliza o termo genérico “organização contábil”, que de acordo com dados disponibilizados em seu sítio eletrônico, pode ser classificada, quanto a natureza jurídica, em MEI (8,12 %), Empresário

Individual (20%), EIRELLI (12,26 %) e Sociedade Limitada (59,62 %), totalizando 71.818 organizações contábeis registradas no país (CFC, 2020). O Microempreendedor Individual, que é considerado pessoa física para legislação empresarial e equiparado à pessoa jurídica para a legislação tributária, a partir da Resolução CGSN N ° 137 de 04 de dezembro de 2017, em seu Art. 5 °, é suprimida a profissão de técnico de contabilidade e contador da lista de atividades permitidas para MEI. No entanto, conforme normativo da RFB, ficam vedados novas inscrições, permitindo aqueles já inscritos de permanecerem. Nesse estudo, opta-se pelo uso do termo escritório de contabilidade para se referir as organizações contábeis de todas as naturezas jurídicas, pois observou-se que é o termo comumente adotado entre profissionais, no meio empresarial e em trabalhos acadêmicos.

O mercado de escritórios contábeis é considerado um ramo promissor e capaz de gerar bons resultados, visto que todo empreendimento formal precisa de escrituração e demonstrações contábeis-financeiras, seja para manter as conformidades legais junto às autoridades tributárias, quanto para a obtenção de créditos, financiamentos e para participação de licitações em compras públicas (SEBRAE, 2020). Essa obrigatoriedade da contabilidade por parte das empresas é compreendida a partir da influência da cultura do Direito Romano, onde tudo precisa estar escrito, e com detalhes, para servir como fonte de direito de um e obrigação de outro (MARTINS; LISBOA, 2005).

A legislação tributária exige das empresas enquadradas no Lucro Real a escrituração contábil e fiscal, ao passo que faculta às empresas enquadradas no Simples Nacional e do Lucro Presumido a optarem pela escrituração contábil (“fazer a contabilidade”) ou pela escrituração financeira (fazer apenas o livro caixa). No entanto o Código Civil trata a obrigatoriedade da escrituração contábil e da elaboração anual do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado econômico, independente do enquadramento tributário.

Art. 1.179. O empresário e a sociedade empresária são obrigados a seguir um sistema de contabilidade, mecanizado ou não, com base na escrituração uniforme de seus livros, em correspondência com a documentação respectiva, e a levantar anualmente o balanço patrimonial e o de resultado econômico.

§ 1º Salvo o disposto no art. 1.180, o número e a espécie de livros ficam a critério dos interessados. § 2º É dispensado das exigências deste artigo o pequeno empresário a que se refere o art. 970.

Art. 1.180. Além dos demais livros exigidos por lei, é indispensável o Diário, que pode ser substituído por fichas no caso de escrituração mecanizada ou eletrônica. (CÓDIGO CIVIL, 2002)

O caso de dispensa da obrigatoriedade da escrituração, ao qual se refere o inciso primeiro, foi regulamentado através da Lei Complementar 123/2006 do Simples nacional, em que se considera pequeno empresário o Microempreendedor Individual. Ou seja, de acordo com o Código Civil apenas ao MEI é permitida a dispensa da escrituração contábil.

Alves *et al.* (2014) evidenciaram que a maioria dos profissionais que atuam em escritórios contábeis, atribuem maior relevância aos aspectos tributários da contabilidade, considerando o cálculo de impostos e de folha de pagamento como as principais necessidades dos clientes. Atividades essas consideradas mais passíveis de automatização. Uma grande quantidade de informações que poderiam ser geradas não é solicitada pelos clientes, o que de acordo com os autores, caberia aos profissionais contábeis a oferta de tais serviços, o que não ocorre na prática (Alves *et al.*, 2014). Essa influência fiscal sobre a contabilidade é atribuída por Martins e Lisboa (2005) ao fator cultural, pois segundo os autores o privilégio concedido ao Fisco é uma característica da contabilidade praticada nos países latinos, diferentemente dos países anglo-saxões que possui um foco no investidor não-controlador, e dos alemães com ênfase nos credores. Os autores elucidam que dentro do contexto brasileiro, apesar de a Lei das S/A determinar que a contabilidade obedeça aos princípios contábeis, na prática o que ocorre é que o Fisco é quem determina as regras, sob pena de forte tributação e multas, que como consequência, faz com que, muitas vezes, empresas mantenham a contabilidade, principalmente, ou exclusivamente com o fito de atender às regras fiscais.

Lombardo e Duarte (2017) argumentam que a proposta de valor e posicionamento, definidos pelo escritório contábil, com foco nas necessidades fiscais, influenciam a percepção de desvalorização dos serviços contábeis, por parte dos clientes e sociedade, considerando, muitas vezes, a contabilidade como um mal necessário e o profissional como um burocrata ou preenchedor de DARF (CFC, 2013; CANAN; SOUZA; OLIVEIRA, 2017; LOMBARDO; DUARTE, 2017). Szuster (2015) alertava que o grande desafio para com as pequenas e médias empresas, que possuem o foco nos aspectos fiscais, é demonstrar aos empreendedores a importância da informação contábil e toda a sua potencialidade informativa, que o autor descreve como etapa nobre da profissão.

Com o advento tecnológico o mercado de serviços contábeis vem passando por uma transição, e as atividades desenvolvidas por escritórios, no que diz respeito aos seus serviços e rotinas, têm sofrido transformações, o que propiciou o surgimento de novos modelos de negócios. (LOMBARDO; DUARTE, 2017; ALVES *et al.*, 2020; SOARES, 2020). A literatura versa sobre algumas inovações nos modelos de negócio, a saber: contabilidade on-line, contabilidade em nuvem, *software Enterprise Resource Planning* (ERP) e contabilidade digital (DUARTE; LOMBARDO, 2017; ANDRADE; MEHLECKE, 2020; SILVA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2022). No entanto, devido a recente abordagem do tema e ausência de estudos científicos teóricos, tais modelos foram poucos explorados, fazendo com que o debate acerca da classificação como modelos de aprimoramento de processos ou como modelos disruptivos,

ainda seja controverso (ANDRADE; MEHLECKE, 2020; STAATS; DE MACEDO, 2021; SANTOS *et al.*, 2022).

Lombardo e Duarte (2017), classificam os modelos de negócio contábil, além do modelo tradicional, em: contabilidade digital e a contabilidade on-line. Já Santos, Paes e Lima (2022) avançam nessa classificação, advertindo que a contabilidade digital passou a ser um guarda-chuva para as demais inovações, em que os serviços digitais podem ser ofertados e combinados a procedimentos on-line e integrados aos clientes. Os autores, a partir da sua pesquisa, identificaram que as empresas analisadas implementaram a contabilidade digital, mas sem romper totalmente com o modelo tradicional, emergindo, também, um modelo híbrido: (i) tradicional, (ii) tradicional e digital e (iii) digital.

De acordo com Lombardo & Duarte (2017) a contabilidade online emergiu como um novo modelo de negócio que propiciava a oferta de serviços rápidos à custos muito inferiores quando comparado à contabilidade tradicional, graças ao uso maciço de *softwares* automatizados. Esta modalidade, que teve seu início nos EUA e na Europa, veio ganhando espaço no mercado brasileiro (LOMBARDO; DUARTE, 2017).

No que diz respeito a contabilidade online, Alves *et al.* (2020) destacam o surgimento das *startups* de contabilidade, como contraposição ao modelo tradicional de escritórios contábeis, e definem as *Startups* de Contabilidade como: “escritórios que disponibilizam a contabilidade online, realizam a geração da folha de pagamento, emissão das guias de impostos e elaboração dos relatórios gerenciais, por meio de uma plataforma digital”. Com essa nova realidade, os escritórios de contabilidade passaram a competir em um ambiente macro, onde seus concorrentes nem sempre operam na mesma cidade (SOARES, 2020).

Observa-se o surgimento de diversas empresas de Contabilidade Online a saber: Contabilizei, Conube, ContSimples, Meu Contador, Senhor Contábil, entre outras, sendo a Contabilizei o maior escritório de contabilidade do país atualmente (ALVES *et al.*, 2020). Dados da pesquisa Contábil *Trends* (2019) indicam que os escritórios tradicionais contabilizaram, em média, uma perda de 2 a 5 clientes durante o período de 12 meses entre 2018 e 2019, e a principal razão (60%) é em decorrência de concorrência mais barata, o que aponta uma oportunidade de mercado para empresas que utilizam posicionamento por preço.

A contabilidade digital, ou e-accounting, apesar de não ter uma definição padrão, refere-se à representação da informação contábil no formato digital, captando as mudanças na contabilidade devido às tecnologias, tais como internet e aos sistemas *ERP* (DESHMUKH, 2006). O modelo já popularizado na Europa e Oceania, chegou ao Brasil em 2015, e começa ser adotado por empresas de contabilidade ao longo do território nacional, utilizando como

estratégia competitiva a criação de valor agregado ao seu cliente, e não uma competição por preços baixos (LOMBARDO; DUARTE, 2017).

Enquanto a contabilidade online restringe-se ao cumprimento de obrigações legais com a oferta de preços baixos, o modelo de contabilidade digital faz uso das tecnologias da informação para automação dos processos, liberando o tempo dos trabalhos manuais para que o profissional exerça sua função científica, compreendendo, além das exigências legais, outras formas de contribuir para o crescimento de seus clientes (LOMBARDO; DUARTE, 2017; ANDRADE; MEHLECKE, 2020). Lombardo e Duarte (2017) discorrem a respeito das principais especificidades de cada um dos modelos de negócio contábil, conforme evidenciado no quadro 1.

Quadro 1: Modelos de negócios para Escritórios Contábeis

	Tradicional	Online	Digital
Proposta de valor	Suas obrigações e relatórios sempre em dia	Preço baixo	Empresa mais eficiente e em conformidade legal
Relação com o cliente	Proximidade consultiva, personalizada	<i>Self service</i> e padronizada	Proximidade consultiva e personalizada
Coleta de dados	Importação de XMLs, malote e digitalização	Portal <i>self service</i>	Integração entre sistemas
Atividade chave	Coleta de documentos, digitalização, escrituração	Tecnologia, automatização	Consultoria, educação e conexão entre sistemas
Cardápio de serviços	Ampla	Restrito	Ampla
Compromisso	Com o cliente	Com o processo	Com o cliente
Estratégia de Mercado	Posicionamento por valor e/ou preço	Concorrência por preço	Posicionamento por valor
Estratégia de expansão	Reativa por indicação	Ativa baseada no preço	Ativa baseada no valor

Fonte: Adaptado de Lombardo & Duarte (2017)

A proposta de valor que os escritórios contábeis oferecem é o que vai definir a escolha da empresa pelo cliente. Enquanto o modelo tradicional atrai clientes preocupados em manter as obrigações contábeis e fiscais em dia, o modelo online atrai aqueles que privilegiam um menor custo de serviço, ao passo que o modelo digital atrai clientes que valorizam a eficiência e a conformidade com as obrigações legais.

O processo contábil de geração das informações financeiras, conta com a coleta dos dados das transações empresariais. No modelo tradicional, os escritórios de contabilidade coletam os dados por meio de importação de XMLs e digitalização dos dados obtidos via malote. No modelo online ocorre o *input* dos dados no sistema de forma *self service*, em que os clientes são responsáveis pelos lançamentos, de forma que reduzem a necessidade de mão de obra dentro dessas empresas. No modelo digital, a coleta de dados é realizada, prioritariamente, pela integração entre sistemas, através do uso de *ERP* e da importação automatizada de dados de sítios do governo que disponham os dados necessários para a contabilização e escrituração. Em relação ao XML/DANFe da Nota fiscal, a maioria dos escritórios tradicionais ainda não utilizavam o armazenamento em nuvem, conforme tabela 2.

Tabela 2: Modos de armazenamento XML

Armazenamento	%	Soma %
Nuvem	37%	42%
Domínio Sistemas	4%	
Local (CD, Pen drive, HD externo)	28%	53%
Servidor próprio	18%	
Sistema Contábil	5%	
Arquivo digital	2%	
Papel impresso	3%	2%
<i>E-mail</i>	2%	

Fonte: Adaptado de Contábil *Trends* (2019)

Em relação à atividade chave, o modelo tradicional se concentra na coleta dos dados, coleta de documentos e digitalização, com o fito de promover a escrituração. Já o modelo online se resume ao uso de tecnologia e automação. O modelo digital se concentra na consultoria, educação e integração de sistemas (LOMBARDO; DUARTE, 2017).

2.3 Estudos Anteriores

Para melhor compreensão do fenômeno abordado por essa pesquisa, torna-se fundamental utilizar a gama de estudos anteriores existentes sobre a inserção de tecnologias no mercado de trabalho contábil, tal como as recentes transformações do mercado de escritórios de contabilidade propiciada pelos avanços tecnológicos.

Diversos autores buscaram investigar o impacto da inserção de novas tecnologias no mercado de trabalho contábil. Stancheva (2019) discutiu a respeito dos desafios da profissão contábil com o advento da inteligência artificial, abrangendo questões controversas tais como o novo conjunto de habilidades e competências necessárias para um novo cenário em que humanos e máquinas poderão trabalhar juntos de forma eficiente e eficaz. O que pode ser considerado por muitos um retrocesso, visto que muitos contadores não acompanharão as mudanças desse novo ambiente e ficarão para trás (STANCHEVA, 2019).

Coelho e Coelho (2018) investigaram a percepção dos estudantes de Ciências Contábeis da UFPE acerca da utilização de ferramentas tecnológicas que são tendências para o futuro da profissão do contador por meio de uma abordagem quantitativa com aplicação de surveys. Como contribuições, constatou-se certo desconhecimento por parte dos alunos sobre ferramentas digitais projetadas para capacitar no futuro da profissão, e que as práticas desempenhadas no futuro da profissão do contador poderão ser realizadas tanto pelos humanos e por robos. Corroborando com os resultados de Frey e Osborne (2017).

Analogamente, utilizando abordagem similar, Souza e Gasparetto (2018), buscaram avaliar a percepção de discentes do curso de ciências contábeis da UFSC acerca das características e impactos da indústria 4.0. Os resultados demonstram que os alunos atribuem alta relevância à tecnologia, apesar de possuírem pouco conhecimento sobre o tema. Os autores atribuem aos profissionais a responsabilidade de estarem preparados, desenvolvendo competências de análise e solução de problemas complexos, e à academia a adequação dos seus currículos de modo a formar profissionais capazes de adequar-se a esse contexto.

Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) se propuseram a compreender o perfil dos profissionais contábeis, atuantes em diversos setores, diante dos avanços tecnológicos por meio de aplicação de questionários. Como achados do estudo, evidenciou-se que embora a maior parte dos profissionais busquem se adequar as novas exigências da função, os atuantes da área tributária apresentaram um alto índice de indiferença frente à evolução tecnológica, sendo o segmento apontado pela literatura como uma das maiores probabilidades de automação (FREY; OSBORNE, 2017).

Cardoso e Da Costa (2019) e Dantas (2020) analisaram a percepção dos profissionais contábeis atuantes em empresas de grande porte, a respeito da influência do avanço tecnológico nas transformações do papel social do contador e nas rotinas de trabalho, respectivamente, por meio de entrevistas. Cardoso e Da Costa (2019) detectaram uma tendência de transformação do contador para um perfil mais analítico, alinhando suas responsabilidades com a elaboração de diagnósticos relativos a saúde das organizações, de forma a reforçar o seu papel como

profissional incumbido de contribuir com informações para tomada de decisão. Os achados de Dantas (2020), a partir da ótica da Indústria 4.0, apontam que os gestores possuem conhecimento empírico e parcial acerca do tema, no entanto receptivos a temáticas e lúcidos em relação às perspectivas futuras e desafios.

Franco *et al.* (2021) analisaram os impactos e desafios advindos da evolução da contabilidade 4.0 pela perspectiva dos contadores, por meio de questionários. O estudo apontou que o maior impacto causado pela evolução tecnológica no ambiente contábil está diretamente ligado à agilidade e ganho de tempo.

Já quanto ao universo das organizações contábeis, em pesquisa realizada através da plataforma *Web of Science*, em 13 de agosto de 2022, ao buscar o termo “*accounting office*”, foram identificados 9 trabalhos nos últimos cinco anos sobre escritórios contábeis. Maciel e Martins (2018) buscaram compreender a percepção da qualidade em serviços contábeis em um escritório contábil por meio da aplicação de questionários, e identificaram dimensões que precisam ser melhoradas dentro da empresa, a saber: (i) cumprimento dos prazos prometidos, (ii) registros atualizados e sem erros, (iii) precisão ao informar o início e conclusão de um serviço e (iv) atendimento imediato.

Almeida, Vieira e Bennett (2019) estudaram a respeito da formação de preço de honorários contábeis em escritórios contábeis. Os autores afirmam que em virtude da inexistência de uma padronização nos preços dos serviços contábeis, tanto pelos Conselhos Regionais de Contabilidade como pelos Sindicatos, tornou-se prática comum a cobrança de um salário mínimo para prestação dos serviços, sem a adequada realização de um estudo de custos e utilização de métodos de formação de preços. A partir do estudo de caso realizado os autores comprovaram a hipótese de que é possível praticar uma tabela de preços com base nos custos.

Von Muhlen *et al.* (2019) investigaram sobre isomorfismo institucional relacionado à profissão contábil por meio de estudo de caso em um escritório de contabilidade. O estudo objetivou investigar possíveis pressões sofridas por contadores terceirizados por parte de clientes, governo e classe profissional, que possam resultar na não prestação de serviços voltados a informações gerenciais. Com base nos dados colhidos e analisados, concluiu-se que os contadores recebem pressão social pelo excesso de obrigações acessórias, e que os clientes não buscam e nem estão dispostos a pagar por serviços gerenciais. O que por conseguinte, faz com que tais contadores julguem que os micro e pequenos empresários, não apenas não usam, mas também não estão interessados em ferramentas de gestão.

Lizote, Verdinelli e Nascimento (2019) se propuseram a analisar a relação entre comprometimento organizacional e satisfação no trabalho nos escritórios de contabilidade, por

meio de uma abordagem quantitativa com aplicação de questionários. O estudo revelou os seguintes achados: (i) insatisfação em relação a salário, por parte das mulheres; (ii) menor satisfação e comprometimento em funcionários de empresas de tamanho médio; e (iii) menor satisfação e comprometimento por parte de funcionário de escritórios de administração mista, quando comparados a empresas familiares ou de gestão profissional.

Da Silva, Cardoso e Flávio (2019) se dedicaram a compreender as percepções da Contabilidade sob a ótica das empresas, com aplicação de questionários. A partir da análise dos 73 respondentes, verificou-se que (i) a maior parte das empresas terceiriza o serviço de contabilidade à escritórios contábeis, (ii) desconhecem as obrigações da empresa perante ao Fisco, (iii) falta de execução de planejamento tributário pelos profissionais contábeis, e (iv) possuir um setor contábil dentro da própria empresa, desponta como uma vantagem competitiva, visto que é mais benéfico e produtivo em termos de questões fiscais, agilidade na execução de tarefas e prestação de informações tempestivas capazes de auxiliar na tomada de decisão.

Rengel *et al.* (2020) analisaram o processo de sucessão familiar em um escritório contábil baseado no *Balanced Scorecard* (BSC), por meio de um estudo de caso com metodologia de pesquisa-ação. Corroborando com estudos anteriores sobre o uso de BSC em organizações contábeis, os resultados sugerem que o BSC aperfeiçoado é uma ferramenta que possibilita o alinhamento do planejamento estratégico com as atividades operacionais.

Dos Santos *et al.* (2020) investigaram as implicações dos avanços tecnológicos nas atividades em um escritório contábil que teve o início das suas atividades em 1973, dessa forma, experienciando a inserção de tecnologias desde a era mecanizada até os dias atuais. Com os dados coletados por meio de entrevista estruturada com o proprietário, os autores puderam concluir que o avanço tecnológico implicou em adaptação dos processos e dos profissionais, com efeitos diretos nas informações geradas, na gestão do escritório e na equipe de trabalho.

Alves *et al.* (2020) objetivam analisar comparativamente escritórios tradicionais de contabilidade e *startups* em relação aos serviços prestados por meio de entrevistas com os seus proprietários. Na análise dos resultados foram evidenciadas diversas similaridades, sendo a principal divergência identificada a assessoria destinada a clientes. Enquanto as *startups* realizam o serviço por meio de envio de relatórios, cobrados de forma avulsa, os escritórios tradicionais realizam por meio de conversas e orientações aos clientes. Os autores complementam que devido a maior possibilidade de contato direto com os clientes, os escritórios tradicionais podem estar eventualmente deixando de usar esse recurso, ou ainda subutilizando, o que poderia ser uma vantagem competitiva em relação às *startups*.

Santos *et al* (2020) investigaram a relação entre o uso da tecnologia para o exercício da profissão contábil e as perspectivas de mudança a serem implementadas em escritórios de contabilidade, por meio da aplicação de 55 questionários. Os resultados evidenciaram que as rotinas de trabalho, na maioria dos escritórios, têm suas atividades desenvolvidas de forma automatizada, principalmente nas áreas Contábil e Fiscal com a automatização de tarefas de Escrituração Contábil e Cálculo de tributos. Em relação a percepção sobre as mudanças na profissão, achados demonstram os profissionais não se consideram preparados para o enfrentamento das mudanças, e precisarão buscar novos conhecimentos e desenvolver novas práticas para a próxima década.

Também foram encontradas outras pesquisas que versam acerca dos modelos emergentes de negócios em escritórios de contabilidade. Santos, Paes e Lima (2022) buscaram analisar a percepção da gestão de escritórios de contabilidade em relação a adoção da contabilidade digital, por meio de realização de entrevistas. A partir da percepção dos proprietários, inferiu-se que ainda não é viável a adoção de um modelo contábil que utiliza plenamente a contabilidade digital, e a sua implementação depende de gargalos que impedem a integração viável das rotinas do escritório e cliente. O que Kuhn (1992) chamou de ciência extraordinária, período que antecede as revoluções científicas, em que o paradigma mais antigo é parcialmente substituído pelo novo, ainda não abandonado.

Andrade e Mehlecke (2020) e Staats e Macedo (2021) se proporam a investigar a aceitação da contabilidade digital no processo de geração de informação de um escritório contábil, por meio da aplicação de questionários. Andrade e Mehlecke (2020) a partir do mapeamento realizado, foi identificado que o modelo digital favorece os escritórios contábeis ao possibilitar uma visão diferenciada sobre o modo de fazer contabilidade. Os autores concluem que, apesar de ser um tema controverso, há a aceitação de que a contabilidade digital é inevitável e essencial, permitindo a otimização das rotinas contábeis e acompanhamento das mudanças constantes. Staats e Macedo (2021) concluíram que a contabilidade digital abre espaço para o contador atuar além das rotinas contábeis, buscando maneiras de impactar o negócio do cliente.

Pauleski (2023) em seu trabalho de conclusão de curso investigou por meio de um estudo de caso em um escritório de contabilidade, quais os impactos da inteligência artificial no trabalho do profissional contábil. Em seus achados, foi identificado que a IA vem sendo utilizada para realização de tarefas repetitivas, de modo a liberar o profissional para atividades fundamentalmente humanas, tal como análises e consultoria.

Silva *et al* (2020) pesquisaram acerca das expectativas dos profissionais de contabilidade acerca do impacto das tecnologias no setor contábil, por meio da aplicação de *surveys*. A maior parte da amostra acredita ser de extrema relevância a oferta de disciplinas práticas voltadas para tecnologia nas grades do curso de ciências contábeis. No entanto, apenas 64% dos respondentes buscaram atualizações voltada a tecnologia por conta própria. Em relação as impacto negativos, 70% não acredita que a profissão possa desaparecer ou ser substituída por inteligência artificial, discordando assim com os dados da pesquisa de Frey e Osborne (2017). De maneira geral, concluiu-se que os profissionais estão de acordo que a tecnologia é um recurso básico para a profissão, devendo tais profissionais buscarem atualizações constantemente acerca da tecnologia de informação e sistemas. Mohammad *et al* (2020), conjecturaram que em breve as grades dos cursos de contabilidade irão incluir disciplinas relacionadas à programação e ao uso de IA voltado para rotinas contábeis. Os autores argumentam que tais mudanças garantirão não apenas a sobrevivência dos profissionais de contabilidade, como irão aprimorar o conjunto de habilidades e aumentar a produtividade.

No que diz respeito ao papel das universidades diante do atual cenário, os resultados da pesquisa de Dantas (2020) apontam, de forma unânime, que as universidades não têm preparado os seus docentes para atuar no mercado regido pela indústria 4.0 da maneira eficaz. Na percepção dos respondentes, as universidades dão ênfase a aspectos conceituais e tradicionais da contabilidade, sem dar a adequada atenção à tópicos que refletem as demandas de mercado, e como consequência não vem preparando os profissionais que se formam para esse novo cenário. O autor conclui a partir da percepção dos entrevistados, de que as universidades ainda estão em processo de adaptação quanto ao novo contexto das relações econômicas e de trabalho.

Quanto aos currículos dos cursos de ciências contábeis, Silva e Quillicini Neto (2018) afirmam serem instrumentos para formação dos profissionais nos moldes exigidos pela cultura capitalista vigente. Ao analisarem currículos de cursos no Brasil e em Portugal, notou-se forte tendência reprodutivista e tecnicista, que também em nível mundial, marca o ensino da contabilidade, influenciada pela escola norte-americana.

3 METODOLOGIA

Ao utilizar a metáfora da árvore, Easterby-Smith *et al.* (2015) propõe uma analogia a um pedaço de tronco, e afirma que o processo de pesquisa está alicerçado em quatro bases. O círculo interno, que é a parte mais densa do tronco, e é representado pela ontologia, que são as premissas básicas assumidas pelo pesquisador sobre a natureza da realidade. O círculo seguinte

representa a epistemologia, que são os pressupostos sobre as melhores maneiras de investigar a natureza do mundo. Já o terceiro círculo representa a metodologia, que em uma visão ampla, é a combinação de métodos e técnicas que serão empregadas sistematicamente para a investigação de uma situação específica, com a finalidade de adquirir um conhecimento científico. O último e quarto círculo representam a parte da pesquisa que é mais visível aos observadores externos, são os métodos e técnicas individuais que serão utilizadas para coleta e análise de dados. Smith (2003) frisa a necessidade de distinguir os termos metodologia e métodos, por serem comumente confundidos. E afirma que a metodologia se preocupa com as filosofias associadas à escolha do método de pesquisa, já os métodos de pesquisas se concentram nas questões técnicas associadas à condução da pesquisa.

3.1 Pressupostos Ontológicos e Epistemológicos

Antes de adentrar nos pressupostos ontológicos que norteiam esta pesquisa, faz-se necessário uma melhor compreensão do termo. Etimologicamente derivado das palavras gregas *ontos* e *logoi*, é a parte da filosofia que se dedica ao estudo da natureza do ser, refere-se à compreensão sobre como as coisas são, ou seja, a compreensão que temos do mundo. Easterby-Smith *et al.* (2015, pag.134) define ontologia como “suposições filosóficas sobre a natureza da realidade”, podendo ser objetiva ou subjetiva. No que diz respeito ao posicionamento ontológico na pesquisa científica, Saccol (2009) esclarece que a sua escolha é o que define a forma como o mundo e os fenômenos sociais que estão sendo investigados são percebidos, além de servir de base para a delimitação do problema de pesquisa, a definição da epistemologia e o método a ser utilizado.

De acordo com Saccol (2009) as principais ontologias são: (a) Realista: possui uma visão mais objetiva ligada às ciências exatas, da terra e biológicas. Pressupõe que há um mundo lá fora, independente das percepções que podemos ter a respeito dele; (b) Idealista: possui uma visão mais subjetiva. Pressupõe que o mundo existe a partir das percepções que temos sobre ele; (c) Interação sujeito-objeto: possui uma visão intersubjetiva. Pressupõe que a realidade é percebida e criada a partir das percepções de mundo que compartilhamos em sociedade.

Szuster (2015) destacou que a contabilidade, por ser uma ciência social, “um mesmo evento pode ter diferentes interpretações contábeis, desde que devidamente justificado”, de forma que cada profissional pode ter diferentes percepções ao retratar a mesma realidade, já que a percepção requer uma interação sujeito-objeto. Ryan *et al.* (2002) apresentam as perspectivas ontológicas específicas da área contábil: (a) A realidade empírica possui uma

natureza objetiva e externa ao pesquisador, onde os atores são objetos passivos e racionalmente possuem objetivos definidos; (b) A realidade é socialmente criada e objetivada por meio da interação humana, que por sua vez é considerada como intencional e possui significado no contexto social e histórico; (c) A realidade empírica é caracterizada como objetiva, mas é transformada e reproduzida através da interpretação subjetiva.

Após apresentadas as suas definições e seguindo a classificação proposta por Saccol (2009), a presente pesquisa pode ser definida, ontologicamente, como intersubjetiva, onde a realidade social é resultado da interação entre o sujeito e o objeto - nessa pesquisa entende-se como sujeito o “profissional de contabilidade”, e como objeto “as novas tecnologias” oriundas do fenômeno denominado como *Gig Economy*.

Partindo do pressuposto defendido por Covalesk *et al.* (2017) em sua agenda de pesquisas sobre a profissão contábil, de que a realidade social é constituída a partir de interações sociais, busca-se primeiramente compreender as percepções dos sujeitos frente a utilização/adoção das “novas tecnologias”, ou seja, a forma que interagem, o que pensam, como se posicionam, para então, a partir daí, obter uma melhor compreensão da realidade social do contexto atual, e dos rumos da contabilidade. Compreendido o posicionamento ontológico, passa-se à apresentação do posicionamento epistemológico deste estudo.

Quanto aos pressupostos epistemológicos, eles estão relacionados à forma como geramos conhecimento ou como acreditamos que o conhecimento é gerado. Ryan *et al.* (2002) afirmam que o problema central da epistemologia é decidir como nós podemos adquirir conhecimento. Ates (2008) relaciona a epistemologia à maneira como vemos a natureza da realidade no mundo, e pontua que esse olhar para as questões do mundo social é feito por meio de diferentes lentes que adquirimos através de nossas experiências pessoais e profissionais, e da nossa educação. Portanto, pode ser compreendido como “um conjunto geral de suposições sobre as melhores maneiras de investigar a natureza do mundo” (Easterby-Smith *et al.*, 2015, pag. 18).

Saccol (2009) afirma que há três linhas de pensamento epistemológicas que se destacam, sendo elas: o subjetivismo, o objetivismo e o construtivismo. O presente estudo pode ser classificado como de cunho epistemológico construtivista, pois de acordo com a referida autora, o construtivismo social pressupõe que a construção de significado ocorre por meio do processo de interação social (quando criados e compartilhados coletivamente) e, também, da intersubjetividade. De acordo com Covalesk *et al.* (2017), tal posição epistemológica nos permite obter uma melhor compreensão dos significados atribuídos à dinâmica social na profissão contábil.

Sob a perspectiva da Fenomenologia de Husserl e da Teoria da Gestalt, a percepção é considerada uma relação do sujeito com o mundo exterior, ao qual o percebedor é considerado um sujeito ativo, que dá ao objeto percebido novos sentidos e valores, sendo essa ação influenciada pela nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões e da nossa vida social (CHAUI, 2000). Lipton (2007) ressalta que nossas respostas aos estímulos do ambiente são controladas por nossas percepções, e que a capacidade do cérebro humano de aprender é tão avançada que podemos adquirir determinadas percepções indiretamente, a partir da experiência de terceiros. E uma vez que aceitamos tais percepções como verdades, elas se tornam definitivas em nosso cérebro e passam a ser nossas próprias verdades (LIPTON, 2007). Ou seja, inconscientemente podemos incorporar percepções de um grupo em que estejamos inseridos como nossas, sendo relevante distinguir as percepções de contadores pertencentes a diferentes segmentos.

Easterby-Smith *et al.* (2015) destacam que o construtivismo social, foi desenvolvido como uma reação à aplicação do positivismo nas ciências sociais, sustentada pela visão de que a realidade não é objetiva e exterior, mas socialmente construída, e com significados e sentidos dados por pessoas. Complementa que o foco deveria ser em o que as pessoas estão pensando e sentindo, e a atenção deveria ser dada na maneira como elas se comunicam um com o outro, seja verbalmente ou não verbalmente. Além de tentar entender e apreciar as diferentes experiências que as pessoas têm, em vez de procurar por causas externas e leis fundamentais para explicar o comportamento (Easterby-Smith *et al.*, 2015).

Em relação ao paradigma de pesquisa, Homero Jr (2017) afirma que a literatura define como o conjunto de premissas subjacentes às escolhas metodológicas e compartilhadas por uma comunidade científica. Kuhn (2001) descreve como o conjunto subjacente de regras, ilustrações e pressupostos que ocorrem de maneira recorrente e quase padronizada, que são compartilhadas pelos membros de uma dada comunidade científica, para direcionar abordagens de pesquisa dentro de uma área de conhecimento. Saccol (2009) esclarece que são acima de tudo visões de mundo, e que o paradigma resultante da ontologia e epistemologia deverá guiar o método de pesquisa a ser adotado, ou seja, é a estratégia de pesquisa que irá definir as técnicas de coleta e de análise dos dados a serem empregadas pelo pesquisador.

Smith (2003), indica que, especificamente nas ciências contábeis, há 3 paradigmas de pesquisa: Positivista, Interpretativo e Crítico. Baker e Bettner (1997) já questionavam os motivos da carência de representatividade de pesquisas anti-positivistas nos principais periódicos internacionais em contabilidade dos Estados Unidos. Lourenço e Saurbronn (2016) destacaram a influência americana no estabelecimento do positivismo como a abordagem

dominante no contexto brasileiro, o que pode explicar, de certa forma, o pequeno desenvolvimento de pesquisas com cunho interpretativas e críticas, evidenciando uma importante lacuna a ser preenchida pelos pesquisadores da área.

Lopes e Beuren (2017) frisam que a crescente insatisfação com o uso de métodos quantitativos, que eles classificam como excessivo, propiciou uma maior discussão a respeito das escolhas paradigmáticas. Martins (2012) pontua críticas ao *mainstream* da pesquisa contábil brasileira, pois segundo o autor a abordagem é frequentemente utilizada sem a reflexão das justificativas filosóficas de suas escolhas, e muitas vezes escolhida devido à facilidade de publicação que o positivismo oferece, gerada pela necessidade de publicação imposta pelos Programas de Pós-Graduação. Além do apego a métodos quantitativos, o autor pontua outras patologias da pesquisa contábil brasileira: replicações frequentes de pesquisas e distanciamento da prática, o que tem ocasionado uma ausência de utilidade das pesquisas realizadas.

Como desdobramento das perspectivas ontológicas e epistemológicas assumidas, a presente pesquisa pode ser enquadrada no paradigma interpretativista. Ates (2008) afirma que estudos com cunho interpretativista adotam uma abordagem “*open mind*”, com um foco maior na compreensão profunda do significado dos dados, ao invés de utilizar de generalizações. Smith (2003) define a perspectiva interpretativa da seguinte forma:

De uma perspectiva interpretativa, as ações humanas são o resultado de influências externas. Essas ações têm intenções e reflexões e ocorrem dentro de uma estrutura de regras que vincula os participantes. A tarefa do pesquisador vai além da mensuração e desenvolve uma compreensão da situação. Para fazer isso de forma eficaz, é necessária uma participação ativa, em vez de uma observação isolada. Como a 'ação' pode ser interpretada de forma ambígua quando retirada do contexto, essa perspectiva coloca a ênfase fundamental na compreensão do processo (SMITH, 2003, pag.4).

Lukka e Modell (2017), por sua vez, pontuam que a pesquisa interpretativa contábil trouxe significantes contribuições para o entendimento da contabilidade como prática social e organizacional. Portanto, a presente pesquisa assume a premissa de que o interpretativismo é o caminho que mais se adequa ao alcance do seu objetivo, uma vez que permite acessar os significados e aspectos subjetivos da profissão contábil. Após abordadas as instâncias filosóficas, na próxima sessão serão apresentadas as estratégias metodológicas.

3.2 Pressupostos metodológicos

3.2.1 Classificação metodológica

Segundo Easterby-Smith *et al.*, (2015), metodologia pode ser definida como a combinação de técnicas usadas para investigar uma situação específica. No que tange à sua classificação, a presente pesquisa possui abordagem qualitativa.

Godoy (1995) destaca que os pesquisadores qualitativos, ao analisarem o fenômeno estudado a partir da perspectiva dos participantes, possuem como principal preocupação desvelar o significado que as pessoas dão às coisas. Visando uma compreensão mais ampla do fenômeno estudado, incluindo não apenas o ambiente, mas também as pessoas inseridas nele devem ser olhadas holisticamente. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com a situação que está sendo estudada. O pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação de dados coletados (GODOY, 1995).

3.2.2 *Corpus* de Pesquisa e Coleta dos dados

Com a finalidade de compor o *corpus* da pesquisa, a estratégia escolhida para coleta de dados foi a de entrevistas semiestruturadas, tendo como sujeitos os profissionais contábeis proprietários e os contratados por escritórios contábeis, utilizando para tal o roteiro apresentado no Apêndice B.

A coleta de dados por meio de entrevistas justifica-se por ser, de acordo com Duarte (2004), a metodologia adequada quando se deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados, sendo, dessa forma, a opção indicada para a captação de aspectos subjetivos, tais como a subjetividade das percepções dos profissionais contábeis. De modo que uma compreensão mais aprofundada das percepções dos atores envolvidos dentro de um fenômeno, contribuem para a melhor compreensão do fenômeno em si.

Lima, Almeida e Lima (1999), por sua vez, destacam que o formato semiestruturado de entrevistas valoriza a atuação do entrevistador, que assume a função de conduzir o entrevistado a discorrer sobre suas experiências de forma livre e espontânea, no que tange ao tema proposto. Flick (2004) defende que tal método de coleta é o que fornece uma maior probabilidade de que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos, quando comparado com uma entrevista padronizada ou um questionário.

Barthes (2006) elucida que o *corpus* é selecionado a partir de certa arbitrariedade inevitável do pesquisador, sendo os escritórios selecionados pelo critério de conveniência, portanto, os resultados encontrados possuem validade apenas para o universo de sujeitos entrevistados. Ao vislumbrar uma melhor compreensão de determinado grupo social, a abordagem qualitativa não tem como objetivo oferecer generalizações, portanto, a dita “dificuldade de generalização” é considerada inerente à abordagem, não podendo ser considerada como uma limitação (MOZZATO & GRZYBOVSKI, 2011).

Para compor o *corpus* de pesquisa foram convidados profissionais pertencentes ao círculo social da entrevistadora, além de envio de convites através de grupos de *facebook* (Contadores; Contabilidade – Conteúdos, Perguntas e respostas) e *whatsapp* (58. CON CERJ). Foram enviadas mensagens (vide apêndice A), expondo o desenvolvimento da presente pesquisa e recrutando voluntários, os quais, de forma espontânea, aceitaram participar da entrevista. Também houve convite para participação das entrevistas *in loco*, indo até escritórios de contabilidade, no entanto, não emergiram voluntários.

De acordo com o Art. 3º da Resolução CFC Nº 1.555, de 6 de dezembro de 2018, assegura-se que o quadro societário das organizações contábeis devem ser integrados puramente por profissionais da contabilidade, ou ainda, profissionais da contabilidade com profissionais de outras profissões regulamentadas, desde que cadastradas nos respectivos conselhos de classe e que os profissionais contábeis possuam maioria das quotas no capital social. Desta forma, restringiu-se as entrevistas aos proprietários dos escritórios que sejam contabilistas, descartando outras profissões. A decisão se justifica, pois, o objetivo da pesquisa se alinha com a profissão contábil, buscando-se dessa forma compreender a percepção de tais profissionais a respeito do fenômeno estudado. Foram entrevistados 11 profissionais de contabilidade, contadores que fazem parte da equipe de funcionários de escritórios e, também, os contadores proprietários dos escritórios, de 6 empresas diferentes. Utilizando a categorização por faturamento, os escritórios selecionados estão classificados em micro e pequenas empresas.

O período de coleta de dados ocorreu entre 20 de dezembro de 2021 e 01 de setembro de 2022, e em função das medidas de distanciamento social impostas pela pandemia da Covid-19, parte das entrevistas ocorreu de forma presencial, e parte por meio da plataforma *google meet*. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes após a leitura do Termo de Consentimento e Esclarecimento. As entrevistas tiveram média de 33 minutos e 16 segundos, com total de 6 horas e 6 minutos.

Para determinação do quantitativo do *corpus* da pesquisa, foi utilizado o critério de saturação. Saturação é um instrumento epistemológico pertencente à esfera da inferência

indutiva, em que se determina o momento de descontinuação da coleta dos dados, pela ausência de novos elementos que permitam ampliar a análise do objeto (THIRY-CHERQUES, 2009; SAUNDERS *et al.*, 2018). Grady (1998: p. 26), ao definir a saturação em termos de redundância informacional, elucida que “em entrevistas, quando o pesquisador começa a escutar os mesmos comentários repetidas vezes, a saturação dos dados está sendo alcançada”, e complementa afirmando que esse é o momento para parar a coleta de dados e começar a analisar o que foi coletado. Cardoso e Da Costa (2019) salientam que mais importante do que o tamanho da amostra, é a seleção adequada que privilegie os sujeitos sociais que detêm os atributos que o pesquisador pretender conhecer e desvendar.

A caracterização do *corpus* da pesquisa é apresentada através do Quadro 2, em que são apresentados o perfil dos candidatos e o tipo de entrevista. Com o fito de preservar a confidencialidade, os entrevistados foram identificados por ordem de realização da entrevista, classificados como CE (contador empresário) e CT (contador trabalhador).

Quadro 2: Perfil dos Entrevistados

Iden tifica ção	Sexo	Idad e	Atuação	Formação	Esta do	Tip o	Escrit ório
CT1	F	30	Contador	Graduação em Ciências Contábeis e Administração; Pós-Graduação em Controladoria- Signoreli	RJ	P	A
CE2	M	48	Empresário Contábil	Graduação em Ciências Contábeis e em Administração; Pós-Graduação em Gestão tributária	RJ	P	A
CT3	M	32	Contador	Graduação em Ciências Contábeis, Pós-Graduação em Gestão tributária- USP e Gestão empresarial- USP	RJ	P	A
CE4	M	49	Empresário Contábil	Graduação em Ciências Contábeis, Pós-Graduação em Contabilidade Gerencial-UFRJ; Controladoria-UFRJ e Direito Tributário-Cândido; MBA em Finanças-COPPEAD	RJ	P	A
CE5	F	51	Empresário Contábil	Graduação em Ciências Contábeis, Pós-Graduação em Auditoria Tributária - UFRJ	RJ	P	A
CE6	M	55	Empresário Contábil e Professor	Graduação em Ciências Contábeis, Pós-Graduação em Controladoria-UFF; Mestrado em Ciências Pedagógicas	RJ	P	B

CE7	M	58	Empresário Contábil	Graduação em Ciências Contábeis	RJ	V	C
CT8	F	32	Contador	Graduação em Ciências Contábeis e em Administração Pública; Pós-Graduação em Gestão e docência do ensino superior	RJ	V	C
CT9	M	66	Contador, professor e Integrante da Comissão docente CRC-RJ	Graduação em Ciências Contábeis e Mestrado em Ciências Contábeis - UERJ	RJ	V	D
CE10	M	52	Empresário Contábil, e Conselheiro do CRC-RJ	Graduação em Ciências Contábeis e Pós-Graduação em Finanças e em Economia empresarial	RJ	V	E
CE11	F	33	Empresário Contábil	Graduação em Ciências Contábeis e Pós-Graduação em Gestão Tributária-Fundace	SP	V	F

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação ao tipo, as entrevistas se mostraram equilibradas, sendo 54% realizadas presencialmente e 46% virtualmente. Em relação aos estados, 90% atuam no Rio de Janeiro, e 10% em São Paulo, estados que representam juntos 39,38% dos profissionais contábeis do país (CFC, 2023). Do total de entrevistados, 36% atuam como contadores e 64% atuam como empresários contábeis.

3.2.3 Tratamento dos dados

A estratégia de análise e interpretação dos dados adotada foi a análise de conteúdo. De acordo com Flick (2004), devido à análise esquemática dos conteúdos, a AC é conhecida por ser o método mais claro e com ausência de ambiguidade para trabalhar em uma pesquisa. Como contraponto, Gondim e Bendassolli (2014) salientam que o método vem sendo muitas vezes utilizado como um recurso *ad hoc*, sem fidelidade na aplicação das suas técnicas, devendo os pesquisadores se atentarem ao exposto ao fazerem uso da técnica.

A análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa, sendo considerada por Bauer e Gaskell (2002) como uma técnica híbrida. Enquanto a análise quantitativa se limita ao cálculo e descrição das frequências, a análise qualitativa permite a interpretação dos dados, possibilitando ao pesquisador compreender características, estruturas e/ou modelos que estão por trás das mensagens levadas

em consideração (BARDIN, 1977; GODOY, 1995). O processo de análise refere-se a uma visão interpretativa da realidade do ponto de vista dos entrevistados, a partir do discurso declarado pelos mesmos (DUARTE, 2004).

Em relação ao tratamento de dados, a escolha da análise de conteúdo justifica-se por ser o método capaz de descortinar aspectos implícitos que permitam a compreensão do conteúdo das entrevistas. Essa pesquisa adota uma abordagem indutiva, ou seja, a análise dos dados ocorre livremente sem categorizações pré-estabelecidas, permitindo que as categorias emergjam dos dados. A abordagem escolhida fornece um conjunto sistemático de procedimentos para analisar dados qualitativos que podem produzir informações confiáveis e achados válidos, conforme descrito na Tabela 3 (THOMAS, 2006):

Tabela 3: O Processo de Codificação na Análise Indutiva

Leitura inicial dos dados do texto	Identificar segmentos no texto relacionados aos objetivos	Classificar os segmentos do texto para criação das categorias	Reduzir sobreposições e redundâncias entre as categorias	Criar um modelo incorporando as categorias mais importantes
Muitas páginas de texto	Muitos segmentos	30 a 40 categorias	15 a 20 categorias	3 a 8 categorias

Fonte: Adaptado de Thomas (2006)

Para transcrição das entrevistas foi utilizado o software *Speech to Text*. Conforme indicado por Saldaña (2016) procedeu-se a primeira etapa da análise de maneira manual. Segundo o autor há algo em manipular dados qualitativos no papel e escrever códigos a lápis, o que permite maior controle e propriedade do trabalho: “toque nos dados ... manipular os dados retira dados adicionais da memória e os coloca no registro”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após os dados serem coletados e transcritos, iniciou-se o processo de análise de conteúdo. Na sequência, como frutos da análise de conteúdo, foram propostas 3 categorias para apresentação e análise das respostas dos entrevistados, conforme Quadro 3.

Quadro 3: Categorização dos dados

1. Tecnologias no Processo Contábil	2 Uberização da Contabilidade	3. O Novo Contador
1.2 Percepção sobre as tecnologias	2.1 Percepções sobre a Uberização da Contabilidade	3.1 Mudanças no Papel do Contador
		3.2 Perfil do Novo Contador
		3.3 Formação do Novo Contador

Fonte: Elaborado pelos autores

4.1 Tecnologias no Processo Contábil

“Então você praticamente não tem muito que se fazer não é?!” (CT3)

Ao adentrar no tópico sobre tecnologias, emergiu de alguns entrevistados descrições de como funcionava o processo de escrituração contábil em escritórios no passado. De acordo com os entrevistados, o movimento com as transações a serem contabilizadas chegavam por meio de um envelope, e os lançamentos eram inseridos de forma manual, por meio de um classificador contábil de débito e crédito, havia programas para cada segmento (folha, fiscal, contábil etc.), sem qualquer integração.

Aos serem questionados diretamente, os entrevistados apresentaram as suas definições para o que entendem ser tecnologia, relacionando o conceito de tecnologia com mapeamento e melhoria de processos. “Acho que a tecnologia é tudo aquilo que melhora processos. Desde a época que inventou uma máquina a vapor, gera tecnologia, então ela melhorou o processo de fabricação, de automóvel, por exemplo.”, exemplifica a entrevistada CT1. Especificamente no processo contábil, o entrevistado E6 percebe a tecnologia como algo a facilitar um lançamento, e a sua consequente análise: “Tecnologia eu vejo como qualquer aplicativo, ferramenta com funcionalidade que vem a te auxiliar a desenvolver o trabalho de um lançamento, de uma análise.” (CE6).

Foi explorado junto aos entrevistados, quais são as novas tecnologias que eles percebem nos escritórios de contabilidade. Entre as respostas, são citadas Tecnologia em Nuvem, ERPs e Plataformas Web. No que se refere a Tecnologia em Nuvem, ela já havia sido apontada durante a Feira Industrial de Hannover (2011) e no *The Future of Jobs Report* (2018) como disruptiva

no ambiente corporativo, e Dantas (2020) em seu levantamento, identificou como um dos Pilares da Indústria 4.0 no ambiente contábil.

Hoje tudo é na nuvem, você tem um backup das coisas. Estava numa reunião aí o menino você tem na nuvem? Mas quando eu cheguei aqui há 2 anos atrás, isso é que era uma inovação. Poucos escritórios tinham, muitos ainda tinham servidor dentro do local. Então essa coisa do acesso à informação, esse acesso mais fácil. Um cliente, me passou zap pedindo uma documentação que ele precisava, e era com urgência. Eu peguei meu celular, eu entrei na rede, peguei lá, mandei pro ZAP, ele ficou superfeliz e satisfeito. Quando que antes você poderia fazer isso? (CE5).

Ao analisar a fala do entrevistado CE5, de forma similar ao levantamento realizado por Dantas (2020), observa-se a funcionalidade da Tecnologia em Nuvem restrita ao armazenamento de dados em um servidor on-line, demonstrando um desconhecimento de toda a sua potencialidade. Pedrosa e Nogueira (2011) elencam funcionalidades da TN relacionadas à oferta de serviços online, tais como o auto-atendimento, de forma que usuários possam usar serviços desejados sem a intervenção humana, como ocorre nos sistemas ERPs via *websites* (PEDROSA & NOGUEIRA; 2011).

“Eu não visualizo a volta ao presencial de jeito nenhum” (CE5).

A questão da tecnologia foi intensificada pela pandemia, iniciada em 2020, que compeliu as pessoas a ficarem em casa, e os escritórios passaram a adotar de maneira mandatória o modelo de trabalho remoto, ou *home office*, termo popularizado no Brasil. Os entrevistados frisaram o uso de sistemas em nuvem, como a principal tecnologia a viabilizar os funcionários a trabalharem de casa. O entrevistado CE2 diz: “Na pandemia, foi tranquilo porque a gente já estava com tudo em nuvem, já tinha um sistema em nuvem. É, mas hoje não vejo sentido você ter um escritório com 200, 300 colaboradores, não tem sentido nenhum. Hoje a gente vem presencial, mas hoje 70% está em home office” (CE2).

A entrevistada CT8, usou argumentos como melhoria na qualidade de vida dos colaboradores, devido ao ganho de tempo com os deslocamentos, e redução significativa de custos das operações para os escritórios como pontos positivos da modalidade, e complementa “é um modelo de trabalho que provou-se dar muito certo em diversas áreas. Justamente porque as tecnologias permitem isso, já que conseguimos ter acesso a tudo de forma remota” (CT8).

A economia de tempo de deslocamento, também despontou como um ponto forte da modalidade frisado pelos empresários contábeis.

A gente tem pessoas aqui que trabalha, gente que mora em Caxias, em São Gonçalo. Então, poxa, olha a dificuldade, imagina quantas pessoas de São Gonçalo

podiam estar trabalhando remotamente, e tem que despencar para cá, todo dia pegar ônibus cheio. (CE2)

As pessoas são responsáveis, ganharam tempo de vida de trânsito. (CE4)

Autores destacam que a economia de tempo com os deslocamentos é revertida em aumento da qualidade de vida, além da economia financeira resultantes de despesas com passagem/combustível e alimentação fora de casa (FANA *et al.*, 2020; GIMÉNEZ-NADAL, MOLINA, & VELILLA, 2020).

De uma maneira geral, nota-se que os entrevistados, tanto os contratados, como os empresários, demonstram uma percepção positiva a respeito da modalidade de trabalho remota, indicando uma tendência de manutenção do modelo no pós-pandemia.

O entrevistado CE4 menciona os ERPs Contábeis, como uma das tecnologias mais significativas surgidas no contexto dos escritórios contábeis, o que Dier (2007) afirma ser uma tentativa de trazer a realidade praticada nas grandes e médias empresas para as pequenas, de maneira a criar uma integração do *software* de gestão do cliente com o *software* do escritório.

Sobre as tecnologias disruptivas, o entrevistado CE4 comenta: “Então, tecnologia hoje não é mais só aquele sistema de contabilidade que a gente tem aí de uns 20, 30 anos para cá. Elas são as plataformas mesmo”. Os entrevistados exemplificaram as Plataformas web que atuam com ferramentas contábeis, de forma complementar aos ERPs adicionando diversas funcionalidades.

O entrevistado CE2 versou sobre a existência de um captador de notas, que funciona como um robzinho varrendo as Prefeituras e as Secretarias de Estado da Fazenda (SEFAZ) de todo o Brasil buscando as notas emitidas ou recebidas de fornecedores, não sendo necessária mais a tarefa de buscar o lote de XML das Prefeituras manualmente. A entrevistada CT8 elucida sobre a ferramenta que permite instalar um importador de notas diretamente no computador dos clientes, de forma que a cada nova nota emitida automaticamente o escritório recebe uma mensagem no ERP e a nota é incorporada ao sistema, dispensando o encaminhamento dessas notas por parte dos clientes, e complementa manifestando a sua satisfação: “são ferramentas que facilitam o dia a dia do trabalho, automatiza muito mais o trabalho”.

Também foi mencionado sobre importadores universais, que são plataformas que recebem os arquivos gerados pelos sistemas financeiros dos clientes e convertem para o formato e plano de contas do escritório de contabilidade, permitindo a automação da conciliação bancária, para posterior integração ao ERP contábil. Sobre as ferramentas, a entrevistada CT1 comenta: “Então se o cara não conhecer, ele vai ficar a vida toda ali, pegando um extrato,

imprimindo, gastando papel, lançando, conciliando, né, lançar nota fiscal à mão, não tem sentido, né?”.

O entrevistado CE2, destacou que no antigo processo contábil, tudo o que era digitado pelo setor financeiro da empresa, precisava ser redigitado pelo escritório de contabilidade, demonstrando seu descontentamento ao afirmar “não tem sentido, é um desperdício, para a empresa e para o país.”. De maneira a corrigir a necessidade do retrabalho, surgiram as plataformas para recepcionar o envio de documentos pelos clientes, de forma que eles mesmos são responsáveis pelo input de dados. O entrevistado CT3 esclarece que já existem plataformas que permitem que os clientes alimentem as plataformas por meio dos seus smartphones, enviando comprovantes por meio do formato de foto, ao qual são convertidos pelas plataformas e enviados para os ERPs, e comenta “parece uma mágica, mas é o futuro”. Como frisado pelo entrevistado CE4, dispensando o envio de “saquinhos de documentos” para inserção manual pelos funcionários de escritórios. Sobre a transferência de responsabilidade da inserção dos dados pelos clientes, a entrevistada CT1 enfatiza o ganho de tempo no processo de contabilização: “O próprio cliente já vai alimentar uma ferramenta. Você só vai pegar essa informação que o cliente alimentou. Isso economiza um tempo de um 500%. É bem, o processo fica bem, bem, bem mais rápido, muito mais rápido.”

O entrevistado CE4 também menciona sobre a plataforma que emite relatórios gerenciais e de crédito de imposto, permitindo o contador atuar na análise de tais relatórios. De acordo com o entrevistado, as plataformas de análises são o que representam melhor a atual revolução tecnológica, não mais o antigo sistema que trata os dados, mas sim as plataformas de análise e comunicação dos escritórios com as empresas.

Ao falar sobre dados e automação através dessas plataformas, estamos falando de IA. Tal tecnologia, também foi evidenciada por Leopold *et al* (2018) como um dos principais avanços tecnológicos capazes de moldar o mundo corporativo. Dantas (2020) em seus achados, identificou o desenvolvimento de sistemas de inteligência artificial como um dos pilares da Indústria 4.0 no ambiente contábil. A partir das falas dos entrevistados, nota-se uma percepção positiva relativa ao uso dessas ferramentas. O que está consonância com o defendido por Mohamed *et al* (2020) ao afirmar que o mundo das finanças e da contabilidade pode ser muito beneficiado pela introdução de ferramentas e técnicas de IA que permitam a automação de tarefas que levam à melhoria na capacidade de análise.

Com a inserção das novas tecnologias, emerge uma nova forma de fazer contabilidade. Os entrevistados destacam a parametrização dos sistemas como ponto central da automação do

processo contábil, dispensando a figura de um operador que realiza os lançamentos contábeis manualmente nota por nota.

Como benefícios percebidos através da inovação do processo os entrevistados citam questões como: otimização, aumento da produtividade, disponibilidade de tempo para oferta de outros serviços, integridade e qualidade das informações. Santos, Paes e Lima (2022) apontam a otimização do tempo gasto para execução de tarefas como uma das vantagens da adesão à contabilidade digital, que, por sua vez, são possibilitados a partir da integração de dados, quando se extingue a necessidade do retrabalho, do refazer e do redigitar. O entrevistado CE2 sintetiza essa ideia com a fala: “Então você praticamente não tem muito que se fazer não é?”.

Como elucida o entrevistado CE2, a partir da ferramenta Captador de Notas, é possível oferecer um serviço de pré-fiscalização, de modo que a Qualidade e a integridade das informações também são beneficiadas, visto que não há intervenção manual, corroborando com Dantas (2020) que indica que o incremento na qualidade da informação foi um dos principais benefícios da Indústria 4.0 na área contábil-financeira. Os entrevistados citam outros benefícios proporcionados pela tecnologia como agilidade e produtividade.

Os empresários contábeis CE6 e CE2 defendem o uso de tecnologias com as seguintes afirmações, respectivamente: “Quanto mais tecnologia, quanto mais ferramentas eu consigo colocar de forma mais clara, abrangente, integrada, é melhor para a própria empresa. Essas ferramentas ajudam bastante.” e “a gente entende que a gente tem que usar o máximo da tecnologia. O máximo da integração de dados, né? Integrar o máximo para trabalhar com mínimo. Redigitar para a gente não faz sentido, né?”

“Essa percepção que eu tenho, que a oferta do mercado de trabalho na nossa área diminuiu bastante” (CT8).

Os entrevistados relataram perceber um enxugamento das vagas no mercado de trabalho em geral, ocasionado pelo uso das novas tecnologias. Tal percepção é ilustrada através do comentário da entrevistada CT1:

Eu vejo que cada vez mais o mercado está meio ficando enxuto, sabe? Acho que é uma tendência não só do mercado contábil, como todos os mercados, então quanto mais sistemas, mais tecnologia, então vai enxugando cada vez mais. Por exemplo, o mercado que eram 30 Caixas, agora tem quinze, e uns dois ou cinco de autoatendimento para a pessoa pagar a sua própria compra (CT1).

Especificamente no mercado contábil, o entrevistado CT3 destaca “Então o trabalho que antigamente duraria 1 ou 2 semanas, às vezes em 1 dia ou 2 dias, no máximo, você já tem a informação completa”, fazendo referência a redução do tempo para conclusão do processo de geração da informação contábil. A entrevistada CT1, enxerga uma relação de causalidade entre o uso de sistemas integrados com a redução das vagas em escritórios de contabilidade, fazendo com que a disputa pelas vagas remanescentes se torne mais disputada.

No próprio mercado contábil em si, quanto mais sistemas integrados, nós temos uma menor necessidade de ter muitos funcionários. Dois, três funcionários conseguem cumprir uma demanda de cem, cento e cinquenta empresas, né. Então acho que de uma maneira geral, está ficando mais competitivo e mais difícil de entrar no mercado (CT1).

Na mesma linha, os entrevistados CE2 e CE6 comentam acerca da automação e otimização do trabalho com as seguintes falas: “E fica tudo mais rápido, o processo fica todo mais rápido e otimizado, eu não preciso ter hoje aqui no meu escritório 10 pessoas, sendo que 2 podem fazer o trabalho de 10” (CE2) e “Vou sair de 16 pessoas para 5, mexendo nos processos, tirando retrabalhos, tendo interface entre os sistemas” (CE6).

Os entrevistados CE2 e CE6, indicam que pode haver uma redução de postos de trabalho, contudo é importante lembrar que ambos são empresários, donos de escritório de contabilidade, e que essa transformação, pode se configurar, sob sua percepção, como um aspecto positivo.

Shi (2020) já alertava para o fato da IA ser uma faca de dois gumes, ao promover melhoria no processo contábil, com a redução de erros e aumento da competitividade, há a criação de um cenário de instabilidade onde os contadores venham a enfrentar uma crise de desemprego. De Jesus (2020) salienta que o aumento da produtividade empresarial, por meio da redução da quantidade de mão-de-obra, é um dos objetivos da introdução de inovações tecnológicas no processo produtivo.

Como um desdobramento da redução de ofertas de vagas ocasionadas pelo avanço tecnológico, a necessidade de uma maior qualificação foi percebida e mencionada pelos entrevistados, conforme comenta a entrevistada CT8:

Eu acho que foram impostas cada vez mais qualificações. Você ter uma qualificação melhor para conseguir uma vaga. Eu lembro que na minha infância era muito enfatizado que a pessoa tinha que ter pelo menos o ensino médio. Eu percebi, quando eu já estava no ensino médio, que se eu não tivesse uma graduação, eu não conseguiria uma colocação. E quando eu cheguei, já na graduação, eu percebi que aquilo ali era como se fosse o início (CT8).

Empresas passam a exigir pós-graduação em suas descrições de vagas, conforme elucida a entrevistada CT8 “Em escritório, que é a área que eu atuo, a área fiscal/tributária, eles pediram uma pós-graduação, graduação apenas não seria suficiente” (CT8).

Outro ponto de destaque pelos entrevistados é a necessidade de experiência com uso de softwares requerida pelas empresas. “O mercado tem pressa, toda a vaga pede experiência com determinada ferramenta”, comenta a entrevistada CT1. O que é corroborado pela fala do entrevistado CE6, que pontua a ausência de experiência com softwares como uma ameaça para o profissional: “De fato, um profissional que desconhece ferramentas sistêmicas, que desconhece uma planilha eletrônica está cada vez mais ameaçado. Reduz cada vez mais o seu campo de atuação e o mercado de trabalho vai se fechando cada vez mais para ele” (CE6).

Essa necessidade de maior qualificação pontuada pelos entrevistados vai de encontro com os impactos da 4ª Revolução Industrial na organização do trabalho identificados por Tessarini e Saltorato (2018) ao relacionar o crescimento do desemprego tecnológico com a criação de postos de trabalho mais qualificados.

O entrevistado CE10 cria um paralelo entre a necessidade de qualificação com o programa Educação Profissional Continuada instituído pelo CFC: “o mercado de trabalho se torna cada vez mais exigente, pela preparação que precisamos ter né? Com destaque para a educação continuada, pois a legislação muda a todo momento” (CE10). O programa tem o fito de atualizar e expandir os conhecimentos e competências técnicas e profissionais, as habilidades multidisciplinares e a elevação do comportamento social, moral e ético dos profissionais de contabilidade que atuam na área de auditoria, perícia e elaboração de demonstrações contábeis em empresas com receita a partir de R\$ 78 milhões (CFC, 2023). Tais profissionais, necessitam cumprir 40 pontos por ano-calendário, sendo no mínimo 8 pontos voltados para atividades de aquisição de conhecimento (CFC, 2023).

Dado exposto, percebe-se que o foco do programa é voltado à profissionais que atuem em empresas de médio e grande porte, não havendo obrigatoriedade de pontuação para profissionais que atuam em micro e pequenas empresas, ou ainda em escritórios contábeis. O que parece ser contraditório, visto dados apresentados pelo entrevistado CT9 que denotam a relevância das PMEs: “95% dos contadores trabalham para quem? Para as pequenas e médias empresas”, estando alinhados aos dados apresentados por Melo *et al* (2023), que afirmam, que em nível mundial, as PMEs são responsáveis por 90% de todos os negócios e 50% do emprego (MELO *et al.*, 2023).

“Hoje a gente na contabilidade está falando de inteligência artificial” (CE2).

Foi realizada uma sondagem com os entrevistados quanto a sua compreensão acerca do significado do termo Contabilidade 4.0. O entrevistado CE4 afirma “*os termos são nomes que as pessoas dão para coisas que na verdade existem*”, os entrevistados apresentam suas próprias definições sobre o tema, revelando desconhecimento do termo sem fazerem qualquer referência à Indústria 4.0, ao qual Franco *et al* (2021) afirmam estar diretamente ligada a 4ª Revolução Industrial.

Aslanertik e Yardimci (2019) ao fornecerem um framework acerca da contabilidade 4.0, defendem que o termo é um desdobramento do termo indústria 4.0, na qual o setor contábil precisou se adaptar, redefinindo por inteiro os sistemas contábeis e redesenhando estratégias. Para os autores a indústria 4.0 oferece um novo potencial de transformação para o processo contábil através das novas ferramentas da indústria 4.0.

Na visão da entrevistada CT1, é um momento de ruptura, que ela define como Antiga e Nova Escola de Contabilidade. Para o entrevistado CT3 Contabilidade 4.0 trata-se de uma contabilidade reformulada e com praticidade, com profissionais preocupados em oferecer novos serviços, além da simples escrituração.

O entrevistado CE4 enfatiza que é uma contabilidade voltada para análise de dados, e não para o tratamento de dados, de modo que a análise das demonstrações prontas se torne mais relevante do que simplesmente a classificação dos fatos contábeis. Na mesma linha, o entrevistado CE4 comenta:

O que funciona para mim, é a contabilidade é gerencial. A gerencial, que você pega os dados tratados e aí você pega o seu conhecimento, joga ali em informações que você precisa. Seria mais a questão da análise de dados, o que o pessoal chama de contabilidade gerencial, não é? Os indicadores, custo, formação de preços. Ter essa visão mais gerencial e menos débito e crédito (CE4).

A partir da fala dos entrevistados, infere-se que é um momento de resgate da relevância da contabilidade gerencial, da análise dos dados, e principalmente de subsidiar os gestores no processo de tomada de decisão.

Nesse novo cenário, os escritórios não se limitam ao tratamento de dados da contabilidade financeira, pois essa sim está suscetível à automação. E o entrevistado CE2 complementa “Não tem muito valor, se a gente se limitar a dizer que é uma contabilidade que entrega Balanço. A gente não tá fazendo nada diferente. Agora, o balanço com análise, é o diferencial”. Os escritórios passam a ofertar “balanço com análise”, ou seja, Contabilidade Financeira acrescida da Contabilidade Gerencial.

O que a gente está vivendo é o seguinte, é uma industrialização do serviço. Hoje a contabilização é um processo. Ela funciona como uma indústria, onde a matéria-prima é a informação. É uma massa de dados, né? Porque quando se fala de indústria, fala de um processo, entrada-processamento-saída. A minha matéria prima é informação né, e aí a ideia, avança um pouquinho mais, por exemplo, a gente percebe que o cliente não tem o financeiro bem estruturado, ele não tem o financeiro, não tem um sistema. Nós temos opções (CE2).

O entrevistado CCE2 acredita que o mundo dos negócios vive atualmente uma industrialização do serviço, em que a contabilidade é um processo e a matéria-prima é a informação. O que é corroborado por Antunes (2017; 2018) ao salientar que Marx já percebia o processo de industrialização do setor de serviços, inclusive na indústria da informação. Tal cenário gerou, o que o autor vem chamando de “novo proletariado”, o proletariado de serviços. O entrevistado CE2, ao mencionar o processo de entrada-processamento-saída, justifica o emprego de esforços para aprimoramento dessa matéria-prima, como implementação de melhorias do financeiro do cliente, de forma a melhorar a produtividade do processo e a qualidade da informação.

A gente tem um sistema de informação gerencial, é o nome que as pessoas usam. Eu tenho ERP na nuvem, eu implanto o financeiro do cliente. Mas eu já implanto todo parametrizados para entregar para a contabilidade, como se fosse uma empresa interna, que tivesse um ERP. Eu trato treino toda a parte financeira e parte às vezes de entrada de mercadorias de estoque, faturamento. Que são as partes da ponta do cliente. É um modelo que a gente tem para as médias empresas, porque por mais barato que seja um ERP hoje, nenhuma empresa vai gastar menos de 150 a 200.000. Então a gente cobra isso como serviço e a gente só cobra implantação, que é um valor de 30/ 40.000 E uma vez implantado, o cliente usa o ERP como se fosse dele, todas as plataformas. A gente só faz as integrações e contabiliza. Mas a gente sempre parte do princípio que tem que tratar o financeiro do cliente, e a parte entrada de mercadoria (CE4).

De forma a proporcionar uma melhoria no processo de tratamento de dados e confecção da matéria-prima, os escritórios passam a oferecer serviços que visem aperfeiçoar o setor financeiro do cliente. Como é explicado pelo entrevistado CE4, é realizado um serviço de implantação do financeiro do cliente, treinamento sobre entrada de mercadorias, fornecimento das plataformas, parametrização e a integração com o ERP. Há também a possibilidade do BPO Financeiro (*Business Process Outsourcing*), em que os escritórios passam a ser responsáveis pela gestão financeira dos clientes, como mencionado por outros entrevistados.

“Não gosto de chamar de escritório de contabilidade, mas empresas prestadoras de serviços contábeis” (CE10)

O entrevistado CE10 traz à tona uma discussão acerca do termo adequado para definição do empreendimento contábil que descortina as transformações nos modelos de negócio contábil que vem ocorrendo nos últimos anos.

Meni (2013) afirma que o termo mais usual “escritórios de contabilidade” denota uma ideia mais personalista, de um profissional solo que com a crescente demanda de serviços começa a contratar auxiliares. O entrevistado CE2 em sua fala, destaca a personificação do escritório na figura do contador proprietário: “o empresário não fala meu escritório, ele fala: meu contador. Vou ligar para o meu contador. Então ele desenvolve um vínculo primeiro, como se fosse quase como *personal trainer*, entende? Ninguém fala: Pô, meu escritório”.

Similar à empresa prestadora de serviços contábeis, o CFC institucionalizou o termo “organização contábil”. Ambas carregam uma ideia mais abrangente de negócio. Meni (2013) defende que os termos empresa/organização denotam um maior profissionalismo, sendo na realidade uma prestadora de serviços contábeis, que deve ser administrada como empresa, contendo inclusive investimento em *marketing*.

O entrevistado CE10 traz luz a uma discussão recente dentro do mercado contábil acerca dos modelos de escritório, confirmando os modelos propostos por Lombardo e Duarte (2017): Tradicional, Online e Digital (Consultiva).

Mas hoje nós temos 3 modelos no mercado que atendem à demanda, que seria a que a gente chama de contabilidade online, contabilidade tradicional e a contabilidade consultiva. A tradicional é aquela mais tradicional e híbrida, né? É que nós já estamos mais acostumados ao longo do tempo, mas isso tem que mudar, né? Online, ela tem 2 características muito fortes, né, que são os recursos da tecnologia. Uma contabilidade que ela não é humanizada, mas é devido às *startups*. Estão surgindo a todo momento. É um modelo de negócio com forte investimento em marketing. Ele trabalha com volume muito grande e como a tecnologia da informação automatiza todas essas atividades, elas têm uma captação de recursos muito grande, trabalhando com uma proposta de *marketing* muito forte para esse processo de vendas e com isso, elas conseguem trabalhar na guerra de preços, né? Diminuindo o preço dos seus serviços, que são prestados. A consultiva é evolução da contabilidade, onde a gente ajuda também os clientes a entender o negócio, a crescer, gerar relatórios. Busca a solução para problemas que por vezes eles nem sabem que existe (CE10).

O entrevistado CE10 ao explicar o modelo tradicional, o caracteriza como “tradicional e híbrido”, corroborando os achados de Santos, Paes e Lima (2022) que evidenciaram a existência do modelo híbrido. Os dados do estudo indicam que há uma flexibilização quanto ao modelo adotado pelas empresas, pois diversos escritórios passaram a adotar a contabilidade digital, sem abandonar o modelo tradicional. E empresas que adotam 100% o formato digital, na verdade, são uma ramificação do escritório tradicional, criada para recepcionar clientes que estavam saindo do escritório tradicional em busca de um modelo digital.

Especificamente sobre o mercado de trabalho contábil, foi enfatizada a demanda na área fiscal. A relevância da parte fiscal já foi elucidada por Martins e Lisboa (2005) como um fator cultural, que segundo os autores o privilégio concedido ao Fisco é uma característica da contabilidade praticada nos países latinos. Acerca da contabilidade praticada em escritórios tradicionais, o entrevistado CE10 acredita que o foco dado aos aspectos fiscais da contabilidade pode ensejar uma percepção de desvalorização dos serviços contábeis ao afirmar: “Com o passar do tempo é uma atividade que *perde um pouco de valor* (apuração de impostos)”. Na mesma linha, Lombardo e Duarte (2017) argumentam que essa percepção de desvalorização dos serviços contábeis, não apenas pelos clientes, mas também pela sociedade, pode ser influenciada pela proposta de valor e posicionamento de um escritório com foco nas necessidades fiscais. Canan, Souza e Oliveira (2017) entendem que tais aspectos resultam, muitas vezes, em uma percepção da contabilidade como um mal necessário, e do contador como um burocrata preenchedor de Documento de Arrecadação de Receitas Federais (DARF).

A definição do modelo de contabilidade online exposta pelo entrevistado CT1 equipara-se com a literatura, visto que ela possui foco em cumprimento de obrigações legais com a oferta de preços baixos, popularizado por meio do surgimento das *startups* de contabilidade (LOMBARDO & DUARTE, 2017; ANDRADE & MEHLECKE, 2020). Na mesma linha, a contabilidade consultiva, citada pelo entrevistado, seria a contabilidade digital, em que autores também destacam o papel das tecnologias na alteração das ações do contador, que passa a buscar outras formas de contribuir para o crescimento de seus clientes (LOMBARDO & DUARTE, 2017; ANDRADE & MEHLECKE, 2020).

Ainda sobre a Contabilidade Digital, o entrevistado apresenta como exemplo duas empresas de grande porte usuárias desse modelo. O Anderson Hernandez adota um modelo que uniu tecnologia com atendimento humanizado. Da mesma forma que a Roit, no entanto, com foco em empresas maiores, com regime tributário Lucro Real.

“A contabilizei é uma empresa de contabilidade que trata dados de forma automática” (CE4).

Os entrevistados foram sondados a respeito do conhecimento sobre as *startups* de contabilidade. De maneira unânime, os entrevistados afirmaram conhecer e apresentaram as suas definições e descrição de como as empresas operam. Os entrevistados mencionam características como: tratamento de dados automatizado, parametrização, modelo *self-service*, preços competitivos, economia de escala, alto investimento em *marketing* e atendimento robotizado.

Em relação à guerra de preços, o entrevistado CT3 opina que o Conselho de Classe, deveria intervir na regulação dos preços a serem cobrados, e comenta: “o conselho deveria pensar um pouco mais em estipular, porque senão, que que acontece? Eles praticam um preço bem abaixo do mercado. E aí fica um jogo desigual”. O entrevistado CE4 argumenta que o baixo valor cobrado como mensalidade é o principal motivo para que os clientes busquem esse modelo, o que é confirmado por dados do Contábil *Trends* (2019) que afirma que a principal razão para que os escritórios tradicionais tenham perdido clientes é a concorrência por preços, evidenciando um apetite dos empresários por serviços contábeis com preços mais baixos.

Em contrapartida, entrevistados salientam que a ausência de tratamento humanizado é o principal motivador para a insatisfação e saída de clientes do modelo de escritório online, o que é explicado pelo entrevistado CE4: “E a questão da contabilizei eu diria para deslanchar ainda é inserção humana porque muita gente entra por causa do preço e sai porque não consegue falar com ninguém lá dentro, só fala com o robô”.

Lombardo e Duarte (2017) já descreveram o modelo de contabilidade online, no que tange à relação com o cliente e a coleta de dados, como *self-service*. O termo *self-service*, ou autosserviço, é utilizado visto que os clientes são responsáveis pela inserção dos dados e a retirada dos documentos processados, sem que haja uma relação ou proximidade com o profissional contábil.

O entrevistado CE4 opina que a qualidade da informação não é afetada no modelo *self-service*, pois ela está atrelada à parametrização adequada. Contrariando a afirmação feita pelo ex-presidente do CFC Zulmir Breda (CFC, 2019) de que o modelo tem gerado controvérsias por aumentar o risco de distorções nas informações produzidas pelo sistema, visto que a inserção de dados contábeis é realizada pelo cliente sem a supervisão de um profissional de contabilidade. O entrevistado CE4 elucida que se as empresas conseguirem criar boas parametrizações que sejam capazes de realizar a leitura de documentos e a contabilização dos fatos contábeis, ocorrerá o mesmo que já ocorre em grandes empresas que já usam sistemas de ERP, em que um estoquista que não entende de contabilidade, ao receber mercadorias e escanear documentos, já sobe os dados para o sistema que os contabiliza automaticamente. “Ele dá a aplicação do produto e já sobe nos SAPs da vida. Então o que eles tentam vender é um pouco disso para vários mercados”, ele diz. Em relação ao posicionamento de resistência do CFC, o entrevistado CE4 atribui a um fator geracional, visto que as pessoas que tocam o órgão pertencem à outra geração, e enfatizou que o caminho que a contabilidade deve seguir é em direção da análise de dados e não tratamento de dados.

Ao mencionarem a ausência de tratamento humanizado como um problematizador, de maneira unânime, os entrevistados concordaram que o modelo proposto pelas *startups* atende a um nicho específico. De acordo com as falas, o cliente precisa ser autodidata, organizado, ter conhecimentos sobre contabilidade, ser uma empresa de pequeno porte, com um grau de complexidade baixo e com o regime tributário do Simples Nacional. As falas dos entrevistados podem ser mais bem compreendidas por meio da analogia feita pelo entrevistado CE10:

E assim, tem espaço para todo tipo de profissional. Você tem o cliente que quer andar de fusca, ele vai comprar um fusca. Tem cliente que ele quer andar de Ferrari, ele vai comprar uma Ferrari, o que não pode é você querer vender uma Ferrari para quem quer andar de fusca. Nem vender um fusca para quem quer andar de Ferrari, porque aí teu modelo de negócio que não vai dar certo (CE10).

Quanto as expectativas em relação ao futuro, o entrevistado CE2 acredita que ocorrerá uma faxina de mercado, com os escritórios que não se adaptarem às mudanças de mercado. Já o entrevistado CE4 aposta em uma tendência de crescimento ao longo prazo, devido ao fator geracional, visto que a geração mais nova é mais fria e mais receptiva com a comunicação realizada com robôs. O entrevistado CE6 revela planos de criação de uma empresa no segmento da contabilizei, em paralelo ao escritório que já possui, alinhado com os achados de Santos, Paes e Lima (2022), que identificaram uma tendência de empresários de ingressar no ramo da contabilidade online, sem romper totalmente com o modelo tradicional, coexistindo de forma híbrida.

4.1.1 Percepção sobre as tecnologias

“De jeito nenhum. Eu não me sinto nem um pouco ameaçado com isso.” (CE7)

Os entrevistados ao se referirem ao modelo de contabilidade on-line como “ideia muito boa”, “revolucionária”, “interessante” e “excepcional”, demonstram empolgação e animação

com o modelo emergente. Já o entrevistado CE6, faz um contraponto e demonstra preocupação de como o excesso de padronização pode afetar na qualidade das informações geradas.

Eu sou meio pé atrás (...) eu acho que muitas vezes você tem uma padronização muito grande. Ela é preocupante, tem que saber, “eu consigo padronizar até que nível?” (...) uma indústria farmacêutica. Eu vou replicar para todas, vai dar certo? Não vai. A gente sabe que não. Mesmo que sejam segmentos similares, características muito similares, mas não dá. Então eu vejo que a contabilidade também não dá para você sair replicando para todas (CE6).

De maneira unânime, os empresários demonstraram não se sentirem ameaçados com o modelo proposto pelas *startups*, com estratégia de mercado focada na concorrência por preços. As justificativas apresentadas variam entre:

- (i) não os considerar um concorrente: “até os clientes muitas vezes me perguntam: mas a contabilizei não incomoda vocês? Eu respondo não. Simplesmente a contabilizei não é nosso concorrente, porque eles não prestam serviço que a gente presta” (CE2);
- (ii) a oferta de serviços de consultoria como diferencial. Eles não prestam a consultoria que a gente presta” (CE2);
- (iii) busca por clientes que valorizem a qualidade do serviço: para a gente só interessa os clientes que precisa do nosso serviço, que valoriza o serviço. Porque esse cara vai reclamar (...), vai pedir 1000 coisas, vai achar que você é caro, não vai entender tua proposta de trabalho, né?” (CE2);

E isso na prática já acontece porque assim hoje, na verdade, todo mundo tem um amigo contador, que faz 2, 3 empresas, de amigos e parentes, aí cobra lá seus 100, 200 reais. (CE2).

Pelas verbalizações, infere-se que os proprietários de escritórios ao não considerarem as emergentes *startups* de contabilidade como uma ameaça/concorrente e mencionarem a oferta de serviços de consultoria como seu diferencial, estão avançando do modelo tradicional de escritório para o modelo consultivo. Ao analisar as falas, percebe-se um certo entusiasmo com as mudanças, e uma percepção de que a tecnologia possui um papel de facilitadora em um processo que era manual e suscetível a erros.

Discursos esses alinhados com o dos representantes das organizações profissionais, tais como o CFC, IFAC, Grupo Latinoamericano de Emissores de Normas de Información Financiera (GLENIF), Associação Interamericana de Contabilidade (AIC) e Comitê de Integración Latino Europa-América (CILEIA), no evento “A profissão contábil abraça a tecnologia da informação”, que compartilham a visão de que a tecnologia é uma ferramenta

valiosa para a profissão contábil e que os contadores devem abraçar essa evolução tecnológica (CFC, 2021).

Já os contadores contratados pelos escritórios reconhecem a redução de postos de trabalho ocasionadas pelas novas tecnologias, porém não o interpretam como uma ameaça, destacando a necessidade de adaptação por parte do profissional para lidar com essa transição.

Acho que a sociedade em si, já passou por isso algumas vezes. Então acredito que essa questão, mais uma vez, tem relação com a especialização da mão-de-obra. Então antes um cara que apertava um prego, uma máquina faz, então ele se especializa para poder consertar a máquina que aperta o prego, então eu acho que, vai dar no mesmo, é toda uma tendência que num primeiro momento vai ter uma crise, digamos assim, mas aí o mesmo funcionário que trabalhava em um escritório de contabilidade acabou sendo mandado embora, porque a ferramenta de tecnologia otimizou aquele processo (CT1).

“Não acredito que seja necessariamente uma ameaça, mas creio que seja um alerta para o profissional se atentar, um alerta para as pessoas se renovarem, terem um novo perfil” (CT8);

4.2 Uberização da Contabilidade:

“Então, isso já existe. Já existem plataformas e aplicativos nesse sentido e para o mercado da contabilidade específico” (CE10).

Os entrevistados foram questionados se conhecem plataformas de serviços/entregas e como as percebem. De maneira unânime, todos os entrevistados demonstraram conhecer e fazer uso de tais plataformas. Palavras como praticidade e inovação foram usadas para descrevê-las pelo entrevistado CT3: “Acho interessantíssimo porque traz praticidade e inovação.”

O entrevistado CE10 ao frisar a relevância das plataformas para o momento pandemia/pós-pandemia, explica que para determinados serviços vocês não tem a sua demanda atendida se não através do uso dos aplicativos. E complementa que aplicativos como o uber serviram para tirar uma parcela do mercado de uma zona de conforto. Na mesma linha, “É uma das coisas que todo mundo teve que se adaptar, né. Mas acho que a pandemia ajudou a encorpar esses modelos de negócio, as pessoas não saíam de casa e as coisas precisam chegar em casa”, diz o entrevistado CE4.

O entrevistado CE4 vai além, e de forma espontânea conjectura que o setor contábil deve seguir o mesmo caminho no futuro: “Acho que a contabilidade vai para um modelo desse num futuro sei lá de quantos anos. E as pessoas vão só basicamente colocar dados e ter o que querem” (CE4). A Afirmação é corroborada pela IFAC, ao alertar que áreas além do setor de

transporte estão registrando um aumento no quantitativo de trabalhadores, tais como contabilidade, finanças, TI, jurídico e serviços de consultoria (IFAC, 2021).

Espontaneamente, o entrevistado CTE9 faz menção ao termo Uberização, e apresenta a sua definição do que seria a Uberização na Contabilidade: uma plataforma que agrega os seus serviços terceirizando, subcontratam um contador, alguém que queira trabalhar de casa, para atender uma clientela (CT9).

O entrevistado CE2, conjectura sobre a possibilidade de um aplicativo que ele nomeia como “Uber dos Contadores”, que seria uma plataforma/aplicativo com contadores pré-cadastrados para oferta de serviços contábeis: “É, e eu até cheguei a pensar alguma coisa, mas assim, isso é uma coisa que vem à minha mente, mas eu não consigo identificar um projeto. Mas a ideia é fazer uma espécie de Uber dos contadores” (CE2).

O entrevistado complementa sobre a existência de aplicativos com profissionais pré-cadastrados para outras modalidades de serviços, tais como serviços jurídicos e criação de logotipos, conforme nos relatos a seguir:

Você vai criar um logotipo para tua empresa, você tem lá, um aplicativo, um site que os caras oferecem. É aí, tipo, cada um dá um preço, você pega lá o mais barato você entra tipo em um leilãozinho lá, você vai fecha com um cara, a gente manda em 24, 48 horas né? (...) E já existe para advogados também, para audiencista. Alguém precisa de um audiencista lá no Rio Grande do Sul. Aí está cadastrado, ele entra lá, assina, um cara já faz, já paga a fatura (CE2).

Foi mencionado por outros entrevistados a existência de uma plataforma que atua com a lógica do uber “fazendo encontro da oferta com a demanda” (CE10). Trata-se da empresa GetNinja, que se intitula como a maior plataforma de contratação de serviços do país, com o slogan “conectando quem precisa com quem sabe” (GETNINJA, 2023). O entrevistado E10 indica que já fez uso da plataforma para oferta de serviços contábeis, porém ainda carece de melhorias. O entrevistado CT9 vai além e conjectura a possibilidade de uma plataforma chamada os Get Ninjas da Contabilidade, sob uma percepção otimista: “O mercado está aberto, né? Eu acho isso uma boa, eu acho legal. Se tiver uma plataforma que as pessoas ofereçam seus serviços, eu vejo sim com bons olhos. Se criar uma plataforma para oferecer, a gente se torna os getninjas da vida.”. O entrevistado CE10 elucida a respeito do perfil dos clientes que buscam o atendimento de serviços contábeis por meio de plataformas:

E certamente você encontra uma demanda com determinado perfil. Por exemplo, você não vai conseguir encontrar uma empresa de lucro real ou dificilmente uma empresa que está querendo trocar de serviço de prestador dos serviços de contabilidade, mas você consegue encontrar, por exemplo, um MEI que está se desenquadrando. Você consegue encontrar algum empreendedor que tem uma ideia de negócio e está desenvolvendo, empreendendo ali naquela área e precisa de uma consultoria para saber por onde ele vai começar para fazer um planejamento caminhando para ter um plano de negócio. Então, isso já existe (CE10).

Ao utilizar a tipologia proposta por De Stefano (2016), classifica-se como *crowdwork*, tipologia laboral em que as tarefas são virtuais e realizadas através de plataformas, de forma que tais plataformas permitam conectar empresas e trabalhadores em uma base global.

A entrevistada CT8, opina que tais aplicativos possam vir a influenciar o surgimento de aplicativos dentro do setor contábil, e inclusive a modalidade de contratação de escritórios passar a ser por tarefa, em substituição ao formato CLT.

O modelo do mercado de trabalho em geral vai mudando. E eu acredito, sim, que possam existir no futuro. Até mesmo escritórios que você faça as coisas por tarefa, e não por, como eu posso dizer, um assalariado que está ali, cumpre horário e trabalho de tal hora. Então, eu acredito que possa mudar. Acredito até que já possa ter em alguns lugares isso acontecendo, não posso te dar certeza, mas eu acredito que sim, que provavelmente algumas empresas já adotem dessa forma. Eu acredito que daqui a uns anos, ou até menos, vai influenciar, sim, essa questão que ser por tarefa. Seria como se fosse um contrato por prazo determinado, que você faria com uma pessoa e, digamos assim, quando tem uma demanda maior. Vamos colocar agora um exemplo atual, imposto de renda de pessoa física. Eu acredito que você possa sim. Existem escritórios que contratam pessoas temporariamente, nesse período, para fazer essas declarações. E existem a possibilidade de contratar a pessoa para fazer determinada demanda, por exemplo, “eu tenho 10 clientes aqui que preciso fazer imposto de renda das pessoas e eu contratar uma pessoa por tarefa para fazer aquele determinado imposto de renda, entendeu?” E ter o pagamento por tarefa e não mais CLT com horário de expediente, como se fosse horário comercial (CT8).

A literatura já alertava para tal tendência do mercado de trabalho caminhar cada vez mais em direção à uma orientação para a execução de tarefas do que para empregos, o que é considerada pela OIT como uma das maiores transformações no mundo do trabalho nas últimas décadas (TODOLI -SIGNES, 2017; BERG *et al*, 2018).

O entrevistado CE10 afirmou que já testemunhou escritórios buscando contratações por tarefas através de plataformas, prática ao qual o mesmo desaconselha visto a responsabilidade técnica do escritório sob o trabalho executado.

4.2.1 Percepção sobre a Uberização da Contabilidade

Ao explicar, de maneira hipotética, como funcionaria o app Uber dos Contadores, o entrevistado E2 ressalta como um aspecto positivo, na sua percepção, a expansão geográfica dos postos de trabalho, com a possibilidade de contratação de profissionais de outras localidades. O entrevistado vai além, e relaciona aceitabilidade do home office no pós-pandemia, como um fator que pode influenciar na percepção positiva dessa modalidade de contratação.

Como funcionaria o uber dos contadores? Vimos de uma pandemia, aí tem muitas empresas, muitos contadores que estão desempregados. Tem muita empresa que precisava, mas não pode contratar. Imagina que, por exemplo, você tem um

aplicativo? Onde você quer contratar? De repente, o contador está lá no Nordeste, né? E aí você, sei lá, contrata bota assim, o cara vai pegar, ó, está aqui, eu pago tanto por hora, tanto como empresa, aí o cara ah eu quero. Ele está cadastrado, aí vai lá. Aceita. Tá bom, aí pega esse cara, qualifica ele. Terceirizaria uma mão de obra, resolveria o problema, né? Os caras estão desempregados. Com o home office hoje está fácil, né? Hoje está muito bem aceito (CE2).

O entrevistado CE2 complementa afirmando utilizar a modalidade de contratação por meio de PJ. Antunes (2018), no entanto, apresenta a definição do fenômeno, como uma PJ que é falsamente apresentada como trabalho autônomo visando mascarar relações de assalariamento existentes e direitos trabalhistas.

Por exemplo, hoje nós temos uma menina que ela é PJ contratada, ela mora na Bahia e ela contabiliza umas empresas. A Viviane, mora lá, PJ mora na Bahia, trabalho de home Office tranquilo. E quantas Vivianes não tem espalhadas por aí, lá no interior precisando trabalhar? (CE2).

Na mesma linha, o entrevistado CE2, usa argumentos de geração de renda e fomento da economia:

eu estou com muito serviço aqui. Preciso contabilizar mais uma ou 2 empresas, mas eu não quero um contratar ninguém. Aí você vai **fomentar a economia, isso aí. Eu penso mais na questão da geração de fonte renda**, A gente está aqui no Centro do Rio. Mas eu sei que tem muita, muita gente, por exemplo, em interior, sei lá, Pirai, Barra do Pirai, sei lá, a própria região dos Lagos. Não tenho emprego lá. É formada em contabilidade, mas simplesmente não tem. Daí o cara, vai pegar a família dele para vir para o Rio de Janeiro, tentar a vida aqui para arrumar emprego aqui e às vezes ele acaba aceitando uma vez um emprego menor, de ir a praia vender picolé. Com o advento do home office vejo como uma fonte de gerar emprego e renda (CE2). (grifo nosso)

Argumentos alinhados com os formuladores de políticas, governos, organizações do terceiro setor e o setor privado, ao afirmar que a *Gig Economy* é uma estratégia de desenvolvimento econômico capaz de levar empregos para lugares em que são necessários (TODOLI-SIGNES, 2017; KÄSSI & LEHDONVIRTA, 2018).

A entrevistada CE11, advoga em defesa do uso de plataformas para contratações por tarefa com os argumentos de que “Você não precisa de um funcionário para todos os dias. Você quer alguém que pegue um dia da semana e te desafogue sabe? As pessoas trabalhariam mais e ganhariam mais”. Na mesma linha, o entrevistado CE2, argumenta:

(...) Pode ser que, de repente, ele consiga trabalhar para 5, 10 escritórios ao mesmo tempo, que ele não tem relação de trabalho com ninguém. De repente, eu só tenho 2 clientes que ele contabilizar, mas de repente o outro tem +2 + 2 + 2, e aí trabalha para 5. Não fica, né, na mão de um só, e aí, amanhã de repente, esses 5 escritórios para ele, por exemplo, ele pode juntar e pode ser que leve um mês, sei lá. (CE2).

E o entrevistado CE2 complementa “é uma mão de obra mais barata. Você gera trabalho para ele, gera economia para as empresas.”. A partir das falas dos entrevistados CE11 e CE2,

embora não esteja explícito, há um discurso em defesa da flexibilização da relação trabalhista por parte dos empresários contábeis.

O trabalho em plataformas por tarefas foi citado pela entrevistada CT8, como uma opção para aqueles que estão desempregados "Geralmente são pessoas que são autônomas, estão desempregadas e optam, né? Por falta ou não de opção também, elas vão trabalhar nessas áreas" (CT8). Também citado pelo entrevistado E6, como uma opção para aqueles que estão desempregados, o que é corroborado por dados da pesquisa de da OIT que aponta a falta de oportunidade de emprego como um dos motivos para a opção de atuar na AMT (BERG *et al.*, 2018).

A entrevistada CT1 destaca a possibilidade de se obter um incremento salarial é "uma forma de obter dinheiro". O que é corroborado pela literatura, visto que o ganho de renda adicional, é citado pelos trabalhadores da AMT como um dos principais motivadores para atuarem na plataforma (BERG *et al.*, 2018).

Entre os benefícios da modalidade de contratação por tarefas, é mencionado pela entrevistada CT8 a possibilidade de ter mais tempo para lazer e estudo, atribuindo a uma possível melhoria da qualidade de vida:

Porque aí você trabalharia por tarefa e talvez você teria tempo até para uma qualidade de vida melhor, pensando assim, porque querendo ou não, a gente fica muito limitado ali, né? Você tendo aquele horário de trabalho, você fica muito limitado para outras coisas, tanto para lazer quanto para estudar para qualquer outra coisa. Então, eu acho que sempre tem 2 lados. A gente sempre vê o copo meio cheio. Dependendo da rotina do colaborador, traz mais **qualidade de vida**, levando em consideração **o tempo de deslocamento até o local de trabalho**, dentre outros fatores que podem aumentar esse tempo né. (CT8). (grifo nosso)

Os dados conversam com a literatura, ao indicar que, de maneira geral, argumentos como: flexibilidade, autonomia e maior equilíbrio entre a vida privada e trabalho são utilizados pelos defensores dessa nova forma de contratação (GLEIM, 2019; GARCIA-PARPET & BEVILAQUA, 2020). Há de se refletir, no entanto, sobre o aumento real da qualidade de vida, visto que para alcançar uma renda maior os trabalhadores estão assumindo mais empregos simultaneamente (WOODCOCK & GRAHAM; 2020).

Os entrevistados também apontam sobre a possibilidade das plataformas atuarem com um facilitador para o profissional que está começando se inserir no mercado e deseja ganhar experiência ou captar clientes.

É da oportunidade de encontrar, né? Quem está precisando, desejando ingressar no mercado não é (CT1).

Eu gostaria que tivesse mais ferramentas assim, porque possibilita até quem está começando (CE11).

É uma boa ideia, até porque também pode dar oportunidade para quem está querendo captar clientes de imposto de renda que nunca teve oportunidade de ser visto (CT3).

Filho (2021) indica que a oportunidade de inserção do trabalhador em um novo nicho de trabalho, diante de um cenário de desemprego crescente, é apresentada pelos defensores do modelo com um dos seus principais benefícios.

A partir das falas dos entrevistados, verifica-se que empreender do setor contábil tem sido um projeto para diversos profissionais. As falas do entrevistado CE10 indicam uma percepção de motivação para o empreendedorismo.

A minha percepção é que boa parte dos profissionais está sim, nessa área prestação de serviços contábeis. A gente fala em escritórios, mas tem muito profissional que trabalha tanto, oferece o serviço da mesma forma que o escritório, mas trabalha na condição de autônomo. Então coloco isso na mesma condição, mas a minha percepção, sim, é que grande parte está bastante motivada para fazer esse voo solo e trabalhar nessa pegada aí do empreendedorismo contábil (CE10).

O que é ratificado pelo entrevistado CE6 ao afirmar que “Virou nosso primeiro trabalho, pois até então ainda estava no sonho”, após descrever o processo de criação de seu próprio escritório, depois de ter atuado em grandes empresas. A fala do entrevistado CE10 “boa parte dos profissionais está sim, nessa área prestação de serviços contábeis” vai de encontro com o afirmado por diversos autores de que escritórios correspondem à maior parcela dos ambientes de exercício profissional da classe (THOMÉ, 2001; SEBRAE, 2020; DOS SANTOS *et al.*, 2020).

Diante da dificuldade exposta pelo entrevistado CE10 “Mas também é difícil para quem começa a empreender, quem que vai te indicar se você não tem nenhum cliente?”, a possibilidade de as plataformas atuarem como um facilitador para os profissionais que desejam atuar como autônomos e empreender passa a ser vista como uma oportunidade: “Talvez possa ser um pontapé inicial para um profissional acabar se tornando um autônomo. Aí vai muito também do objetivo de cada um, né? Trabalhar com CLT ou ter autonomia? A nossa profissão nos dá essa opção, né?” (CT1).

Filho (2021) alerta que tal romantização acerca do conceito de empreendedor vem atuando com embuste para a precarização do trabalho. O discurso de maior autonomia é na verdade um eufemismo para burlar o assalariamento (FILGUEIRAS & ANTUNES, 2019), e os trabalhadores, na verdade, não são empreendedores, mas sim trabalhadores precarizados (ANTUNES, 2020).

“Não vejo como um ameaça. Eu não tenho medo do novo” (CT3).

De uma maneira geral, empresários contábeis compartilham uma perspectiva positiva, ao invés de serem vistas como ameaça, o cenário da uberização da contabilidade é considerada como uma oportunidade para desenvolvimento de negócios.

Não encaro como ameaça. Acho tem espaço para tudo. Eu acho interessante. Eu acho que quanto mais ferramentas, elas podem ser mais úteis. A gente só tem que tomar cuidado. Eu só não posso achar que com a chave de parafuso eu vou pregar um martelo (CE6).

Qualquer coisa que você precisa de dados e a pessoa coloca num lugar, não tem mistério. Não vejo como ameaça e sim uma oportunidade de negócio, com certeza (CE5).

Já os contadores contratados, de uma maneira geral, expressam uma percepção otimista, rejeitando explicitamente uma percepção de ameaça em relação ao cenário de Uberização da Contabilidade, conforme ilustrado pelas falas do CT1 e CT3.

Mas eu só vejo como um **futuro promissor**. Só vejo positividade nisso tudo, entendeu? E assim, sempre vivenciando que cada dia é uma tecnologia nova, uma novidade e mais uma vez novidade, uma novidade não pode ser um medo. Não pode me segurar de que eu, poxa, eu tenho uma ameaça, não é ameaça de forma nenhuma. Isso só tem que trazer positividade para nós, né?! (CT3). (grifo nosso).

Não, de forma nenhuma. Não vejo como um ameaça. Eu não tenho medo do novo. Eu acho que o novo é justamente isso, é como se fosse tirar de dentro da caixinha, não é? Então assim, em resumo, eu concordo, acho justo ter um aplicativo como se fosse um Uber. Como sempre, frisando a questão do regulamento da forma prática de fazer (CT3).

Não vejo como ameaça, porque uma vez que eu decida me tornar autônoma, e minha carteira de clientes aumente, eu vou ter que contratar pessoas. Então, acaba voltando pro sentido de escritório. Entendo que não seja ameaçado não (CT1).

A exceção da entrevistada CT8, que pondera sobre os contras da modalidade de contratação por tarefa, e aponta como uma desvantagem a ausência de segurança trabalhista:

Então assim, a questão é meio complexa de pensar, porque não é a minha realidade hoje. Mas se fosse o caso, também, acho que vai muito do perfil da pessoa. Eu sou uma pessoa que gosta mais de uma coisa mais segura. Aí eu não sei, vai depender do perfil do profissional. Como ele lidaria com isso (CT8).

A entrevistada CT8, complementa e expressa um sentimento de ameaça caso a modalidade de contratação por tarefas substituísse a contratação por CLT em definitivo, ao afirmar “*eu me sentiria um pouco ameaçada*” e “*seria algo que me assustaria*”.

É muito mais viável para mim, ter ali o meu horário, eu saber o quanto que eu vou ganhar, independente da produção, que seria meio que trabalhar por produção, né? Então, é uma certa segurança que você tem. Porém, eu acho que varia muito do perfil.

Dependendo do perfil do profissional, talvez seja mais interessante isso para ele trabalhar por produção vamos colocar a palavra assim. Então, eu acho que, hoje, se fosse mudar, eu me sentiria **um pouco ameaçada** por ser algo novo. Não será algo da minha realidade atual, entende? Por não saber exatamente para onde vai caminhar. Por mais que já existam aplicativos fazendo isso há alguns muitos anos. Se fosse uma mudança, brusca de modalidade, eu acho que no meu caso específico, seria algo que **me assustaria** por não saber como seria para frente, mas pensando no longo prazo” (CT8).

Já o entrevistado CE6 alega que, de um ponto de vista social, não é bacana, pois se cria subempregos.

Dentro disso daí é muito mais uma preocupação também social. Até que ponto é interessante para a sociedade? Estou prejudicando ou criando um **subemprego**? Olhando de um ponto de vista social. Num ponto de vista de mercado de livre concorrência, eu acho que tem espaço para tudo e para todos. (CE6)

Socialmente, não é bacana. Quando a gente a gente avalia assim, ao mesmo tempo que acaba sendo uma oportunidade para quem está desempregado, não era uma coisa que eu gostaria que fosse dessa forma ou que a relação socialmente deveria ser outra. Mas de um ponto de vista moral, eu não vou jogar tanta pedra, porque acabo fazendo muito uso. Hoje mesmo deixei o carro na oficina e peguei o Uber para ir para casa, a gente acaba tendo muita facilidade, né? É interessante, acaba trazendo uma comodidade, uma praticidade, uma velocidade para a gente. Acaba sendo irresistível (CE6).

A precarização do trabalho, redução do salário e perda dos direitos trabalhistas é sublinhada pela literatura (BERG *et al.*, 2018; FILGUEIRAS & ANTUNES, 2019; ANTUNES, 2020; WOODCOCK & GRAHAM; 2020; GLEIM, 2019; GARCIA-PARPET & BEVILAQUA, 2020).

4.3. O Novo Contador

4.3.1 Mudanças do Papel do Contador: “*Contabilidade hoje é tecnologia. O trabalho que o ser humano fazia hoje a máquina faz. Então fazer débito e crédito, classificação, isso não é mais um diferencial*” (CE2).

Sem terem sido questionados diretamente sobre o tema, emergiram de maneira espontânea, verbalizações acerca do tema fim da contabilidade, referente à veiculação da pesquisa realizada por Frey e Osborne (2017), que apontava uma probabilidade de 94% das atividades executadas pelos contadores serem substituídas por inteligência artificial.

Há quem diga, embora eu não concorde, que essa atividade, ela vai ser autossuficiente, né? Sem a própria presença do contador. Algum tempo atrás, saiu na mídia uma reportagem que a contabilidade ia acabar, aquela história todinha. Mas, na verdade, a contabilidade não vai acabar nunca e principalmente no Brasil (CT9).

Sempre vejo matérias falando que a contabilidade vai acabar. Nós vamos ser substituídos por robôs, mas não imagino que tenha como isso acontecer, porque

mesmo para um botão funcionar, tem que ter alguém que vai lá e aperta. E para ele funcionar corretamente, você apertando, tem que ter toda uma parametrização por trás. Tem que ter um entendimento de legislação (CE11).

Os entrevistados CT9 e CE11 são enfáticos ao discordarem com as projeções de que a contabilidade irá acabar, demonstrando uma percepção de não-ameaça. Os argumentos apresentados giram em torno dos aspectos legais, tais como a obrigatoriedade de escrituração contábil trazida pelo Código Civil, e a complexidade da legislação tributária, tal como evidencia o entrevistado CE7: “Toda empresa precisa de um contador. A legislação brasileira hoje não permite que você atue sem ter um contador, salvo nos casos dos MEIs. E quanto ao mercado, eu acho que sempre vai ter mercado para a contabilidade. Sempre. Isso é um fato. A não ser que a legislação mude”

Por outro lado, é mencionado pelo entrevistado CT9: “O governo quando criou o MEI criou uma plataforma dele, Portal do Empreendedor, e disse: “Olha, você não precisa de contador”. Pura Balela, não é?!”, embora a legislação dispense os MEIs de fazer contabilidade, na prática é aconselhado, visto que o projeto visa tirar da informalidade profissionais que desempenham atividades não regulamentadas por Conselhos de Classe. Já o entrevistado CE11, acredita que as tecnologias usadas pelos órgãos fiscalizadores contribuem para um crescimento da demanda por serviços de contadores/escritórios: “O governo está fechando o cerco, então empresas que antes tinham mais facilidade para sonegar, que passava uma vida sem ter contador, está precisando ir para o escritório. Então os escritórios estão tendo uma demanda maior de serviço” (CE11).

Os entrevistados CE2 e CE4 ponderam que, na verdade, estamos vivendo uma era de transição, em que há uma quebra de paradigma no perfil do contador.

O que eu percebo na contabilidade é que a gente tá numa era de corte, ou seja, existe uma geração de um perfil, de um contador que está indo embora, que é o **guarda livro**, o cara que tá preocupado com a escrituração, de fechar o Balanço, né, aquela coisa toda. E existe uma geração nova que está vindo (...) que está resgatando o objetivo da contabilidade, que é apoiar na tomada de decisão (CE2).

Então, assim, para mim, eu acho que a grande mudança foi o contador... já passou a fase do **guarda livro**, gerar dados, e agora é tratar dados. Tratar dados não, analisar dados. Era guarda-livros, tratar dados e agora analisar dados. Na minha visão. Tratar dados é tratar as informações dos débitos e tal. Analisar dados é saber para que aquilo serve? Qual o impacto daquilo na empresa? Qual o tipo de decisão que os donos da empresa podem tomar, coisas desse tipo (CE4). (grifo nosso)

De forma similar, as entrevistadas elucidam o atual momento de transição:

Antes eu ouvia falar que o contador ele se preocupava em entregar as coisas nos prazos. Aí tem umas declarações, as obrigações anuais, as acessórias e tal, ele era muito focado nisso. E hoje a gente vê a **mudança do profissional** como se ele fosse também um administrador, ele gere aquele negócio, ele se preocupa com a saúde financeira da empresa, entende? Então, eu acredito que o fato dele ter ferramentas que possibilitam ele enxergar a empresa como um todo, mude sim a postura dele (E8).

O contador ele deixa de ser um profissional que executa tarefas a passa a ser um gestor, um avaliador, um profissional que vai estar junto com o seu cliente sugerindo opções, gerindo, vendo as melhores formas, quais são os melhores momentos para fazer (CT1). (grifo nosso)

De acordo com os entrevistados, o antigo profissional, conhecido como “guarda-livros”, vem sendo substituído por um profissional engajado em resgatar o objetivo da contabilidade, que é produzir informações úteis que auxiliem a tomada de decisão para o usuário. Os dados conversam com os achados de Moretti, Souza e Garcia (2020) que indicam que a contabilidade não irá acabar, o que ocorrerá é a extinção do profissional voltado para o cumprimento das obrigações fiscais e preenchimento de guias, dando lugar a um profissional mais ativo na tomada de decisão dos gestores.

4.3.2 Perfil do Novo Contador

“Você tem a necessidade de ser mais consultivo, do que propriamente ficar ali fazendo classificação de débito e crédito, aquela coisa toda perdendo tempo” (CE6).

De maneira sintetizada, nota-se na fala dos entrevistados dois principais aspectos relevantes para o novo profissional: conhecimento em tecnologia e uma mentalidade voltada para análise de dados.

Não simplesmente dizer para você, ó, está aqui o Balanço, aconteceu isso. A gente até a brinca aqui que o Balanço para a gente não é o final do trabalho, ele é o início. A gente não comemora quando entrega o balanço não, é porque é ali que a gente vai pegar, sentar com o cliente, vai analisar os indicadores, vai dizer onde ele está ganhando dinheiro, perdendo dinheiro, como está a capacidade de geração de caixa para ele, se está com muito dinheiro imobilizado, não é? (CE2).

De acordo com os entrevistados o ganho de tempo proporcionado pelas tecnologias, pode ser investido em uma maior interação com os clientes, com a possibilidade de oferta de serviços de consultoria e outros

Então a gente quer trabalhar com a integração de dados cada vez mais, com uma otimização dos processos para sobrar tempo para a gente dar o que a gente gosta de fazer que é da nossa consultoria. A gente consegue com isso, fazer uma carteira maior de cliente e sobrar tempo para a gente fazer o que tem que fazer efetivamente que é orientar o cliente, esse é o modelo que a gente tem que trabalhado. Então a gente trabalha nesse modelo para poder sobrar tempo e a gente sentar com o cliente lá, e dar essa consultoria (CE2).

A fala do entrevistado CE2 é melhor compreendida por meio da afirmação de Fonseca *et al* (2018) de que grande parte do trabalho com as rotinas contábeis é absorvido pela

incorporação de sistemas e tecnologias, liberando o contador para desempenhar um novo papel com foco nas atividades gerenciais e assessoria aos seus clientes.

O que Szuster (2015) já alertava como desafio para os profissionais, demonstrar aos empreendedores a importância da informação contábil e toda sua potencialidade informativa.

É o momento que o contador tem, que se reinventar e buscar uma alternativa, né? O perfil do profissional da contabilidade tem mudado bastante para uma contabilidade consultiva. (CE10)

O profissional tem que ter a consciência de que ele **não é mais operacional**. O profissional do futuro não será operacional. Ele será um **consultor**, ele precisa entender do processo e trabalhar os números para poder **apoiar o administrador** nas suas decisões (CT9). (grifo nosso)

A maioria dos entrevistados destacam a contabilidade consultiva como uma prática na era da Contabilidade 4.0. Lopes *et al* (2021) correlacionam os serviços de consultoria a valorização do profissional de contabilidade, e indicam que embora haja demanda, faltam profissionais com formação para atendê-la.

O entrevistado CE6 menciona que para os profissionais com expertise na legislação fiscal, societária e dos pronunciamentos, não haverá ameaça, visto que é um profissional escasso, considerando, também, a necessidade de um profissional capacitado para parametrização de sistemas. Essa percepção otimista, está alinhada com o defendido por Almeida (2020), de que a automação da profissão contábil não ocorrerá de maneira tão fácil, devido à exigência de capacitação trazida pelas IFRSs. Pondera-se, no entanto, que esta realidade é experienciada dentro das empresas de capital aberto, em que a adoção das IFRSs é obrigatória, não sendo a realidade observada em escritórios de contabilidade.

De maneira reiterada, os entrevistados mencionam a necessidade desse novo profissional possuir uma capacidade analítica para atender o que o mercado espera dele, conforme pode ser melhor compreendido através das seguintes falas:

A tecnologia já é muito forte, né. Hoje o tratamento de dados é todo tecnológico, em 90, 95% dos casos. O contador tem que ir além. Então o contador tem que **saber analisar dados**, não mais tratar dados. A questão que tem que ter na cabeça é o seguinte fazer aquilo ser contabilizado o mais rápido possível e pensar o que que eu faço agora, com essa informação? Essa é a cabeça que o cara tem que ter (CE2).

Você precisa ter uma **capacidade analítica** muito grande, não somente em relação à legislação, mas em relação a toda a base de dados que a gente tem acesso a informações que a gente produz de ambiguidade enorme, tem um valor fenomenal, né?! (CE10).

Eu acho que o papel do contador na nova escola é muito mais de gestor, né? De você ter a **capacidade de análise**. Antigamente o contador também tinha, mas era muito menos, era sempre um gerente, um cargo superior trabalhava com essa questão das análises e os outros contadores ficavam só mesmo na execução, né? (CT1). (grifo nosso)

O que é coerente com o afirmado por Tessarini e Saltorato (2018) de que é requerido dos trabalhadores desenvolverem uma série de competências para manter suas condições de empregabilidade, ao qual diversos autores pontuam as habilidades analíticas (ACCA, 2016; CARDOSO & DA COSTA, 2019; ALMEIDA, 2020).

A proatividade também citada como uma característica requerida desse profissional: “Hoje o contador precisa ter uma visão mais pró-ativa para auxiliar as empresas na perpetuação do negócio, no desenvolvimento, no crescimento, né?” (CE2). O que é validado por diversos autores que defendem que o contador passa a ter um papel mais ativo no processo de tomada de decisão dentro das organizações (VIANINI *et al.*, 2012; MORETTI, SOUZA & GARCIA, 2020; XAVIER, CARRARO & RODRIGUES, 2020).

“Então é esse, a gente está nesse momento que existe uma geração, talvez, a maioria ainda tá no modelo antigo né” (CE2).

Em relação ao antigo perfil do contador, os entrevistados concordam que esse profissional que permanecer apegado aos antigos *modus operandi* e não buscar se adequar à nova realidade, não conseguirá permanecer no mercado de trabalho, e escritórios que seguirem essa linha estão fadados ao insucesso.

E se você não acompanhar essa tecnologia, você não consegue permanecer no mercado de trabalho (CE10).

Eu entendo que as pessoas que se prenderam às questões de lançamento, não caminham para uma informatização. Ficou mais difícil, o mercado de trabalho foi se fechando mais. As oportunidades foram ficando mais escassas, mas ainda tem empresa com procedimento muito manual (CE6).

Então, se a pessoa não se adequar a isso, ela está fadada ao fracasso, na minha opinião (CT9).

Então, ou a pessoa está antenada com a tecnologia ou ela está literalmente fadada ao insucesso. Nem eu digo assim, nem consegue abrir um escritório. Se a pessoa não tiver aliada com tecnologia, não tem escritório (CE7).

Como qualquer processo de mudança, a implantação de tecnologias está sujeita à rejeição por parte dos envolvidos. Segundo a fala do entrevistado 10, infere-se que a resistência as tecnologias podem ser influenciadas pelo fator geracional.

Mas assim, eu sou de uma geração que recebeu essa cultura. Existe a geração que já nasce mergulhado por essa cultura, mas tem uma geração já de idade avançada, que de fato não consegue ainda ter acesso a essa tecnologia da informação tão avançada, ele precisa do auxílio dos mais jovens para poder ter acesso aos serviços (CE10).

Essa geração que eu falo que está indo embora porque já está se aposentando. Chega quinta-feira o cara quer mais é pegar o carrinho dele e ir para Rio das Ostras,

Saquarema, casa de praia, não quer esquentar a cabeça, né? E existe uma geração de novos empresários que já estão vindo (CE2).

Aquelas pessoas que tinham escritório da década de 80, 90, algumas conseguiram acompanhar essa mudança, outros tiveram muita dificuldade. Eu falo isso pela perspectiva de uma pessoa que trabalhou com vários empresários nesse estilo (CE3).

Os entrevistados CE4 e CT1 trazem luz a uma preocupação já pontuada por Stancheva (2019), de que muitos contadores não acompanharão as mudanças desse novo ambiente e ficarão para trás (STANCHEVA, 2019). A entrevistada menciona que parte desses profissionais terá muita dificuldade, visto que não possui capacidade analítica, permanecendo nas tarefas operacionais.

Eu diria para você que a geração de agora está vivendo a transformação. Então você vai ter tantos contadores que não estão preparados, tem muitos. Quanto contador eu acho que a geração que está vindo ela já vem mais preparada nessa visão tecnológica (CE4).

Acho que vai ter muita dificuldade, muita dificuldade. Eu percebi, bem recente, que a capacidade analítica, não é todo mundo que tem. Temos profissionais que têm uma grande capacidade analítica e temos outros que não têm. Como não tem, fica mais na questão operacional (CT1).

O entrevistado CE2, no entanto, opina que ainda há espaço para esses profissionais, com o advento do Simples Nacional, voltado a pequenas empresas: “Eu acho que ainda tem espaço para esses profissionais, mas ele está cada vez mais limitado a pequenas empresas. Com o advento do SIMPLES, deu uma sobrevida a esse pessoal que faz um procedimento ainda muito manual, mas não dá pra pensar nisso em uma empresa de grande porte, né?”

“Eu diria que qualquer formando hoje ele tem que conhecer a tecnologia igual tem que saber falar inglês. As ferramentas tecnológicas são cada vez mais poderosas e utilizadas” (CE4).

O entrevistado CT9 afirma que “hoje as empresas exigem de qualquer profissional que ele tenha um pouco de conhecimento de TI”. Em consonância com o defendido por Lopes *et al* (2021) para quem o desenvolvimento de habilidades ligadas à área tecnológica é uma das principais competências requeridas do novo profissional contábil.

Schumpeter (1968), Tessarini e Saltorato (2018) e Stancheva (2019) já discorreram sobre o fenômeno do aumento do desemprego tecnológico, em contrapartida a criação de postos de trabalho mais qualificados. A entrevistada CT1 menciona que a sociedade já vivenciou a criação de novas vagas em substituição a outras, e versa sobre a possibilidade de especialização e atuação como desenvolvedor de *softwares*.

Essa mesma pessoa pode se especializar e trabalhar na empresa que faz o programa de otimização do processo, que a pessoa tem que entender de contabilidade para poder estar numa equipe de desenvolver um programa. Se hoje eu não puder mais trabalhar em escritório de contabilidade, porque não trabalhar numa empresa que faz sistemas, inventa sistemas para escritórios de contabilidade, porque um contador vai entender, né? (CT1).

Mudanças no mercado de trabalho do contador são relatadas nas seguintes falas, em que os entrevistados sugerem criação de vagas para as áreas de desenvolvedores de softwares, consultoria para *Software House* e Analista de Requisitos,

Porque hoje a gente sabe que tem colegas que prestam serviço, por exemplo, não desenvolvendo, mas prestando uma consultoria para Software House, né? Porque os sistemas, eles têm que estar alinhados com a legislação (CE10).

O que na minha cabeça vai precisar muito no futuro. Em TI o pessoal fala muito desse termo, e eu acho que vai ter que ter é o cara que entende das regras, das práticas contábeis, das técnicas, não é? Hoje a gente chama de analista contábil. Acho que no futuro, com a tecnologia, o que a gente vai ter muito é o que eu chamo de Analista de Requisitos. Tem que ter aquele cara que entende tudo de contabilidade, então vai fazer uma análise de requisitos e vai montar uma parametrização, um algoritmo que o cara de TI vai programar e vai fazer. Então esse cara, ele vai ser tão valorizado como que um cara de TI, que ele vai conseguir identificar mercados, integrações, padronizações (CE4).

O entrevistado CT3 afirma: “Pessoas que são de contabilidade, mas que se formaram na área de TI ou de ciências de computação, né? Que criaram importadores.”, confirmando as projeções de Ghobakhloo (2020), que afirma que serão criadas oportunidades na área da informática, metatrônica, engenharia de processos e integração de sistemas. Tal ponto de vista está em consonância com os achados de Xavier, Cavarro e Rodrigues (2020) indicam que os profissionais possuem interesse em se adequar às novas tecnologias para atendimento das novas exigências mercadológicas.

4.3.3 Formação do Novo Contador

Os entrevistados foram questionados a respeito da maneira que eles percebem que a academia vem recepcionando o cenário da Contabilidade 4.0. As verbalizações dos entrevistados concordam que os cursos de graduação em ciências contábeis não estão preparando os profissionais adequadamente para o mercado de trabalho.

A faculdade é muito diferente do dia a dia da contabilidade. Você sai formado, mas a hora que você cai na prática, não tem nada a ver com aquilo que seus professores te ensinaram (CE11).

Assim, eu penso que hoje a universidade, ela não te prepara para o mercado de trabalho (CE10).

Na minha percepção, deixava muito a desejar. Eu acho que tem uma certa discrepância entre a realidade que você aprende na graduação e quando você chega no mercado de trabalho. Eu acho que isso chega até ser uma certa resistência quando você insere no mercado de trabalho, porque a pessoa não está, de fato, acostumada com o mundo como ele está hoje (CT8).

A partir das falas dos entrevistados nota-se, que na percepção deles, a formação proporcionada pela graduação não é suficiente para capacitar um profissional para empreender, ou mesmo atuar no ramo de escritórios de contabilidade, devido à discrepância entre o foco dado ao ensino e a contabilidade praticada em empresas de grande porte e multinacionais.

É muito voltada ainda para as empresas maiores, multinacionais, até porque muitos professores, vieram do mercado privado ou de empresas muito grandes e tal. Embora o escritório de contabilidade absorva a maior parte dos profissionais, eu acho que em uma graduação é o mínimo que eles dão. E aí é que vai fazendo a falta dessa empatia, porque em uma multinacional você é meio engessado. Você sabe o que tem que fazer, você tem as regras muito claras, é outro processo. Um escritório de contabilidade não é assim (CE5).

Seguindo a mesma direção, os entrevistados CE2 e CE6 compartilham do mesmo entendimento em relação à deficiência na formação voltada para escritórios contábeis.

O que que eu percebo, por exemplo, hoje sai um bacharel em ciências contábeis na faculdade, ele não está preparado, ele não consegue tocar um escritório de contabilidade, ele não consegue e muito mal, talvez, consiga tocar uma empresa, uma área contábil (...) pode vir um contador formado aqui no Ibmecc, FGV, ele não vai conseguir tocar um escritório (CE2).

Eu acho que ele acaba tendo uma formação geral ali, né? Talvez com um bom conhecimento teórico, mas não vejo ele pronto para chegar e deslanchar. Se a gente for levar para um cenário de escritório de contabilidade, muitas vezes ele tem a dificuldade de fazer uma análise de uma conciliação bancária, por exemplo, análise de uma conta de fornecedores, de uma provisão. Então, tem algumas coisas como “Como é que eu faço isso aqui? Onde que eu chego? Eu tive uma série de informações aqui sobre o que é o débito e crédito, ativo e passivo, mas como é que eu analiso? O meu lançamento está certo? Está faltando alguma coisa? Por que o meu fornecedor está diferente? Como é que eu consigo checar o meu saldo do fornecedor, do que eu estou em aberto, que não bate, né? (CE6).

O entrevistado CE10 frisa a importância da inserção de outras disciplinas nas grades dos cursos, visando preparar melhor o profissional para empreender no ramo de escritórios, tais como: vendas, marketing e empreendedorismo.

Na minha visão, o modelo da graduação, ele tem que olhar um pouco mais para o mercado de trabalho, ela tem que ter dados para chegar a essa conclusão que ela precisa mudar, porque hoje você forma o aluno. E aí, qual o objetivo? É formar? Ou é fazer com que esse aluno reproduza o que ele aprendeu nas suas atividades profissionais? Então é preciso entender o objetivo para buscar o melhor alinhamento possível, para poder não apenas formar aquele indivíduo na graduação, mas fazer com que ele tenha espaço dentro do mercado de trabalho. Matérias como vendas, marketing, acho que tem que ter isso na graduação, como você se comporta no ambiente de trabalho, empreendedorismo. Empreendedorismo seria uma matéria fantástica para você colocar, não esquecendo das demais (CE10).

As falas são corroboradas pelos achados da pesquisa realizada por Coelho *et al* (2018) com egressos de uma universidade do Nordeste, que identificaram que há pouco incentivo por parte dos professores para atuação no mercado de escritórios de contabilidade, sendo o foco direcionado à formação de acadêmicos, por meio do estímulo de atividades como monitoria, extensão e pesquisa.

A entrevistada CE11 problematiza acerca da ausência do ensino do cálculo do imposto de renda pessoa física nas grades, e sugere que a carência de preparo desses profissionais pode influenciar na escolha de atuação em outras áreas alheias à contábil: “A gente sai da faculdade sem saber fazer um imposto de renda pessoal. Então daí você já imagina, eu tenho n pessoas que eu conheço, que se formaram ciências contábeis e aí viraram bancários etc. E elas não sabem nada da prática, da rotina.” (CE11).

Carillo (2017) argumenta que pelo fato de grandes corporações sempre estarem a frente das necessidades de mercado, ao identificarem o perfil do profissional desejado e a escassez desse perfil no mercado de trabalho, então promovem a oferta de capacitação para os seus colaboradores. O que pode não ser a realidade dos escritórios de pequeno porte, restando aos profissionais buscarem por uma capacitação extra.

Hoje a graduação, ela não te prepara para o mercado. Então aquele que quer entrar no mercado tem que buscar algo mais, cursos paralelos (E10).

Tem muito mais curso interessante aqui fora para preparar galera do que a faculdade. Cursos avulsos, muito mais específico que vai no âmago da questão para trazer o resultado do que os quatro anos de faculdade não... é triste, né, mas é a realidade C(E4).

Cabe muito também da proatividade de cada um buscar. Eu quando eu saí, eu não estava 100% preparada para o mercado, porque não preparar de uma forma que não seja só o conteúdo programático e sim cursos extras, de sistemas, de Excel, inglês, (...) Iam ter profissionais com um pouco mais de consciência do que vão enfrentar, não é? CT1).

Os entrevistados frisam a necessidade da realização de cursos extras para complementar a formação oferecida pelos cursos de graduação. Estando alinhados com os entrevistados de Dantas (2020) que afirmaram que todo o conhecimento que possuem sobre as tecnologias da Indústria 4.0 são de fora do ambiente acadêmico, oriundos de rodas de negócios com empresas de auditoria externa e cursos realizados por conta própria.

Já dados da pesquisa de Silva *et al* (2020) indicam que, embora considerem relevante, apenas 64% dos respondentes buscaram atualizações voltada à tecnologia por conta própria, indicando uma demanda por capacitação ainda em aberto. O entrevistado CE10 explica sobre o programa de educação continuada ofertado pelo sistema CRF/CRC, de forma a contribuir e complementar a formação dos profissionais, com cursos gratuitos e online. “O sistema CFC/CRC, trabalha um pouco mais próximo dessa realidade. Nós temos cursos, temos um

programa de educação continuada (...) Então assim, ele contribui bastante nesse sentido” (CE10).

“Zero preparadas. As pessoas ainda vêm com muito débito e crédito.” (CE4).

O entrevistado CE4 pontua críticas à metodologia, com foco ainda no tratamento dos dados. Segundo o entrevistado, o corpo docente precisa se atualizar às demandas mercadológicas, muito dos quais *“nunca trabalharam e só são catedráticos”*, incorporando conhecimento tecnológico na forma de ensinar.

Eu não tenho crítica à grade, eu tenho que criticar a forma com que é ensinado. Acho que a grade, ela é abrangente. Mas ainda na questão do tratamento de dados, não na análise de dados. Até porque os professores são professores da antiga, com outra metodologia que precisam ser renovados, que precisa ter conhecimento tecnológico para trabalhar ou ensinar ou educar, de uma maneira que o mundo tá pedindo aqui fora. Muitos professores nunca trabalharam ou só são catedráticos (CE4).

As falas são corroboradas por Coelho *et al* (2018), que identificaram que contadores e professores concordam ser necessário que o corpo docente obtenha experiências profissionais além do magistério, a fim de ofertar aulas mais práticas, baseadas no que ocorre no mercado. Segundo a mesma linha, Lopes *et al* (2021) afirmam que a educação contábil se encontra desatualizada, principalmente no que tange aos professores, e os achados de Dantas (2020), indicam que as universidades não estão preparando adequadamente seu corpo docente para atuarem em um mercado regido pela Indústria 4.0.

“Acho que falta um curso que te inspira mais nessa parte mais tecnológica, entendeu?” (CT8).

Eles estão com umas grades arcaicas, que eu acho que talvez na época que o meu pai fez técnico em contabilidade, eram basicamente as mesmas matérias, só que para aquela época era coerente (CE10).

Eu acho que o curso, ele ainda que molda muito daquela forma ali, mais é como eu posso dizer, mais arcaica mesmo da parte, né? acho que falta um curso que te inspira mais nessa parte mais tecnológica, entendeu? (CE8).

Os entrevistados fazem críticas às grades dos cursos, ao adjetivarem de “arcaicas”, frisando a necessidade de inserção de um conteúdo mais tecnológico nas mesmas. Cardoso e Silva (2014), ao analisarem o Projeto Político Pedagógico (PPP) de um curso de ciências contábeis de uma universidade federal, constataram que contempla parcialmente as mudanças tecnológicas ocorridas no mundo do trabalho, abrangendo de forma pouco significativa as competências e habilidades relacionadas às tecnologias de informação. AL-HTAYBAT, VON

ALBERTI-ALHTAYBAT e ALHATABAT (2018) afirmam que “o ensino está falhando com seus graduandos, pois falta instrução tecnológica suficiente”; constatando assim que os países em que foram coletados os dados (Estados Unidos e Reino Unido) também compartilham da mesma deficiência.

A fala da entrevistada da CE5 alerta para a necessidade de atualização e inserção de conteúdo voltado para novas tecnologias nas grades dos cursos, tais como o uso de *softwares*.

Falta muita coisa, eu percebo que já houve essa evolução, mas para sair um profissional para o mercado de trabalho assim, bem melhor, falta muita coisa. Principalmente na área de sistemas. Eles ainda são muito viciados nas planilhas de excel. A pandemia ela ajudou no sentido de fazer com que eles usem a tecnologia com mais facilidade, trocar as coisas, mas mesmo assim, a faculdade ensina, a grade precisa se atualizar, para isso, eu acredito que ainda falta (CE5).

Na mesma perspectiva, a entrevistada CT8 menciona sobre a renovação das grades por meio da inserção de disciplinas sobre tecnologias, com a justificativa de possibilitar o desenvolvimento de outras habilidades: “Então, acho que falta ainda ter uma renovação no curso, que englobe mais matérias sobre tecnologia. Algumas disciplinas que poderiam englobar essa parte, principalmente de softwares para pessoa já ir desenvolvendo essas outras habilidades.” (CT8).

O entrevistado CE2, no entanto, salienta a importância de não apenas ensinar a usar os sistemas, mas também como é feita a parametrização, tarefa essencial para quem tem planos de empreender no ramo contábil.

Lá da academia muitas vezes ele pega um sistema já parametrizado, às vezes pronto. E aí, muitas vezes ele pode não se aprofundar muito no conceito. Isso é perigoso, né. Porque quando você tem um conceito, né, você faz, seja no papel, seja na máquina, mas pode ser que quando você encontra pronto, se você não participar da implantação, você não consegue entender a dinâmica daquela coisa. (...) Mas por exemplo quando você abrir um escritório de contabilidade, você vai implantar, você precisa primeiro lidar, implantar o sistema, parametrizar o sistema, entender como o sistema pensa, quais são as ferramentas, as integrações, e aí você lida com um série de fatores, Arquivo Xml, arquivo fx, agora lá se integra e dá erro, e aí? A contabilidade hoje, os livros são eletrônicos então você tem que mandar uma ECD da vida, uma ECF, tem que fazer vínculo de plano de conta. Então, é tecnologia pura, não é? (CE2).

Acerca do tema, Mohammad *et al* (2020) conjecturam que em breve as grades dos cursos de contabilidade irão incluir disciplinas relacionadas à programação e IA voltadas as rotinas contábeis, de modo a aprimorar o conjunto de habilidades.

Quanto a ausência de preparo para o mercado de trabalho mencionada previamente, de maneira reiterada, os entrevistados atribuíram à falta de aulas com práticas contábeis, conforme falas a seguir:

A prática, eles não têm a prática. É tudo muita teoria e embora a teoria deles, eu acredito que já tenha melhorado muito para função do mercado de trabalho, empresas e tal (CE5).

Ele vem com toda a parte conceitual boa, né? Mas existe uma engrenagem que funciona, que realmente requer a prática. Então a gente passa muito por isso aqui. Porque falta justamente essa questão prática (CE2).

Não tive uma disciplina que era voltada para esse campo mais tecnológico, mesmo que fosse com softwares contábeis, sabe? Essa que estão mais práticas que leva o aluno a desenvolver mais essa parte de tecnologia mesmo. Eu acho que, pelo menos no meu currículo, era um curso que ele era sempre muita leitura e tal (CT8).

Os achados conversam com os dados de Coelho *et al* (2018) ao revelar certa insatisfação dos egressos quanto a falta de aulas práticas, ao correlacionar com a dificuldade de inserção dos profissionais no mercado de trabalho.

Os entrevistados CE6 e CE10 frisam que as lacunas deixadas pela academia são preenchidas quando o profissional consegue se inserir no mercado de trabalho, e ressaltam a importância de se criar uma ponte entre a teoria e a prática, sugerindo como solução a criação de escritórios modelo e laboratórios de prática.

Algumas lacunas que são preenchidas pelo mercado de trabalho. Alguns alunos eram muito bons lá no primeiro período e continuaram só estudando, e outros de repente não eram tão bons, mas fizeram um estágio ou foram trabalhar num escritório, você via, como abria a mente. (...) Então, eu acho que é um pouco dessa vivência da prática ou dos conhecimentos talvez de laboratórios mesmo. Talvez os próprios professores estimularem mais dessa coisa também, não ficar só no discurso, e ter mais uma aplicação exemplar, prática, né? A coisa do escritório modelo. Então, acho que isso poderia contribuir bastante. Mas eu vejo como importante essa ligação entre a teoria e prática (CE6).

Quando é que você vai começar a se preparar para o mercado de trabalho? É quando você senta e coloca a mão na massa, é num estágio, é no emprego, quando você perder o medo de trabalhar. Um profissional hoje que sai da universidade, não passou por nenhum tipo de experiência concreta não está preparado para poder entrar no mercado. Ele mesmo se sente com medo de assumir essas responsabilidades. A gente não tem laboratório de prática (...)? Então, eu acho que a Universidade precisa em algum momento rever, separar o que é teoria, o que é prática (CE10).

Os entrevistados elucidam um esforço das faculdades (ambas privadas) em adaptarem as grades curriculares com inserção de aulas práticas com uso de ERPs para treinamento dos alunos.

As pessoas da contabilidade, a crítica era a seguinte: ser inserido no mercado, e só saber a teoria. A prática, quase zero. Então, assim, eu tenho visto que a grade curricular tem se adaptado. Tenho olhado as grades curriculares. E realmente tem inserido, eles inseriram esse material mais prático, informatizado. Cada faculdade tem um ERP, tem um programa específico para treinar os alunos (CT3).

A última informação que eu tive é que a faculdade que eu me formei estava fazendo parceria com uma ferramenta contábil, sistema contábil (CT1).

Já o entrevistado CT9 adverte que a academia vem buscando um caminho para superar tal questão, porém ainda enxerga como um problema nas instituições públicas devido à falta de

recurso: “As instituições de ensino dos cursos de contabilidade estão se adequando a isso. Isso ainda está muito nu, não é? Estão tentando ainda buscar o caminho para isso. Eu vejo um problema nas instituições públicas. Porque hoje, elas não têm muito recurso para isso” (CT9).

A entrevistada CE11 desabafa: “Acredito que precisa mudar muitas coisas na graduação, que tinha que ter mais prática. Talvez eles coloquem muitas matérias que estão ali, meio que enchendo linguiça que você nunca mais vai precisar fazer nada com aquilo e tem pouca prática” (CE11). Os dados são corroborados com os achados de Silva *et al.* (2020) que indicam que a maior parte dos entrevistados consideram de alta relevância a oferta de disciplinas práticas voltadas para tecnologia nas grades do curso de ciências contábeis.

O entrevistado CT9, expõe que há uma ação em curso, por iniciativa do CFC, para atualização das diretrizes curriculares dos cursos de ciências contábeis, contendo a obrigatoriedade de inserção de núcleo de práticas contábeis nas grades curriculares.

Vamos lá, eu faço parte também da comissão docente do CRC do Rio de Janeiro. Sou um dos membros da comissão docente, já há 2 anos. E a gente foi convidado neste ano a discutir as novas diretrizes curriculares nacionais do curso de ciências contábeis. Porque as nossas diretrizes são de 2004. Convenhamos, está bem ultrapassado, então, uma das coisas que a gente reivindicou, o CFC levar para o MEC, porque a gente espera que em 2023 sejam publicadas as novas diretrizes curriculares nacionais do curso. Uma das coisas que a gente pediu foi inserir obrigatoriamente nas grades curriculares o núcleo de práticas contábeis. Nesse núcleo de práticas contábeis, a instituição vai ter que investir na tecnologia. O que é o núcleo de práticas contábeis? Como funciona? O núcleo de práticas contábeis funciona com um sistema acadêmico, um ou mais sistemas acadêmicos (CT9).

O CFC colocou em audiência pública minuta, através da plataforma Participa + Brasil, para alteração da Resolução CNE/CES nº 10, de 16 de dezembro de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, a qual recebeu 611 contribuições de profissionais, acadêmicos e estudantes (BRASIL, 2023). A proposta do Conselho, com a reformulação das diretrizes curriculares, é adequar o bacharelado em Ciências Contábeis à nova realidade do mercado, marcada por pautas como tecnologia, ciência de dados e sustentabilidade (MOLTER, 2022). Almeida (2020) concorda ao afirmar que o momento atual é oportuno para que o mercado e a academia se aproximem para superar os desafios trazidos pelas inovações disruptivas.

Foram apresentadas algumas ideias e alternativas ao problema da ausência de conteúdo prático nas grades curriculares. O entrevistado CT9 revela a parceria com um *software* contábil voltado para instituições acadêmicas, de forma gratuita. O que poderia ser uma boa solução para as instituições públicas contornarem o problema de falta de recursos.

Eu sou parceiro da Fortes Tecnologia, que é lá do Ceará. Eu utilizo o Web Contábil, o Web DP, uso deles com os meus alunos. Eu acho fantástico aquela Fortes Academy deles. A proposta deles é ótima. Porque eles, além de divulgarem o seu

produto, sua ferramenta, seu sistema, eles nos dão a possibilidade também, de forma gratuita, trazer para nossos alunos isso (CT9).

O entrevistado CT9, também menciona o Núcleo de Apoio Contábil Fiscal (NAF), que é um projeto promovido pela Receita Federal do Brasil (RFB) para parceria com instituições de ensino superior, em que é oferecido treinamento para fornecimento de serviços fiscais e contábeis gratuitos para pessoas físicas e jurídicas de baixa renda. Uma oportunidade para alunos atenderem ao público externo, sob a supervisão de docentes.

Eu tenho lá o NAF, você deve saber o que é o NAF. É o Núcleo de Apoio ao Contábil Fiscal da Receita Federal, onde a gente coloca lá os alunos para aprender educação fiscal e atender também contribuintes, né? De comunidade do entorno da instituição, para instruir, para auxiliar, fazer imposto de renda, orientações sobre ME (CT9).

Há mais de 270 unidades do NAF espalhadas pelo Brasil, inclusive em países da América latina que seguiram o modelo brasileiro (RFB, 2023). No entanto, ao analisar as universidades que possuem parceria, elas são majoritariamente as privadas. No Rio de Janeiro, a única universidade a contar com a parceria é a UFF, nos campuses de Volta Redonda e Macaé, indicando ser uma ferramenta subutilizada pelas instituições públicas.

O entrevistado CE2 apresenta a ideia de criação de uma spin-off, com o objetivo de oferecer serviços de escritórios de contabilidade para empresas de diferentes segmentos, sob a supervisão de um professor, ao longo do curso.

Eu não sei, se hoje os programas já estão pensando nisso, mas é terem uma espécie de laboratórios, né? (...) há sempre os estudos de grandes empresas, mas terem pequenos escritórios de contabilidade é, como fosse um laboratório, alguma coisa para a pessoa poder ter aquela vivência e pode fazer até um projeto social, de repente pegar umas microempresas, que não tem contabilidade, né? Ter lá um supervisor, está contabilizando aquela empresa, mandando as obrigações, contabilizando, né como se fosse uma como é que chama? Empresa Júnior? Essa spin-off né talvez fosse uma forma de terem um primeiro contato? Poxa, cada um vai e pega vai contabilizar 10 empresas, né? Do comércio, serviço, então, durante aqueles 4 anos de faculdade né, sei lá, tipo um estágio, ele está contabilizando e realmente entregando e com a supervisão, de repente, de um contador, um professor, ela começa a viver na prática. Toda aquela dificuldade, os erros da tecnologia, os problemas que dão, as inconsistências, que é legal, sai dali, sai, prepara disso, entendeu? (CE2).

Já o entrevistado CE10 explica sobre o projeto de desenvolvimento de um curso ofertado pelo CFC, em parceria com o Sebrae, com um ambiente simulado para aprendizado da prática do dia a dia de um escritório.

A gente está desenvolvendo um projeto junto com o Sebrae. Esse projeto, na verdade, são cursos que nós vamos oferecer, onde você vai aprender para o dia a dia, por exemplo, se botar na prática, você vai utilizar um sistema, né? Você vai ter ali um monitor orientador, um ambiente simulado. Que é isso que o profissional precisa. Até para aquele que precisa se recolocar no mercado de trabalho (CE10).

5 CONCLUSÕES

A realização desse estudo deve-se à necessidade de uma compreensão mais aprofundada a respeito dos impactos causados pela Revolução Tecnológica atualmente em curso no mundo dos negócios, que parte da literatura classifica como Contabilidade 4.0, e os seus reflexos no setor e profissionais contábeis. Como delimitação, optou-se por entender melhor o fenômeno vigente através das lentes dos profissionais contábeis atuantes em escritórios de contabilidade, segmento responsável por absorver a maior parte dos profissionais da área, e em que se notou que ainda não foi explorado em toda a sua potencialidade pelas pesquisas acadêmicas.

Para alcance dos objetivos propostos, e considerando os pressupostos ontológicos e epistemológicos que norteiam a presente pesquisa, o instrumento de coleta de dados usado foi a entrevista. O *Corpus* da pesquisa foi composto por profissionais contábeis que atuam em escritórios contábeis, sejam como empresários ou contadores. Como instrumento de análise, optou-se pela análise de conteúdo.

O primeiro objetivo específico, foi identificar a percepção do profissional contábil, atuante em escritórios de contabilidade, quanto à grade curricular dos cursos de ciências contábeis voltada para escritórios contábeis. De uma maneira geral, os entrevistados demonstraram uma percepção de que os cursos de graduação não vêm preparando os estudantes de maneira adequada para o mercado de escritórios de contabilidade no cenário da Contabilidade 4.0, sendo essa lacuna preenchida pelo próprio mercado. Argumentos citados foram: foco em uma visão débito/crédito, foco no ensino da contabilidade aplicada a empresas de capital aberto, ausência de disciplinas voltadas para tecnologia e laboratórios de prática contábil. Como possíveis alternativas, os entrevistados mencionaram a busca de cursos extras, parcerias com o mercado, criação de laboratórios de prática com uso de *softwares*, parceria com o NAF-RFB e atualização dos currículos dos cursos de ciências contábeis com a inserção de disciplinas da área tecnológica.

O segundo objetivo específico, foi compreender o perfil do novo profissional contábil, atuante em escritórios de contabilidade, com o advento das novas tecnologias. Concluiu-se, a partir da percepção dos entrevistados, que a figura do profissional preocupado com a escrituração e a entrega das obrigações fiscais, é substituída por um profissional engajado em resgatar a relevância da contabilidade gerencial, com uma mentalidade voltada para a análise de dados. Os dados indicam que é requerido desses novos profissionais, *soft skills* como capacidade analítica, proatividade e empatia, somada a *hard skills* de conhecimentos de tecnologia e programação. Os dados corroboram o indicado por Salento (2017), ao versar sobre

as mudanças qualitativas da força de trabalho, afirma que competências polivalentes e a capacidade de adaptação ganham maior relevância.

Os dados indicam que os profissionais respondem ao cenário de transformações tecnológicas, através da ressignificação da profissão. Uma vez que as tarefas repetitivas passaram a ser automatizadas, cabendo a esses profissionais buscarem desenvolver habilidades ainda não dominadas por robôs.

No entanto, os dados trazem luz a uma preocupação já apontada pela literatura (STANCHEVA, 2019), de que muitos contadores não conseguirão desenvolver as novas habilidades requeridas pelo mercado e permanecerão nas tarefas operacionais. Tais profissionais ao cederem à retórica de desenvolvimento de novas competências, estão absorvendo um processo que implica em investimentos financeiros e emocionais, que transcendem a simples aquisição de habilidades prontamente disponíveis.

O terceiro objetivo específico, foi identificar quais as principais oportunidades proporcionadas frente ao cenário de *Uberização* para profissionais atuantes no mercado de escritórios contábeis. Dentre as oportunidades elencadas pelos contadores, foi destacada a possibilidade de trabalhar de casa e aumento da qualidade de vida, além da possibilidade de geração de uma renda incremental, e captação de clientes, para aqueles que desejam empreender. Argumentos alinhados com os usados pelos defensores do modelo *Gig* (RAVENELLE, 2017; ZWICK, 2017; BERG *et al.*, 2018; GLEIM, JOHNSON & LAWSON, 2019; FILHO, 2021).

Para os profissionais contábeis entrevistados, há a percepção de que a utilização de plataformas como a Uber no setor contábil, seria uma oportunidade para aqueles que desejam ingressar no mercado de trabalho e ganhar experiência, diante de um cenário de redução de ofertas de vagas ocasionadas pelo avanço tecnológico. Achados alinhados com o defendido por Filho (2021).

Já os empresários contábeis mencionam a geração de economia para as empresas por meio de mão de obra com um custo reduzido, corroborando o indicado pela teoria de que a contratação por tarefas se destina àqueles que buscam extrair um serviço a baixo custo (ANTUNES, 2018; GARCIA-PARPET & BEVILAQUA, 2020). Além de argumentos como expansão geográfica da empregabilidade e fomento da economia, também já pontuados pela literatura (TODOLI-SIGNES, 2017; KÄSSI & LEHDONVIRTA, 2018).

O quarto objetivo específico, foi identificar quais os principais desafios proporcionados frente ao cenário de *Uberização* para profissionais atuantes no mercado de escritórios contábeis. A partir dos dados, foram identificados fatores como a criação de subempregos e ausência de

segurança trabalhista como as principais ameaças do fenômeno, questões já mencionadas por diversos autores (BERG *et al.*, 2018; TESSARINI & SALTORATO, 2018; FILGUEIRAS & ANTUNES, 2019; ANTUNES, 2020; WOODCOCK & GRAHAM; 2020; GLEIM, 2019; GARCIA-PARPET & BEVILAQUA, 2020).

Como objetivo geral, o presente estudo buscou compreender a percepção dos profissionais de contabilidade atuantes em escritórios contábeis diante do fenômeno da *Uberização* e seus efeitos para o mercado de trabalho contábil. Os contadores, de uma maneira geral, percebem que o modelo de negócios da Uber desponta como uma tendência para o setor contábil, vindo a exercer influência no mercado, e a maioria dos entrevistados possui uma percepção otimista e de não-ameaça ao cenário de *Uberização* da Contabilidade.

É possível perceber na fala dos entrevistados que não são considerados os pontos indicados pela literatura, exceto pela menção de instabilidade e criação de subemprego. Apesar desses profissionais possuírem uma visão otimista, não estão alinhados com a literatura, não percebendo uma possível precarização do trabalho e perda de direitos trabalhistas apontados pela teoria (BERG *et al.*, 2018; TESSARINI & SALTORATO, 2018; FILGUEIRAS & ANTUNES, 2019; ANTUNES, 2020; WOODCOCK & GRAHAM; 2020; GLEIM, 2019; GARCIA-PARPET & BEVILAQUA, 2020).

Percebe-se que os empresários contábeis reproduzem o discurso das empresas de tecnologia, ao defender a *Gig Economy* com argumentos de desenvolvimento econômico e expansão geográfica dos postos de trabalho (TODOLI-SIGNES, 2017; KÄSSI & LEHDONVIRTA, 2018).

Como em qualquer ambiente de disrupção, é crucial considerar as possíveis vantagens e desvantagens na adoção de um modelo, assim como possíveis interesses escondidos por trás de discursos reproduzidos. Além das preocupações levantadas como a precarização do trabalho e a perda de direitos trabalhistas, é possível acirrar uma disputa por preços mais baixos, resultando em uma maior desvalorização dos serviços contábeis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como limitação do presente estudo, pode-se citar a dificuldade em encontrar artigos científicos que abordassem especificamente a interseção entre a *Gig Economy* e o setor contábil. Embora existam diversos estudos acerca da *Gig Economy* e suas implicações para o mundo do trabalho, a literatura acadêmica que abrange o mercado contábil é limitada.

Outra limitação reside em que uma porção das entrevistas foi conduzida com empresários contábeis e contadores contratados que compartilham o mesmo ambiente de trabalho nos escritórios contábeis examinados. Tal abordagem pode resultar em um viés de resposta, onde as opiniões dos contadores contratados podem estar sujeitas a atenuações ou, possivelmente, não serem plenamente reveladas. A dinâmica existente entre empresários contábeis e contadores contratados pode influenciar a disposição destes últimos em expressar livremente suas percepções, criando um potencial desafio na obtenção de uma visão completa e imparcial das experiências e perspectivas dos profissionais contábeis envolvidos. Essa limitação deve ser considerada ao interpretar e generalizar os resultados desta pesquisa, ressaltando a necessidade de futuras investigações que possam abordar de maneira mais abrangente as diversas vozes e dinâmicas presentes nos ambientes de trabalho contábeis.

Outro aspecto relevante a ser considerado é que uma parcela dos entrevistados são membros do Conselho Federal de Contabilidade (CFC). Observa-se que as percepções dos entrevistados podem estar alinhadas com os discursos reproduzidos pelo referido órgão profissional. Recomenda-se, portanto, a implementação de pesquisas adicionais utilizando a técnica de análise de discurso das notícias veiculadas pelo CFC sobre o tema da tecnologia e contabilidade 4.0. Tal abordagem poderia proporcionar uma compreensão mais aprofundada das perspectivas e posicionamentos disseminados pelo conselho em relação às interseções entre tecnologia e práticas contábeis contemporâneas. Essa análise contribuiria para contextualizar e enriquecer as conclusões da presente pesquisa, oferecendo uma visão mais abrangente das influências externas que podem moldar as percepções dos profissionais contábeis.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C; AMORIM, H; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-116484>
- ACCA. Professional Accountants – The Future. 2016 Disponível em <https://www.nba.nl/globalassets/projecten/visie/professional-accountants---the-future.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020
- AL-HTAYBAT, K.; VON ALBERTI-ALHTAYBAT, L.; ALHATABAT, Z. Educating digital natives for the future: accounting educators' evaluation of the accounting curriculum. **Accounting Education**, v. 27, n. 4, p. 333-357, 2018.
- ALMEIDA, J. E. F. Revolução tecnológica no mundo dos negócios e algumas oportunidades e desafios na área contábil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 14, p. e165516-e165516, 2020.
- ALMEIDA, M. S.; VIEIRA, E.T. V.; BENNETT, F. L. Formação de Preço para Honorários Contábeis: Estudo de Caso em um Escritório de Campo Grande-Ms. **Revista Científica Hermes**, v. 25, p. 510-530, 2019.
- ALVES, B. R. *et al.* Ambiente de Negócios da Contabilidade: Uma Análise Comparativa dos Escritórios Tradicionais e Startups de Contabilidade. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 9, p. 244-260, 2020.
- ALVES, F. L. *et al.* Uma análise dos escritórios de contabilidade sobre a necessidade de aplicação das IFRS para Pequenas e Médias Empresas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 8, n. 3, 2014.
- ANDRADE, C. B. H.; MEHLECKE, Q. T. C. As Inovações Tecnológicas E A Contabilidade Digital: Um Estudo De Caso Sobre A Aceitação Da Contabilidade Digital No Processo De Geração De Informação Contábil Em Um Escritório Contábil Do Vale Do Paranhana/Rs. **Revista Eletrônica do Curso de Ciências Contábeis**, v. 9, n. 1, p. 93-122, 2020.
- ANTUNES, R.; FILGUEIRAS, V. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. Boitempo editorial, 2018.
- ANTUNES, R. Ideias de Esquerda. 2017. Disponível em: <https://esquerdadiario.com.br/ideiasdeesquerda/?p=275>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- APPELBAUM, D. *et al.* Impact of business analytics and enterprise systems on managerial accounting. **International Journal of Accounting Information Systems**, v. 25, p. 29-44, 2017.
- AQUINO, J. A. T. de .; MAZZAFERA, B. L. O domínio de tecnologias digitais na percepção de alunos do curso de ciências contábeis da Universidade Estadual de Londrina. **Laplace em**

Revista, [S. l.], v. 4, n. 3, p. p.168-179, 2018. Disponível em: <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/400>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ASLANERTIK, B. E.; YARDIMCI, B. A Comprehensive Framework for Accounting 4.0: Implications of Industry 4.0 in Digital Era. In: **Blockchain Economics and Financial Market Innovation**. Springer, Cham, 2019. p. 549-563.

BAKER, C. R.; BETTNER, M.S. Interpretative and critical research in accounting a commentary on its absence from mainstream accounting research. **Critical Perspectives on Accounting**, n. 8, p. 193-310, 1997.

BARDIN, I. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições Setenta, 1994.

BARTHES, R. Elementos de Simiologia (16. Ed.). São Paulo: Cultrix, 2006.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Editora Vozes Limitada, 2002.

BALDWIN, R. The globotics upheaval: Globalization, robotics, and the future of work. Oxford University Press, 2019.

BERG, J. *et al.* Digital labour platforms and the future of work. Genebra: International Labour Office, 2018.

BOYAR, D. Can accountants learn anything from Uber? Yes. LinkedIn, 2018. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/can-accountants-learn-anything-from-uber-yes-david-boyar/>. Acesso em: 8 maio 2023.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. Resolução CFC n.º 1.555, de 6 de dezembro de 2018. **Dispõe sobre o registro das organizações contábeis**. Brasília, DF, p. 1-6, 2018.

BRASIL. Particpa Mais Brasil. Proposta de Resolução Oriunda Do Conselho Federal De Contabilidade. [Brasília]: Particpa Mais Brasil,[2022]. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/proposta-de-resolucao-oriunda-do-conselho-federal-de-contabilidade> Acesso em: 09 mai. 2023.

BREDA, Z. I. Uma reflexão sobre os impactos da tecnologia na Contabilidade. CFC. 2019. Disponível em: https://crcgo.org.br/novo/wpcontent/uploads/2019/02/Artigo_Tecnologia_versaofinal.pdf. Acesso em: 8 jul. 2021

BRYNJOLFSSON, E.; MCAFEE, A. The second machine age. New York, 2018.

CANAN, I.; SOUZA, I. A. A.; DE OLIVEIRA, K.C. P. Representações Sociais da Contabilidade no Facebook. **Revista Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 20, n. 3, p. 314-331, 2017.

CARDOSO, B. G.; DA COSTA, S. A. A Mudança na Carreira do Profissional Contábil. **XIII**

Congresso AnpCont – AnpCont, São Paulo, 2019.

CARILLO, K. D. A. Let's stop trying to be “sexy” – preparing managers for the (big) data-driven business era. **Business Process Management Journal**, 2017.

CHAUÍ, M.; Convite à Filosofia (7ª edição). São Paulo: Editora Ática, 2000.

COELHO, C. *et al.* PRÁTICAS DOCENTES: UM ESTUDO NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS EM UMA UNIVERSIDADE DO NORDESTE. **Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI**, v. 5, n. 2, p. 55-78, 2018.

COELHO, D. W. C.; COELHO, D. J. C. Futuro da Profissão do Contador diante da Evolução Tecnológica e dos Riscos de Automação: Percepção dos Discentes do Curso de Ciências Contábeis da UFPE. **Anais do XII Congresso UFPE de Ciências Contábeis**, v.3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/SUCC/article/view/237106>. Acesso em: 16 set. 2020.

COELHO, P. M. N. **Rumo à indústria 4.0**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia e Gestão Industrial, Departamento de Engenharia Mecânica, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). Código de Ética Profissional do Contador está em audiência pública. 2017 Disponível em: <https://cfc.org.br/destaque/codigo-de-etica-profissional-do-contador-esta-em-audiencia-publica/> Acesso em: 17 fev. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). Uma Reflexão sobre os Impactos da Tecnologia na Contabilidade. 2019. Disponível em: <https://cfc.org.br/destaque/uma-reflexao-sobre-os-impactos-da-tecnologia-na-contabilidade/> Acesso em: 24 abr. 2023

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). Educação Profissional Continuada. Disponível em: <https://cfc.org.br/desenvolvimento-profissional-e-institucional/educacao-profissional-continuada/>. Acesso em: 13 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. A profissão contábil abraça a tecnologia da informação. 2021. Disponível em: <https://cfc.org.br/noticias/a-profissao-contabil-abraca-a-tecnologia-da-informacao/> Acesso em: 03 jul. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). Coordenadoria de Registro Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade. 2023. Disponível em: <https://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConselhoRegionalAtivo.aspx>. Acesso em: 05 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). Desenvolvimento profissional e institucional - Educação profissional continuada. 2023. Disponível em: <https://cfc.org.br/desenvolvimento-profissional-e-institucional/educacao-profissional-continuada/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). 2023. Quantos somos. Disponível em: <https://cfc.org.br/registro/quantos-somos-2/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

CONTABILIDADE.NET. A rede dos contadores consultores do Brasil. 2023 Disponível em <https://contabilidade.net/> Acesso em: 27 abril. 2023.

COSENZA, J. P.; ROCCHI, C. A. Evolução da Escrituração Contábil: Desenvolvimento e utilização do sistema tríplice no Brasil. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ* (online), Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 2 - 23, jan/abr., 2014.

COUTINHO, F. A Uberização da contabilidade. *Jornal Econômico*, 2016. Disponível em: <https://jornaleconomico.pt/noticias/a-uberizacao-da-contabilidade-156314>. Acesso em: 8 maio 2023.

COVALESKI, M. A.; DIRSMITH, M. W.; SAMUEL, S. Social constructionist research in accounting: a reflection on the accounting profession. In: **The Routledge Companion to Qualitative Accounting Research Methods**. Routledge, 2017. p. 41-59.

DA SILVA, D. D.; CARDOSO, T. A. O.; FLÁVIO, A. C. C. Percepções da Contabilidade Sob a Ótica das Empresas. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2019.

DANTAS, C. C. de C. **A influência da Quarta Revolução Industrial no exercício do Profissional Contábil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Departamento de Finanças e Contabilidade, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

DE JESUS, C. G. Industry 4.0 and Changes on Labor Market: a Literature Review. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 45313-45328, 2020.

DELOITTE INSIGHTS, Leading the social enterprise: Reinvent with a human focus. 2018. Disponível em https://www2.deloitte.com/content/dam/insights/us/articles/5136_HC-Trends-2019/DI_HC-Trends-2019.pdf Acesso em: 8 junho 2023.

DE STEFANO, V. The rise of the just-in-time workforce: On-demand work, crowdwork, and labor protection in the gig-economy. **Comp. Lab. L. & Pol'y J.**, v. 37, p. 471, 2016.
DESHMUKH, Ashutosh. **Digital accounting: The effects of the internet and ERP on accounting**. IGI Global, 2006.

DIER, A. C. **Contabilidade digital**. Monografia (Especialização em Controladoria) - Programa de Pós-Graduação de Contabilidade, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

DOS SANTOS, B. L. *et al.* Profissão contábil em tempos de mudança: Implicações do avanço tecnológico nas atividades em um escritório de contabilidade. **Revista Contabilidade e Controladoria**, v. 11, n. 3, 2020. <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v11i3.71765>

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, v.24, p. 213-225, 2004.

EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, R.; LOWE, A. *Management Research* (Fifth Edition ed.). London: Sage Publications, 2015.

FANA, M. *et al.* **Telework, work organisation and job quality during the COVID-19 crisis: a qualitative study**. JRC Working Papers Series on Labour, Education and Technology, 2020.

FILHO, L. S. **O trabalho na gig-economia: um estudo com gig-trabalhadores motoristas de aplicativos, à luz da psicodinâmica do trabalho**. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, R. A. *et al.* A importância do Contador nas organizações. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, v. 11, 2014.

FRANCO, Geovane *et al.* Contabilidade 4.0: análise dos avanços dos sistemas de tecnologia da informação no ambiente contábil. **CAFI-Contabilidade, Atuária, Finanças & Informação**, v. 4, n. 1, p. 55-73, 2021.

FREY, C. B.; OSBORNE, M. A. The future of employment: How susceptible are jobs to computerisation?. **Technological forecasting and social change**, v. 114, p. 254-280, 2017.

GARCIA-PARPET, M. F.; BEVILAQUA, C. As novas economias digitais: impacto sobre o trabalho e GIG Economy: resenha bibliográfica e questões a respeito no Brasil [Estudos e Perspectivas para o futuro do trabalho, v. 1, n. 1, set. 2020]. 2020.

GET NINJA. O que é o GetNinjas? 2023. Disponível em <https://www.getninjas.com.br/>
Acesso em: 27 abril. 2023.

GHOBAKHLOO, M. Industry 4.0, digitization, and opportunities for sustainability. **Journal of cleaner production**, v. 252, p. 119869, 2020.

GLEIM, M. R.; JOHNSON, C. M.; LAWSON, S. J. Sharers and sellers: A multi-group examination of gig economy workers' perceptions. **Journal of Business Research**, v. 98, p. 142-152, 2019. DOI: 10.1016/j.jbusres.2019.01.041

GIMÉNEZ-NADAL, J. I.; MOLINA, J. A.; VELILLA, J. Trends in commuting time of European workers: A cross-country analysis. **Transport Policy**, v. 116, p. 327-342, 2022.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n4/a08v35n4.pdf>

GONDIM, S. M. G.; BENDASSOLLI, P. F. Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 2, p. 191-199, 2014.

GORDON, R. The rise and fall of American growth: The US standard of living since the civil war. Princeton University Press, 2017.

GRADY, M. P. **Qualitative and action research: A practitioner handbook**. Phi Delta Kappa International, 1998.

HENDRIKSEN, E. S.; BREDA, M. F. V. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas. 1999.

HOBBSAWM, E. J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Forense-Universitária, 2003.

HOMERO JUNIOR, P. F. Paradigma e Ordem do Discurso da Pesquisa Contábil Brasileira. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, v. 10, n. 1, p. 39-53, 2017.

HOWE, J. *et al.* The rise of crowdsourcing. **Wired magazine**, v. 14, n. 6, p. 1-4, 2006.

LEOPOLD, T. A.; RATCHEVA, V.; ZAHIDI, S. The future of jobs report 2018. In: **Geneva: World Economic Forum**. 2018.

LEE, M. *et al.* How to respond to the fourth industrial revolution, or the second information technology revolution? Dynamic new combinations between technology, market, and society through open innovation. *Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity*, v. 4, n. 3, p. 21, 2018.

INTERNATIONAL FEDERATION OF ACCOUNTANCY (IFAC). Gen Z Groundbreakers: Preparing for a new world of finance. 2018. Disponível em: https://www.accaglobal.com/content/dam/ACCA_Global/professional-insights/groundbreakers-gen-z/PI-GEN%20Z-GROUNDBREAKERS.pdf Acesso em: 8 maio 2023.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). The role of digital labour platforms in transforming the world of work. 2021. Disponível em https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_771749.pdf Acesso em: 8 maio 2023.

KAGERMANN, H.; WAHLSTER, W.; HELBIG, J. Recommendations for implementing the strategic initiative Industrie 4.0: Final report of the Industrie 4.0 Working Group. **Forschungsunion: Berlin, Germany**, 2013.

KALLUNKI, J.; LAITINEN, E. K.; SILVOLA, H. Impact of enterprise resource planning systems on management control systems and firm performance. **International Journal of Accounting Information Systems**, v. 12, n. 1, p. 20-39, 2011.

KASSAI, S. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. **Caderno de estudos**, n. 15, p. 01-23, 1997.

KÄSSI, Otto; LEHDONVIRTA, Vili. Online labour index: Measuring the online gig economy for policy and research. **Technological forecasting and social change**, v. 137, p. 241-248, 2018.

KIM, V.; COGHLAN, A. **Measuring the Factors of Teleworking Productivity and Engagement in a New Reality of COVID-19: The Case of Austria, Germany and Russia.** 2020. Tese de Doutorado. Wien.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**, São Paulo: Perspectivas, 2001.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre.** Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142, 1999.

LIPTON, B. H. **A biologia da crença**. Butterfly Editora, 2007.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A.; NASCIMENTO, S. Empresas prestadoras de serviços contábeis sob a ótica do comprometimento organizacional e a satisfação no trabalho. **Revista Contabilidade e Controladoria**, v. 11, n. 2, 2020.

LOMBARDO, M.; DUARTE, R. D. Contabilidade Online X Contabilidade Digital. 2017. Disponível em <https://www.robertodiasduarte.com.br/contabilidade-digital-e-contabilidade-online-qual-a-diferenca/>. Acesso em: 18 out. 2020.

LOPES, I. F.; BEUREN, I. M. Análise das Publicações Internacionais de Contabilidade Gerencial sob a Lente da Teoria Ator-Rede. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, v. 10, n. 2, p. 189-210, 2017.

LOURENÇO, R. L.; SAUERBRONN, F. F. Revistando Possibilidades Epistemológicas em Contabilidade Gerencial: em Busca de Contribuições de Abordagens Interpretativas e Críticas no Brasil. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 13, n. 28, p. 99-122, 2016.

LUKKA, K.; MODELL, S. Interpretative research in accounting: past, presente and future: **The Routledge Companion to Qualitative Accounting Research Methods**. Routledge, 2017. p. 36-54.

MACIEL, A. R.; MARTINS, V. A. Percepção da qualidade em serviços contábeis: Estudo de caso em um escritório contábil em Foz do Iguaçu/PR. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 6, n. 2, p. 95-113, 2018.

MARANGON, F. A, *et al.* Os Desafios do Contador frente à Tecnologia na Contabilidade. *Revista Conexão Eletrônica – Três Lagoas, MS.* V.14. n. 1, p. 1445 – 1452. 2017.

MARTINS, E. A. **Pesquisa contábil brasileira: uma análise filosófica**. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade)-Programa de Pós-graduação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. **268 f.** 2012.

MARTINS, E.; LISBOA, L. P. Ensaio sobre cultura e diversidade contábil. **Revista Brasileira de Contabilidade**, v. 152, 2005

MELO, I. C. *et al.* Sustainable digital transformation in small and medium enterprises (SMEs): A review on performance. *Heliyon*, 2023.
<https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2023.e13908>

MENI, C. Organização escritório ou empresa contábil: com o SPED, o debate ganha força no meio contábil. COAD, 2013. Disponível em: <https://www.coad.com.br/home/noticias-detalle/48946/organizacao-escritorio-ou-empresa-contabil-com-o-sped-o-debate-ganha-forca-no-meio-contabil>. Acesso em: 08 mai. 2023.

MOHAMMAD, S. J. *et al.* How artificial intelligence changes the future of accounting industry. **International Journal of Economics and Business Administration**, v. 8, n. 3, p. 478-488, 2020.

MOLTER, L. CFC coloca em audiência pública minuta que propõe mudança no currículo do curso de Ciências Contábeis. Disponível em: <https://cfc.org.br/destaque/cfc-coloca-em-audiencia-publica-minuta-que-propoe-mudanca-nocurriculo-do-curso-de-ciencias-contabeis/>. Acesso em: 12 set. 2022.

MOTA, P.; MARIANO, A. M.; MONTEIRO, S. B. S. Taxonomy of the Industry 4.0: Theoretical and Practical Contributions to a New Context. In: Pre-Print engrXiv, 2018. Pre-Print engrXiv, 2018.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

NANTAL, C. P. O direito do trabalho no contexto da GIG economy: análise da (in) suficiência da estrutura típica da relação de emprego diante das formas de trabalho emergentes. 2018.

NARDON FILHO, A. Da escrituração manual ao SPED: a reação do fisco com as empresas. Porto Alegre: Conselho Regional de Contabilidade de Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/13249211/livro-da-escrituracao-manual-ao-sped-contabilidade-nunes/15>. Acesso em: 01 mar. 2021.

NEDELKOSKA, L.; QUINTINI, G. Automation, skills use and training. OECD Social, Employment and Migration Working Papers, Paris, n. 202, 2018.

PAULESKI, R. K. Impactos da inteligência artificial no trabalho do profissional que atua em escritório de contabilidade: um estudo de caso. 2023. Disponível em <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/28160>

PARKER, L. D. The COVID-19 office in transition: cost, efficiency and the social responsibility business case. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 33, n. 8, p. 1943-1967, 2020.

PASSOS, G. D. A Uberização no Brasil: uma análise sobre as relações de trabalho na plataforma Uber. In: Anais do IX Colóquio de Moda, Design e Tecnologia, 2020. Disponível em: https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo23207_20201825.pdf. Acesso em: 8 maio 2023.

PEDROSA, P. H. C. NOGUEIRA, T. “Computação em Nuvem”. 2011. Disponível em: <https://www.ic.unicamp.br/~ducatte/mo401/1s2011/T2/Artigos/G04-095352-120531-t2.pdf> Acesso em: 01 fev. 2023.

PWC, Will robots steal our jobs? The potential impact of automation on the UK and other major economies. Disponível em: <https://www.pwc.co.uk/economic-services/ukey/pwcukey-section-4-automation-march-2017-v2.pdf> Acesso em: 30 nov. 2020

RAMOS, J. P.; PRASETYO, Y. T. The impact of work-home arrangement on the productivity of employees during COVID-19 pandemic in the Philippines: A structural equation modelling approach. In: **2020 The 6th International Conference on Industrial and Business Engineerin**. 2020. p. 135-140.

RAVENELLE, A. J. Sharing economy workers: selling, not sharing. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 10, n. 2, p. 281-295, 2017. DOI <https://doi.org/10.1093/cjres/rsw043>

RECEITA FEDERAL DO BRASIL. NAF - Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal. Disponível em: <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/assuntos/educacao-fiscal/educacao-fiscal/naf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

RENGEL, R. *et al.* PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO EM UM ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE EM PROCESSO DE SUCESSÃO FAMILIAR. **Revista Gestão Organizacional**, v. 13, n. 2, p. 6-25, 2020.

RICCIARDINI, C. Uberização à brasileira: os apps que transformam pessoas em companhias. Forbes, 2016. Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2016/09/uberizacao-a-brasileira-os-apps-que-transformam-pessoas-em-companhias/>. Acesso em: 8 maio 2023.

RYAN, B.; SCAPENS, R. W.; THEOBOLD, M. Research Method and Methodology in Finance and Accounting. London: Wouth Wester: Cengage Learning, 2002.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, n. 2, art. 6, p. 250-269, 2009.

SALDAÑA, Johnny. The coding manual for qualitative researchers. sage, 2016.

SALENTO, A. Digitalisation and the regulation of work: theoretical issues and normative challenges. **AI & SOCIETY**, v. 33, n. 3, p. 369-378, 2018.

SANTOS, M. I. C. *et al.* Tecnologias, Desempenho Financeiro E Transformações Na Profissão Contábil: um estudo nos escritórios de contabilidade da Região Nordeste do Brasil. In: XX USP International Conference in Accounting, 2020, São Paulo.

SANTOS, I. M. S; PAES, A. P.; LIMA, T. H. Claudino. Adoção e Uso da Contabilidade Digital: Uma Percepção de Organizações Contábeis. **Revista de Contabilidade e Controladoria (RC&C)**, v. 14, n. 1, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v14i1.82100>

SCHWINDT, M. C. S. ; COSTA, S. A. Os Principais Impactos da Inteligência Artificial na Contabilidade Gerencial. In: 18o Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2021, São Paulo. 18o Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2021.

SAUNDERS, B. *et al.* Saturation in Qualitative Research: Exploring Its Conceptualization and Operationalization. *Quality & quantity*, v. 52, n. 4, p. 1893-1907, 2018.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29937585/>

SCHWINDT, M. C. S.; COSTA, S. A. Os Principais Impactos da Inteligência Artificial na Contabilidade Gerencial. In: 18o Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2021, São Paulo.

SCHOLTZ, B.; MAHMUD, I.; RAMAYAH, T. Does usability matter? An analysis of the impact of usability on technology acceptance in ERP settings. **Interdisciplinary Journal of Information, Knowledge, and Management**, v. 11, n. 2016, p. 309-330, 2016.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. Edipro, 2019.

SEBRAE, Como montar um escritório de contabilidade. Disponível em:
<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-escritorio-de-contabilidade,7e687a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 27 dez. 2020.

SHI, Y. The Impact of Artificial Intelligence on the Accounting Industry. In **Advances in Intelligent Systems and Computing**. Springer Verlag, 2020. Vol. 928, pp. 971–978 https://doi.org/10.1007/978-3-030-15235-2_129

SILVA, A. G. A. **Sistema público de escrituração digital – SPED: uma análise dos impactos na visão de contadores e auditores fiscais na região metropolitana de Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, M. S. **As repercussões do Sistema Público de Escrituração Digital – SPED: uma análise da percepção de empresas, contadores e órgãos fiscalizadores na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado Profissional em Administração, apresentada a Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo – FPL, Pedro Leopoldo, 2012.

SILVA, M. A. Da; QUILLICI NETO, A. O currículo do curso de Ciências Contábeis no Brasil e em Portugal: aproximações e distanciamentos. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 18, 2018.

SILVA, G. O. *et al.* O impacto da tecnologia na profissão contábil sob perspectivas de pessoas com formação e/ou experiência profissional na área. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 72, p. 3, 2020.

SINGH, S. Companies see work-from-home as a viable long-term option if regulatory issues can be addressed. **The Economic Times**, 2020.

SMITH, M. Research methods in accounting. London: SAGE Publications, 2003.

SOARES, J. L. *et al.* Modelo de Gestão em Organizações Contábeis: Um estudo sobre a interação entre o grau de ambidestralidade e a maturidade do sistema de controle gerencial. *Gestão & Planejamento-G&P*, v. 21, 2020.

SOUZA, E.S.; GASPARETTO, V. Características e Impactos da Indústria 4.0: Percepção de Estudantes de Ciências Contábeis. **XXV Congresso Brasileiro de Custos** – Vitória, ES, Brasil, 12 a 14 de novembro de 2018. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4570> . Acesso em: 7 set. 2020.

STAATS, C.; DE MACEDO, F. As Inovações Tecnológicas e a Contabilidade Digital: Um Estudo de Caso sobre a Aceitação da Contabilidade Digital no Processo de Geração de Informação Contábil em um Escritório Contábil de Joinville/SC. **Revista Controladoria e Gestão**, v. 2, n. 1, p. 348-369, 2021.

STANCHEVA-TODOROVA, E. P. How artificial intelligence is challenging accounting profession. **Journal of International Scientific Publications" Economy & Business**, v. 12, p. 126-141, 2018.

SZUSTER, N. Temos do que nos orgulhar na Contabilidade brasileira. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 68, p. 121-125, 2015.

SZUSTER, N. *et al.* Contabilidade Geral: introdução à Contabilidade Societária. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2013.

TESSARINI, G; SALTORATO, Patrícia. Impactos da indústria 4.0 na organização do trabalho: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Produção Online**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 743-769, jun. 2018. ISSN 16761901. <https://doi.org/10.14488/1676-1901.v18i2.2967>.

THIRY-CHERQUES, H. R. *et al.* Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista PMKT*, v. 3, n. 2, p. 20-27, 2009

THOMAS, D. R. A general inductive approach for analyzing qualitative evaluation data. **American journal of evaluation**, v. 27, n. 2, p. 237-246, 2006.

THOMÉ, Irineu. Empresas de serviços contábeis: estrutura e funcionamento. São Paulo: Atlas, 2001.

TODOLÍ-SIGNES, A. The ‘gig economy’: employee, self-employed or the need for a special employment regulation?. **Transfer: European Review of Labour and Research**, v. 23, n. 2, p. 193-205, 2017.

VON MUHLEN, Al. *et al.* Isomorfismo institucional na contabilidade: uma pesquisa em um escritório contábil. **Revista Gestão Organizacional**, v. 12, n. 3, 2019.

WOODCOCK, J.; GRAHAM, M. The gig economy. **A critical introduction. Cambridge: Polity**, 2019.

WORLD ECONOMIC FORUM. The future of jobs: Employment, skills and workforce strategy for the fourth industrial revolution. Report. Genebra, 2017.

XAVIER, L. M.; CARRARO, W. B. W. H.; RODRIGUES, A. T. L. Indústria 4.0 e avanços tecnológicos da área contábil: perfil, percepções e expectativas dos profissionais. *Contexto*. Porto Alegre, RS. Vol. 20, n. 45 (maio/ago. 2020), p. 34-50, 2020.

ZWICK, A. Welcome to the Gig Economy: neoliberal industrial relations and the case of Uber. **GeoJournal**, v. 83, p. 679-691, 2018. DOI:10.1007/s10708-017-9793-8

APÊNDICE A – CONVITE PARA ENTREVISTA

Prezados colegas contadores,

Meu nome é Tereza Carvalho, sou Mestranda em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e estou desenvolvendo a pesquisa “A PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE CONTABILIDADE ATUANTES EM ESCRITÓRIOS CONTÁBEIS ACERCA DAS TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO”, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Almeida de Carvalho. Esse trabalho tem como propósito a produção de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGCC/UFRJ.

Dessa forma, ciente da concorrida agenda dos colegas de profissão, gostaria de consultá-los (as) se teriam interesse em participar de uma breve entrevista por chamada de vídeo, com duração média de 30 minutos.

Você não terá despesas e nem será remunerado pela sua participação. Todos os dados serão utilizados exclusivamente com finalidades científicas. Os benefícios e vantagens em participar dessa pesquisa são indiretos, proporcionando retorno social através da publicação dos resultados da pesquisa em periódicos científicos. A sua privacidade será mantida através da não divulgação do seu nome.

Antecipadamente, agradeço a colaboração.

Atenciosamente,

Tereza Cristina Brito de Carvalho

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

APRESENTAÇÃO

Apresentação pessoal, formação e atuação.

MERCADO DE TRABALHO

Você poderia falar um pouco sobre como percebe o mercado de trabalho atualmente?

E especificamente para os contadores? Como entende o mercado de trabalho para os contadores e a contabilidade hoje em dia.

De que maneira você acha que os contadores podem se inserir no mercado de trabalho atual?

TECNOLOGIAS

O que você entende por tecnologias? E novas tecnologias?

Como você vê a relação entre mercado de trabalho e (novas) tecnologias?

Você percebe alguma modificação? Me dê exemplos?

E o mercado de trabalho contábil, como pode ser influenciado pelas (novas) tecnologias?

Você percebe alguma modificação? Me dê exemplos?

Você já ouviu falar em contabilidade 4.0? O que acha que é isso?

CONTABILIDADE ON-LINE

Você conhece os sites de contabilidade on-line, como o Contabilizei? O que acha do trabalho deles? (investigar se existe a percepção de ameaça, oportunidade ou nenhum desses).

GIG ECONOMY

Você conhece as plataformas/aplicativos de entrega ou qualquer outro serviço? O que acha deles? Verificar se há alguma relação espontânea entre as plataformas e o mercado de trabalho.

E no mercado de trabalho? Como acha que esses aplicativos podem influenciar?

Especificamente sobre o mercado contábil, como você percebe o uso das plataformas?

PERFIL DO CONTADOR

O que fazer? Quais são as transformações no papel do contador diante desse cenário?

ACADEMIA

Como você enxerga o papel da academia nesse cenário?